

**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de História**  
**Programa de Pós-Graduação em História**

**Representações da Guerra dos Mil Dias**  
**Em Cem Anos de Solidão e Ninguém Escreve ao Coronel**

**Marina Procópio Rodrigues da Cunha**

**Brasília**  
**Agosto de 2014**

**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de História**  
**Programa de Pós-Graduação em História**

**Representações da Guerra dos Mil Dias**  
**Em Cem Anos de Solidão e Ninguém Escreve ao Coronel**

**Marina Procópio Rodrigues da Cunha**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cléria Botelho da Costa.

**Brasília**  
**Agosto de 2014**

## **Termo de Aprovação**

Marina Procópio Rodrigues da Cunha

### **Representações da Guerra dos Mil Dias**

#### **Em Cem Anos de Solidão e Ninguém Escreve ao Coronel**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História no programa de Pós-Graduação de História, Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cléria Botelho da Costa

Departamento de História, UnB

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucília de Almeida Neves Delgado

Departamento de História, UnB

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Salete Kern Machado

Departamento de Sociologia, UnB

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heloísa Barroso

Departamento de História, UnB

Brasília, Agosto de 2014

## Agradecimentos

Não acredito que venha a surpreender com a seguinte afirmação: este trabalho foi escrito com a ajuda de muitas pessoas bondosas e pacientes. Tive a sorte nos últimos anos de poder contar com a ajuda de amigos, professores e familiares que fizeram este trabalho possível. De novo, temo estar caindo em lugar comum. Mas sem sombra de dúvida, este trabalho não existiria sem a ajuda de todas as gentis pessoas que aqui menciono.

Agradeço à professora Cléria Botelho, por ter me orientado ao longo desta pesquisa, desde a monografia até o fim da dissertação de mestrado. Por sua paciência e bondade. Por não ter desistido de mim, mesmo quando mereci.

Agradeço à professora Sara Almarza que tanto me ensinou e que tantas oportunidades me deu. Agradeço por ter me aceitado em seu grupo de pesquisa e por ter perdoado todas as vezes em que falhei.

Agradeço a Lúcio Andrade Rodrigues da Cunha, meu pai, pela silenciosa e mais do que discreta companhia. Agradeço pelas revisões matutinas e pelas pizzas noturnas. Muito mais, agradeço a estabilidade, a benevolência, a mão firme que não me deixa soltar.

Agradeço a José Alberto Procópio Rodrigues da Cunha, meu irmão, por ter acampado comigo na sala durante os últimos dias de revisão. Passamos três dias virando a madrugada revisando o trabalho várias e várias vezes. Nunca reclamou, nem de cansaço, nunca pediu nada em troca. Simplesmente me ofereceu ajuda quando eu mais precisava. Simplesmente.

Agradeço à Edna Lourdes, por ter sempre estado comigo. Não presente, é claro, mas em minhas memórias de nossas aulas de poesia. Quando me iniciava, tão menina, no mundo do real não ser.

Agradeço também à Cristina Silveira, heroína de todas horas, que não só revisou todo o trabalho e fez inúmeras sugestões e apontamentos da mais alta importância como também me fez sentir capaz. Agradeço à minha madrinha do coração, à minha mãe postiça, ao meu referencial.

Agradeço por fim à Raquel Procópio Pires, minha mãe, pelas noites em que dormiu ao meu lado para que eu não me sentisse sozinha escrevendo de madrugada.

Agradeço por compreender todos os meus percalços, todos os meus apuros e por nunca ser capaz de dizer uma só palavra cruel. Agradeço por nunca duvidar de mim, por me fazer sentir adequada. Mas agradeço, talvez principalmente por ser, ainda muito antes que eu existisse, leitora de Gabriel García Márquez e por ter dividido comigo a sua vida e as suas paixões.

Não agradeço a essas incríveis pessoas somente a sua ajuda com o texto, a pesquisa ou à companhia. Não agradeço somente à paciência ou o amor. Agradeço a presença, acima de tudo. Realizar uma pesquisa como esta nos torna um tanto quanto solitários e arredios. As pessoas as que aqui me refiro me protegeram desta solidão. Se fizeram presentes. A elas agradeço imensamente.

**“Octubre era una de las  
pocas cosas que llegaban.”<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. **El Coronel no Tiene quien le Escriba**. Caracas. Venezuela: Biblioteca de Ayacucho, 1989 p. 3

## Resumo

Este trabalho se propõe a uma análise das representações da Guerra dos Mil Dias (1899 – 1902) contidas em duas das obras de Gabriel García Márquez: *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene quien le escriba*. Nesta dissertação partimos da hipótese de que é possível estudar a história por meio da literatura a partir das representações da realidade colombiana que esta contém. A literatura é fruto de seu tempo histórico e é possível compreender o mesmo na própria literatura. Trataremos não só da Guerra dos Mil Dias em si, mas da realidade política e cultural colombiana ao longo do século XIX e das muitas guerras civis que nele ocorreram. Esta análise será feita principalmente por meio de duas personagens das obras previamente mencionadas: o Coronel Aureliano Buendía – *Cien años de soledad* – e o Coronel inominado – *El coronel no tiene quien le escriba*. Ambos os personagens são veteranos da Guerra dos Mil Dias e pretendemos, ao nos debruçarmos sobre eles, fazer uma análise das representações da situação conflituosa que vivia a Colômbia no século XIX, a Guerra dos Mil Dias em si e da situação política que desta decorre. Também aqui nos interessa o legado político e econômico da guerra para a Colômbia do século XX. Este estudo se realizará sob a égide da metodologia qualitativa, que se encaminhará pelo viés da História Cultural. A análise das obras será feita levando em conta a interação das mesmas, uma vez que o universo de García Márquez é intensamente conectado e que a temática de ambas se justapõem.

**Palavras Chave:** Representação, Literatura, Guerra dos Mil Dias, Gabriel García Márquez.

## Abstract

This research proposes an analysis of the representations of the Thousand Days War (1899 - 1902) contained in two works of Gabriel García Márquez: *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene quien le escriba*. In this thesis we start from the hypothesis that it is possible to study history through literature from the representations of the Colombian reality it contains. Literature is the result of its historical time and it is possible to understand the said time in literature itself. We will address not only the War of the Thousand Days, but the political and cultural reality of Colombia throughout the nineteenth century and the many civil wars that took place in it. This analysis will be done mainly through two characters of the works previously mentioned: Colonel Aureliano Buendía – *Cien años de soledad* – and the unnamed Colonel – *El coronel no tiene quien le escriba*. Both characters are veterans of the War of the Thousand Days and here we intend to analyze the representations of the conflictive situation that Colombians lived in the nineteenth century, the War of the Thousand Days itself and the political situation that arises from it. We also take great interest in the political and economic legacy of the war for Colombia in the twentieth century. This study will be held under the auspices of qualitative methodology and it will follow the ways of Cultural History. The analysis of works here mentioned will be done taking into account the interaction between them, as the universe of García Márquez is strongly connected and that the theme of both works overlap.

**Key words:** Representation, Literature, Thousand Days War, Gabriel García Márquez

## SUMÁRIO

Introdução.....	09
1. A Colômbia do século XIX: Uma Nação em Conflito.....	13
1.1 Introdução.....	13
1.2 Uma História de Guerras civis.....	22
1.3 Os Partidos Liberal e Conservador.....	31
1.3.1 A disputa Religiosa entre os Partidos.....	40
2. A Guerra dos Mil Dias em Cien Años de Soledad.....	50
2.1 Introdução.....	50
2.2 Os Último Anos do Século XIX.....	57
2.3 A Guerra dos Mil Dias.....	66
2.4 Coronel Aureliano Buendía.....	82
3. O Legado da Guerra dos Mil Dias.....	103
3.1 Introdução.....	103
3.2 A Secessão do Panamá: Tragédia Política e Financeira.....	104
3.2 Pensões Vitalícias para Veteranos da Guerra dos Mil Dias: A Espera de uma Vida.....	115
Considerações Finais.....	134
Referências Bibliográficas.....	139
Declaração de Autenticidade.....	143

## INTRODUÇÃO

“O mundo da ficção literária é este mundo verdadeiro das coisas de mentira”<sup>1</sup>

A nova porta aberta ao longo das últimas décadas pelos estudiosos da cultura – a análise da literatura como representação da realidade – apresenta possibilidades tanto para os estudos de literatura, quanto para os estudos da história. Essa interface aqui muito nos interessa, pois abre possibilidades de grande peso e importância para a História Cultural. Neste trabalho, partimos do princípio de que o discurso literário e o discurso histórico são interconectados e que esta conexão abre interessantes possibilidades. Tais possibilidades serão por nós aqui discutidas e trabalhadas. Nesta pesquisa, pousaremos nossa lupa sobre a obra de Gabriel García Márquez, a sua interface com a realidade que representa e da qual é fruto.

Aqui nos dedicaremos a analisar representações concernentes à Guerra dos Mil Dias em duas obras do autor: *Cien años de soledad* e em *El coronel no tiene quien le escriba*. Ambas as obras são representativas da guerra mencionada e também tratam, em igual importância, da realidade pós – Guerra dos Mil Dias e a maneira como sobrevivem os seus veteranos. As representações acerca de tal período são de imensa relevância para esta pesquisa que será por nós analisada por meio dos personagens, dos trechos de evocação, dos cenários e da narrativa como um todo.

A escolha metodológica de ambas as obras para tratar de um mesmo assunto se baseia em sua apresentação temporal. Enquanto *Cien años de soledad* trata principalmente do século XIX, *El coronel no tiene quien le escriba* acontece completamente no século XX, mas especificamente nos anos de 1950. Na primeira obra, a espera pelas pensões aparece de maneira mais pontual uma vez que o livro se centra muito mais na Guerra dos Mil Dias em si. Já na segunda obra, a narrativa focaliza quase que exclusivamente a espera pelas pensões e nos dá a oportunidade de perceber também os conflitos políticos e a violência ainda existente entre os partidos Liberal e Conservador. *El coronel no tiene quien le escriba* também apresenta representações

---

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura**: uma velha-nova história in COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História e Literatura**: Identidades e Fronteiras. 1 ed. Uberlândia: Edufu, 2006. p. 22

acerca da situação em que viviam os veteranos do conflito durante uma ditadura conservadora chamada de *La Violencia*, da qual aqui trataremos.

A metodologia do estudo a que nos propomos se dá por meio da análise das obras de García Márquez mencionadas e, em especial dos personagens do Coronel Aureliano Buendía – *Cien años de soledad* – e do Coronel inominado – *El coronel no tiene quien le escriba*. Ambos os personagens são representativos dos veteranos da guerra estudada e sobreviveram ao conflito colombiano que marcou a história do país, a vida de seus cidadãos e, principalmente, daqueles que viviam na região da costa do Caribe. Ambos viveram as décadas seguintes de intenso embate político e sobrevivem para amargar na velhice a espera da pensão de veterano prometida. São representativos do veterano médio da Guerra dos Mil Dias, mas também de grandes nomes como o General Uribe Uribe. Assim, são de extrema importância para a compreensão da realidade daqueles que viveram o conflito.

*Cien años de soledad* trata da saga da família Buendía, responsável pela fundação do povoado de Macondo, cenário central da narrativa. A obra em si se estende do matrimônio dos patriarcas até a eliminação de seu último descendente ainda bebê. Durante este período, vemos o desenvolvimento da cidade que igualmente traz com estes conflitos políticos. A ascensão de tais conflitos políticos por meio da figura do Alcaide Don Apolinar Moscote se apresenta ao personagem de Aureliano Buendía, este que se tornará líder dos liberais em todo o Caribe Colombiano durante o auge da guerra. O conflito se estende por considerável parte da narrativa e seus desdobramentos políticos também tomam lugar. O período conflituoso conhecido como *La Violencia* será vivido pelos Buendías e por toda a população de Macondo.

Já em *El coronel no tiene quien le escriba* somos apresentados a uma narrativa pós – Guerra dos Mil Dias. Fora do círculo de Macondo, os personagens principais – um casal idoso, cujo marido é veterano do conflito – vivem em uma pequena cidade não identificada em uma preocupante situação de pobreza. O Coronel inominado – assim descrito pois nunca recebe um nome ao longo da narrativa – espera pela chegada da pensão dos veteranos durante todo o enredo, sem sucesso. Ao mesmo tempo também somos apresentados a um estado de violência política bastante severo que teve como uma das consequências a execução do filho do casal protagonista. Esta situação política é a *La Violencia*, também representada em *Cien años de soledad*.

Neste estudo trabalhamos com a hipótese de que a literatura é representativa do tempo em que foi produzida e transmite valores culturais de tal época. Estes valores

culturais incluem representações do passado, um passado relativo à Guerra dos Mil Dias, ou do presente, relativos ao período da *La Violencia*. Por esta razão fazemos um estudo da Guerra dos Mil Dias e das representações acerca do período utilizando a literatura como fonte.

É importante levar em conta a experiência pessoal do autor e a de sua família relativa à referida guerra. Em nenhum momento acreditamos que as representações presentes na obra de García Márquez são mais ou menos válidas por conta dos eventos que aqui narraremos. Julgamos, no entanto, que o conhecimento de tais fatos enriquece esta pesquisa.

Gabriel García Márquez é o que podemos chamar de descendente direto da Guerra dos Mil Dias. Filho de um veterano conservador e neto de um veterano liberal, o autor cresceu ouvindo histórias sobre honra, ódio, sangue derramado e também sobre as perspectivas políticas de ambos os lados do conflito. Em adendo, também cresceu ouvindo sobre a angustia da espera pela pensão dos veteranos e a humilhação a esta atrelada. Esperaram por tal pensão seu pai, seu avô e tantos outros homens de seu convívio.

Em sua autobiografia – *Vivir para contár-la* – o autor narra a sua infância e a sua convivência com o avô. Dá bastante ênfase à sua percepção da espera pela pensão não só deste mas de outros veteranos de seu convívio. Assim, fizeram parte das reminiscências de García Márquez não só as histórias de tempos passados, mas também os desdobramentos presentes do conflito. Desdobramentos estes como, por exemplo, a espera pela pensão de veterano que nunca chegou ou o status social de que seu avô gozava entre os demais moradores de Aracataca devido à sua patente durante a guerra, mesmo nos tempos de maiores dificuldades financeiras.

Parte desta pesquisa gira em torno da história da Colômbia, que é solo histórico da obra de García Márquez, em especial a região do Caribe. Terra natal do autor, o Caribe ambienta quase todas as suas obras. Mas não é só do sol abrasador, do mar amarelo, da poeira quente ou das castanheiras a que se refere, é também das cidades históricas de Cartagena de Índias, Santa Marta, Barranquilla e, principalmente, à Guerra dos Mil Dias.

Este conflito se passa, oficialmente, entre os anos de 1899 a 1902, foi uma guerra travada entre os partidos Liberal e Conservador que naquele momento lutavam por espaço político dentro de uma Colômbia já sulcada por intermináveis guerras civis.

Um dos principais motivos pelo qual se deu o embate foi a luta dos liberais pela instituição do estado laico. Em outubro de 1902, foram assinados os tratados de Neerlandia e Winsconsin, que puseram fim à guerra. Juntamente com outros liberais, Nicolás Márquez Mejías – avô de García Márquez – perdeu a guerra e esperou durante quase cinquenta anos, até o fim de sua vida, pela chegada da pensão de veterano prometida ainda nas terras de Neerlandia. Como para muitos de seus irmãos em armas, tal espera foi em vão.

No tocante ao embasamento teórico, procurou-se trabalhar o conceito de Representação a partir da literatura de Pesavento. Para a autora, as representações formam uma “realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas”<sup>2</sup>; substituiriam o mundo real, tomariam o seu lugar dentro do imaginário.

“Construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. Esta substituição do mundo por sua representação não significa que temos aí uma cópia fiel da realidade, ‘mas uma construção feita a partir dele’<sup>3</sup>”

A premissa é de que tanto *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene quien le escriba* carregam as representações pessoais do autor e de sua comunidade a respeito da Guerra dos Mil Dias e dos veteranos desta. Ambas as histórias, uma vez escritas, carregaram para sempre um pensamento característico do período em que foram concebidas, características de uma geração que conviveu com a espera da prometida pensão dos veteranos de guerra.

---

<sup>2</sup> PESAVENTO, Sandra Jataí. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 39

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 40

# Primeiro Capítulo

## A Colômbia do século XIX:

### Uma Nação em Conflito

“Nunca llegaremos a ninguna parte (...) Aquí nos hemos de pudrir en vida sin recibir los beneficios de la ciencia”<sup>4</sup>

#### 1.1 Introdução

Neste primeiro capítulo nos dedicaremos a tratar brevemente de *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene quien le escriba* – suas principais características e a relação com seu autor, Gabriel García Márquez. Tal análise tem por objetivo permitir compreender os aspectos essenciais das obras assim como também detalhes a respeito de sua construção. Uma vez tendo compreendido tais aspectos, seremos capazes de melhor nos dedicarmos ao objeto deste estudo: As representações da Guerra dos Mil Dias em *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene quien le escriba*. Análise esta que se dará ao longo dos três capítulos desta da presente dissertação.

Igualmente, para melhor compreendermos os eventos históricos da Guerra dos Mil Dias, vamos nos dedicar neste capítulo a um estudo dos antecedentes políticos e militares de tal conflito. Trataremos da maneira como estes acontecimentos históricos levaram à interiorização de identidades partidárias e rancores políticos que não só serviram de estopim para a dita guerra com também contribuíram para a violência especialmente acirrada desta – levando em consideração conflitos anteriores no mesmo país.

É importante reforçar aqui o propósito deste estudo: muito mais que esmiuçar os personagens de *Cien años de soledad* ou a infância de seu autor, este estudo se propõe a uma análise das representações relativas à Guerra dos Mil Dias construídas ao redor do texto. A obra de García Márquez como um todo é extremamente rica em detalhes acerca

---

<sup>4</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. *Cien Años de Soledad*. Bogotá: Alfaguara, 2007. p. 22

da identidade do Caribe Colombiano, de suas paisagens, de sua cultura e, igualmente, de seus conflitos. Sua literatura, principalmente os escritos até *Cien años de soledad*, se inscrevem num mesmo universo de personagens, de eventos e, pode-se dizer, de origem comum. São estes eventos históricos que aqui muito nos interessam, pois são representações de eventos históricos que aqui pretendemos estudar: Não só a Guerra dos Mil Dias em si, mas muitos de seus antecedentes políticos.

A recorrência de temas, personagens e nomes em toda a obra de Gabriel García Márquez forma um labirinto cognitivo que compõe a sensação de eterna repetição como percebe a própria Úrsula Iguarán – matriarca dos Buendía – que por diversas vezes se vê no olho do furacão de seus descendentes e afirma: “Es como si el mundo estuviera dando vueltas”<sup>5</sup>.

Como mencionado anteriormente, uma das características mais evidentes desta simultaneidade das obras em questão seja talvez a confluência de personagens. O próprio Coronel Aureliano Buendía se torna virtualmente onipresente ao longo da obra de García Márquez, aparecendo por vezes como personagem – *Cien años de soledad* – ou às vezes como figura lendária – *La hojarasca*, *La mala hora*, *Los Funerales de la Mamá Grande*, *Crónica de una muerte anunciada*.

Outros personagens de menor vulto também reencarnam em diferentes livros. Como exemplos, destacam-se o Belga, fotógrafo estrangeiro e enxadrista, que aparece não só em *La hojarasca* como em *El amor en los tiempos del cólera*; Candida Erendira que não se atém a sua novela particular, mas dá o ar de seus encantos e tristezas em *Cien años de soledad*; o médico de *La mala hora* aparece também no conto *Um dia destes* em *Los funerales de la Mamá Grande*; ou mesmo Rebeca – a irmã adotiva do Coronel Aureliano – que aparece tanto em *Cien años de soledad* como no conto *A siesta del sartre* e *Los funerales de la Mamá Grande*. A própria Mãe Grande – tão lendária como o Coronel Buendía - não se circunscreve somente ao seu conto, mas também aparece no livro máximo de Márquez - *Cien años de soledad*.

Essas aparições e reaparições não são gratuitas. A maioria dos personagens, na situação aqui apresentada, reaparecem em trechos de evocação, em histórias de ouvir falar. São representações de sua própria realidade, de sua própria família e de tipos específicos como, por exemplo, o médico sorridente ou o político Liberal. Ou ainda os

---

<sup>5</sup> Ibid., p. 338

<sup>5</sup> Em tradução livre: “Era como se o mundo estivesse dando voltas”

árabes ou turcos que sempre são apresentados como um bairro, uma rua, um grupo uníssono, porém à parte. García Márquez cria suas histórias enredadas num universo simbólico tal que, para elas, cria inclusive um folclore comum. Eles são parte da tradição e da memória dentro de seus livros e são representação da tradição e da memória fora destes.

Este denominador comum ficcional torna-se um recurso de representação da grande história. Um projeto de toda uma vida, cuidadosamente enredado nas representações do autor sobre o Caribe Colombiano e suas memórias – por vezes bastante pessoais e advindas da infância, por vezes coletivas ao ponto de serem partilhadas com toda a nação, ou ao menos com toda a sua região. Márquez não escreve somente sobre sua casa em Aracataca e os animaizinhos de caramelo de sua avó – como mencionaremos mais adiante – mas também sobre a Guerra dos Mil Dias e sobre o Massacre das Bananeiras, eventos de aporte nacional e internacional que moldaram a história de seu país.

Esse universo de representações se constrói desde o princípio de sua produção literária. Gabriel García Márquez já aos dezoito anos havia começado a escrever sua obra mais famosa, *Cien años de soledad*. À época, esta tinha outro nome, *La Casa*, pois pensava que a história deveria se circunscrever à casa dos Buendía. O livro não seguiu adiante, mas nem tão pouco foi abandonado pelo autor: “(a história de *Cien años de soledad* continuou rondando sua mente) uns quinze anos mais.”<sup>6</sup> Só é possível compreender tal panorama uma vez que se percebe que a história da obra aqui mencionada é, de alguma maneira, comum a todos os outros livros, uma vez que “(*Cien años de soledad*) era uma maneira de dar uma saída literária, integral para todas as experiências que de algum modo me tivessem afetado durante a infância.”<sup>7</sup>

Em *Cien años de soledad*, a Guerra dos Mil Dias ganha um papel central na narrativa. Esta marca a vida de vários dos personagens e influencia a trajetória da família Buendía. A guerra é relatada desde sua chegada a Macondo e segue, comandada pelo já então mitológico Coronel Aureliano Buendía, até o tratado de Neerlandia e a espera pelas pensões dos veteranos. A Guerra segue fazendo parte da narrativa mesmo depois da morte do mitológico coronel.

Em *El coronel no tiene quien le escriba*, a guerra já toma um viés narrativo distinto, é apresentada como um evento passado. Aqui o Coronel, personagem principal,

---

<sup>6</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cheiro de Goiaba**. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ:Record, 1985. p. 93

<sup>7</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. Op cit. (1985) p. 79

será apresentado como um veterano de guerra à espera de sua pensão, depois de quase meio século de finda a guerra. Numa escolha literária muito feliz, o Coronel nunca recebe um nome. Jamais, em momento algum do livro, há qualquer referência sequer ao sobrenome, embora sua identidade seja inclusive identificável em *Cien años de soledad*. Como trataremos melhor no terceiro capítulo, tal coronel é criado para representar todos os veteranos que morreram esperando pela pensão. Um homem sem nome porque é, ao mesmo tempo, todos os homens. Aqui, vamos nos referir a ele como o Coronel inominado.

A análise conjunta dessas duas obras permite-nos perceber que ambos os coronéis vivem o período pós-guerra, mas de maneiras diferentes: Um como lenda abatida - *Cien años de soledad* - e o outro, como oficial em miséria - *El coronel no tiene quien le escriba*. As duas projeções são de certa forma negativas, mas guardam muitas disparidades interessantes para este estudo.

Retomando as declarações de García Márquez, é importante ter em mente que uma parte muito significativa de ambos os livros – e seus personagens contíguos – advém de experiências vividas por ele. Na construção de seus personagens, cenários e enredos, o autor nos permite um vislumbre de sua vida, e a daqueles com quem divide suas memórias. As representações da cultura e da história colombiana, são não só do autor mas também dos próprios colombianos. Como mencionaremos em mais detalhes no segundo capítulo, muitos de seus personagens são representações de pessoas de sua própria família ou mesmo de personagens ilustres da história colombiana. García Márquez escreve sobre a Guerra dos Mil Dias – conhecida por ele através dos relatos compartilhados com seu avô –, sobre a espera pela pensão dos veteranos da guerra – parte de sua infância – e igualmente sobre o período da *La Violencia*<sup>8</sup>, que viveu durante a sua juventude.

Esta afirmação – de que García Márquez escreve, também, a partir de suas experiências – pode ser um pouco óbvia uma vez que tal característica é absoluto lugar comum na literatura. No entanto, é a partir de tal premissa que podemos nos dedicar a uma análise das representações em sua obra e a respeito do universo literário outrora mencionado.

---

<sup>8</sup> A *La Violencia* foi um período de intenso conflito armado que ocorreu entre 1946 e 1958. Este conflito se deu entre seguidores dos partidos Liberal e Conservador. No entanto, não foi uma guerra civil propriamente dita e não contou com o apoio oficial dos partidos em questão. Dois trágicos marcos deste período tão violento é o assassinato de Gaitán, candidato à presidência, e o posterior Bogotazo. Tal conflito será abordado, com mais detalhes, no capítulo três.

Se o personagem principal de *La Casa* – embrião de *Cien años de soledad* – seria a própria casa dos Buendía, a casa dos Márquez também nos é essencialmente significativa e a compreensão de seu papel representativo para o autor é decisiva.

Não é por uma escolha poética despropositada que o autor inicia sua autobiografia em sua viagem de volta à casa, quase duas décadas depois. É a casa em que reside o material simbólico que servirá de húmus para suas obras, das memórias ali construídas e constantemente reconstruídas, a casa – e tudo o que o autor viveu ali – é o pilar de suas histórias, assim como é o pilar de *Cien años de soledad*. O livro começa com a busca dos Buendía de um lugar para viver, a posterior construção da mítica residência e termina com um furacão que destrói a toda Macondo – inclusive a casa dos protagonistas.

“Nem minha mãe nem eu, é claro, teríamos podido imaginar que aquele cândido passeio de dois únicos dias seria tão determinante para mim que nem a mais longa e diligente de todas as vidas não me bastaria para acabar de contá-lo. Agora, com mais de setenta e cinco anos bem passados, sei que foi a decisão mais importante de todas as que tive de tomar na minha carreira de escritor. Ou seja: em toda a minha vida.”<sup>9</sup>

É a partir desta viagem, cujo intuito era justamente o de vender a casa dos falecidos avós, que o jovem Márquez – à época com apenas vinte e dois anos – se aparta da vida modesta e bastante exaustiva que vivia em Bogotá, onde já era jornalista, e se volta para um passado repleto de memórias fantásticas e transformadas pelos sentimentos ali vividos. E são essas lembranças agora tão vivas que nele despertam o desejo de falar de meninas que sobem aos céus ou da chuva de flores amarelas que acompanham um enterro.

García Márquez viveu até os oito anos na casa de seus avós, a emblemática casa de Aracataca. Sua mãe, dona Luíza Santiago, viajou até a casa dos pais para ali dar a luz a seu primogênito. Por motivos nunca realmente especificados<sup>10</sup>, os pais de Gabriel García Márquez foram embora, deixando o filho para ser criado pelos avós maternos. O pequeno Márquez só voltaria a ver sua mãe com sete anos<sup>11</sup>.

Tal constituição familiar foi decisiva para a construção de García Márquez como escritor: Sua relação com seu avô marca o princípio de sua percepção do mundo

---

<sup>9</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Viver para Contar**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 9

<sup>10</sup> MARTIN, Gerard. **Gabriel García Márquez: Uma vida**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010. p. 60

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 27

masculino e de suas representações acerca da Guerra dos Mil Dias<sup>12</sup>; de sua relação com sua avó advém seu contato com o universo do fantástico, com todo um constructo de superstições.<sup>13</sup>

“Não consigo imaginar um meio familiar mais propício para a minha vocação que aquela casa lunática, em especial pelo caráter das mulheres que me criaram.”<sup>14</sup>

Gabriel García Márquez cresceu numa casa cheia de mulheres, sendo ele e seu avô os únicos homens. A relação construída entre os dois foi de muita cumplicidade, o avô era a figura mais importante e mais querida na vida do pequeno e futuro autor.<sup>15</sup> Do avô, que o tratava de “meu pequeno Napoleão”<sup>16</sup>, e dessa relação tão próxima é que advém boa parte de suas memórias infantis, as quais irão constituir as suas representações quanto à sua história e a de sua comunidade

“Seria ele (Gabriel García Márquez) quem herdaria as memórias do velho coronel, sua filosofia de vida e sua moralidade política, além da visão de mundo; O coronel viveria através dele. Foi o avô quem lhe contou sobre a Guerra dos Mil Dias, sobre os próprios feitos e os de seus amigos, todos liberais heróicos.”<sup>17</sup>

O avô de García Márquez – o Coronel Nicolás Márquez Mejías – é fonte de muitas das representações do autor a respeito da Guerra dos Mil Dias. Mas, se não podemos dizer que são todas, podemos afirmar que são as primeiras e a reiteração destas durante toda a infância, além do laço emocional entre o pequeno García Márquez e sua fonte, tornam os relatos de seu avô, relatos de importância definitiva. Como conta o autor em o *El olor de la guayaba* a respeito de suas interações com seu avô:

“Muitas vezes me havia falado da guerra civil... e daí surgiu o interesse que aparece em todos os meus livros por esse episódio histórico.”<sup>18</sup>

A Guerra dos Mil Dias e suas consequências, como o período conhecido como *La Violência*, têm um papel muito importante no imaginário do autor não só por ele ter

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 82

<sup>13</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cheiro de Goiaba**. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ:Record, 1985 p. 15

<sup>14</sup> Id. **Viver Para Contar**. Rio de Janeiro: Record, 2009. P. 82

<sup>15</sup> MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) p. 16

<sup>16</sup> MARTIM, Gerard. Op cit. p. 57

<sup>17</sup> Ibid., p. 79

<sup>18</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. Op cit. (1985) p. 17

vivido o segundo período<sup>19</sup>, mas como fontes para a sua narrativa, para a maneira como constrói seus livros. Tanto *El coronel no tiene quien le escriba*, como *Cien años de soledad* derivam de dois outros livros seus sobre o período de *La Violência*.

*El otoño del patriarca* – livro que tem uma interessante relação com o personagem do Coronel Aureliano Buendía, como veremos mais adiante – trata do fim da vida de um ditador, o qual personifica todos os outros ditadores do Caribe. O livro foi interrompido para dar lugar à escrita de *Cien años de soledad*. Já *La mala hora*, que trata do período de *La Violencia*, foi interrompido para dar lugar à execução de *El coronel no tiene quien le escriba*.<sup>20</sup> Os quatro livros giram em torno da Guerra dos Mil Dias, um dos fantasmas narrativos de García Márquez. Um tema recorrente, mas não só isso, um tema gerador de personalidades e de situações familiares, um tema que molda a realidade das regiões descritas, tal qual o fez com a Colômbia.

O Coronel Nicolás Márquez Mejías, avô de García Márquez, foi combatente na Guerra dos Mil dias, conquistando a patente de coronel e o cargo de Entendente Geral.<sup>21</sup> Conquistou tal patente – como muitos outros de seus companheiros – em meio à guerra e não devido a academicismos.<sup>22</sup> Lutou pela causa dos liberais, uniu-se às tropas de Uribe Uribe com trinta e cinco anos e lutou ao lado deste nas províncias da Guajira, Padilla e Magdalena.<sup>23</sup>

A longa guerra, com poucas vitórias relevantes por parte dos liberais, começou a se voltar para esforços de reconciliação em outubro de 1902 – com a assinatura do tratado de Neerlandia. Um novo tratado – o de Winsconsin – seria firmado no mês seguinte e este, sim, traria o fim político definitivo ao conflito. Ambos os tratados são assinados pelos partidos em conflito: Liberais e Conservadores. A violência ainda perdurou por muitos meses depois de seu fim político. Mas, para o Coronel Márquez, a guerra propriamente dita acabou ali em Neerlandia. O acordo de paz foi inclusive levado ao acampamento dos liberais por um dos filhos naturais do avô de García Márquez, José Maria Valdeblanquez, que lutava pelos conservadores<sup>24</sup>.

---

<sup>19</sup> MARTIN, Gerard. Op. cit. p. 198

<sup>20</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. Op cit. (1985) p. 103

<sup>21</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. Op cit. (2009) p. 40

<sup>22</sup> JARAMILLO, Carlos Eduardo. **Guerra de los Mil Días: Reclutamientos, ascensos y**

deserciones . in: Biblioteca Virtual del Banco de la República. Disponível em: <

<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/enero2000/121guerra.htm>>. Acesso em

23 novembro de 2012

<sup>23</sup> MARTIN, Gerard. Op cit. p. 40

<sup>24</sup> MARTIN, Gerard. Op cit. p. 41

Foi na fazenda de Neerlandia – embaixo da castanheira centenária – que o tratado foi assinado. A poesia de tal detalhe não merece ser ignorada. As castanheiras – um dos grandes símbolos de Macondo – são personagens também presentes em muitos outros livros. Estas chegam a ser tão antigas e tão inerentes a região que sua origem se perde e, aos moradores de anos mais tardios, foge à memória ter sido o fundador da cidade – José Arcádio Buendia – aquele que as plantou. Elas também são símbolos do fim. É em uma castanheira o lugar onde o já ancião patriarca é amarrado quando perde o domínio da realidade e onde continua vivendo após sua morte: onde seu fantasma continua a dar amparo a sua também anciã esposa. É onde morre também o Coronel Aureliano Buendía. A castanheira está presente no fim da guerra no Caribe Colombiano assim como está no fim do patriarca de Macondo e de seu lendário filho.

No tratado de Neerlandia, o governo conservador prometeu aos veteranos da guerra – dos dois lados – uma pensão vitalícia, pensão esta que incluía fundos para inclusive retirar os soldados liberais do acampamento de Neerlandia. Os soldados acabaram por voltar para casa com seus próprios meios financeiros, mas não deixaram de esperar pela pensão. Também não deixou o coronel Márquez e sua família. Em sua auto-biografia o autor relata:

“Depois que foi promulgada a lei das pensões de guerra ele preencheu os requisitos para obter a sua, e tanto ele como sua esposa e seus herdeiros mais próximos continuaram esperando a pensão até a morte.”<sup>25</sup>

Assim, é importante perceber o elo que se constrói entre as ideias do autor e as da comunidade na qual ele se insere. É importante lembrar: ele não o único descendente de veteranos, nem é o seu avô o único veterano que ele conheceu em vida. Como já tratamos longamente a respeito, as representações do autor acerca da história colombiana e deste conflito específico advêm de suas relações com seus parentes e amigos, de uma realidade comum com eles dividida, uma percepção desta realidade, uma representação desta que impregna seus livros. Sendo assim, a leitura de sua obra apresenta ao leitor todo um imaginário acerca da Guerra dos Mil Dias.

Ambos os livros – *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene a quien le escriba*. – igualmente têm valor de discurso quanto a temas como a Guerra dos Mil Dias e a *La Violencia*. Tratamos aqui brevemente de alguns aspectos de sua construção e, naturalmente, passaremos no próximo ítem a uma mais centrada análise da Guerra dos

---

<sup>25</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. Op cit. (2009) p. 78

Mil Dias em si e especificamente as representações desta em *Cien años de soledad*. Aqui, no entanto, reservamos a decisão de primeiramente tratar dos antecedentes históricos políticos e militares de tal guerra. Antecedentes estes que são essenciais para compreender o conflito em si e que também são ricamente representados no universo literário de García Márquez.

A Guerra dos Mil Dias é o fato histórico no qual nos focaremos principalmente neste estudo e dela trataremos profusamente. Embora o conflito seja muito mais notório por sua longevidade e por seus tristes números, aqui propomos percebê-lo como um conflito limite. A Guerra dos Mil Dias foi a última guerra civil do século XIX e encerra mais de meio século de disputa entre dois partidos políticos - Liberal e Conservador - pelo controle do país. Propomos perceber o seu valor de ápice para quase sessenta anos de guerras civis. Os conflitos que vão ocupar a cena no século XX terão uma estrutura completamente diversa e, apesar de continuarem sendo conflitos políticos, não receberão o apoio oficial dos partidos.

O conflito se centra na disputa entre Liberais e Conservadores e o ressentimento entre ambos é de tal maneira antigo e arraigado que merece ser explicado. Mais do que isso, é imperativo que se tenha total compreensão de ambos os grupos para poder entender plenamente o século XIX colombiano e suas guerras civis.

A Guerra dos Mil Dias faz parte de um longo processo. É possível inclusive ousar dizer que a Colômbia do século XIX é um país em guerra permanente.<sup>26</sup> Desde a independência, talvez até antes dela, guerras civis pululam a realidade deste País. Os motivos são vários, as situações são diversas. E dentre os fatores comuns, a rivalidade entre Liberais e Conservadores é a principal.

Antes, no entanto, de nos dedicarmos às relações entre estes, é importante tratar da realidade colombiana no início do século XIX. Realidade que cria um ambiente favorável para o advento da guerra civil e o número crescente de conflitos ao longo do século. Após a Guerra de Independência e durante os quase cem anos que se seguem, a Colômbia viverá oito guerras civis nacionais, quatorze guerras civis locais, inumeráveis

---

<sup>26</sup> Um das características das guerras civis colombianas do século XIX é a transição das batalhas épicas para os conflitos interioranos. Enquanto uma guerra acabava para os exércitos e governo central, ela poderia continuar por anos no interior, até se misturar - ou mesmo vir a causar - a próxima. Também há o fator partidário. Sendo os partidos adversários em constantes guerras civis, as suas contendas também se tornam constantes e, os conflitos acabam sendo continuidade de conflitos anteriores. Em: SÁNCHEZ, Gonzalo. **Passado y Presente de la Violencia in Colombia**. Bogotá: CEREC, 1986. p. 31

revoltas, duas guerras com o Equador e três golpes de Estado.<sup>27</sup> O século que aqui estudamos é um período de grande violência e agitação política. O conflito é fruto de muitos outros, não se encerra nos quase três anos durante os quais arrasou e dividiu o país. Para estudá-lo, é preciso compreender a longa marcha de sangue que se estende até ele. E é a isto que nos propomos neste capítulo.

## 1.2 Uma História de Guerras Civis

A Colômbia pós-independência se distancia vagarosamente dos tempos coloniais. Muitas das formas tradicionais de se relacionar e produzir continuam demasiado parecidas. Alguns dos principais problemas colombianos, como despopulação de províncias e a desconexão entre as regiões, perseverarão até o século XX. Tais problemas não trarão somente impasses econômicos e administrativos, mas também serão grande obstáculo para a paz.

A Colômbia do século XIX era um país com um território escassamente povoado ou tão isolado que sua população minguava e não tinha como progredir. Tais regiões se apresentavam como grande obstáculo para a integração e modernidade do país e também se tornavam vulneráveis à ação de *Gamonales*.<sup>28</sup> O primeiro censo pós-independência aconteceu em 1825, quando a Colômbia ainda era *Gran Colombia*. É importante lembrar que se trata, aqui, de um território muito maior do que o da Colômbia moderna, do qual faziam parte territórios de outros três países - Venezuela, Equador e Panamá.

---

<sup>27</sup> PEARCE, Jenny. **Colombia dentro del Laberinto**. Bogotá: Altamir Ediciones, 1992. p. 30

<sup>28</sup> Neste estudo faremos o uso do termo *Gamonales*, ao invés de Caudilhos. Um termo não é sinônimo do outro, mas *Gamonales* são um tipo específico de caudilhos presentes no território colombiano. O conceito foi usado pela primeira vez pelo próprio Bolívar em 1830. Escolho aqui tratar da definição de Uribe, no entanto. Para o general liberal um *Gamonal* é: "cacique, monitor, reyezuelo, gallito o magnate". Em: GONZÁLES, Jorge Orlando Melo. **Caciques y Gamonales**: Perfil Político Disponível em: <[www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/agosto1998/10401.htm](http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/agosto1998/10401.htm)> Consultado em 22 de março de 2014.

No censo de 1870 a população colombiana era de 2.6 milhões de indivíduos.<sup>29</sup> Em comparação com outros países da América Latina esse número já é bem diminuto. Além de tudo, este número também não teve a curva de crescimento esperada. A cada vez que os territórios eram diminuídos, a população só decrescia, mesmo com os muitos anos entre cada evento. O crescimento natural da população não é suficiente, uma vez que a pobreza, as doenças e as guerras acabaram tirando a vida de muito mais pessoas do que os nascimentos podem substituir.

No mesmo sentido, havia também a situação das etnias diversas que viviam no país, mas não eram integradas à sua população economicamente ativa e eram ignoradas ou perseguidas pelo governo. Os chamados índios selvagens, às vezes eram isolados em regiões que não eram do interesse governamental, como o caso dos índios *Guajiros* que viviam na província de *La Guajira*. Tais populações quase não sobreviveram ao longo das várias epidemias de malária do século XIX e XX.<sup>30</sup>

A Colômbia sempre sofreu com o despovoamento de seu território, mesmo nos tempos da colônia. No entanto, após a independência, manter o território integrado se tornou um grande desafio. Durante o século XIX, o povo colombiano verá uma longa sucessão de diferentes organizações territoriais. Organizações que, com o passar dos anos, não impedirão o esfacelamento do território colombiano. Uma enorme quantidade de guerras civis e também contra o Equador, de desavenças políticas internas, trarão o desmembramento do território. Essa fragilidade populacional colombiana será grande obstáculo durante todo o século XIX. Nas palavras de Palácios:

“Colombia had been wrestling with modernity since the eighteenth century. The achievement of independency in 1819, by eliminating the formal obstacles to the embrace of modernity, laid bare the real obstacles: The immensity of Colombia’s territory in comparison with its population, its overwhelming poverty, and the inadequacy of its public administration.”<sup>31</sup>

Alguns anos após a separação da metrópole, em 1821, o País toma o nome de *La Gran Colombia*. Seu território consiste nas regiões que darão origem aos atuais países

---

<sup>29</sup>PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 2

<sup>30</sup>Ibid., 2006. p 4

<sup>31</sup>Ibid., 2006. p. 1 – Epílogo

<sup>31</sup>Em tradução livre: “Colômbia vinha se debatendo com a modernidade desde o século XVIII. A conquista da independência em 1819, pela eliminação dos obstáculos formais para a modernidade, revelou os verdadeiros obstáculos: A imensidão do território colombiano em comparação com a sua população, a sua pobreza esmagadora e a inadequação de sua administração pública.”.

da Colômbia, Venezuela, Equador e Panamá. Havia ainda outros pequenos territórios que passarão a fazer parte do Brasil, Peru e a Nicarágua. O jovem País se via dividido entre várias possibilidades políticas e a ascensão de *Gamonales* em diversas regiões levou a fragmentação do território. Esta concatenação não duraria, já em 1831 seria desfeita.

Uma nova organização territorial será realizada e a *República de la Nueva Granada* surgirá. Este novo país é agora formado pelos territórios da Colômbia e do Panamá, além de uma pequena região atualmente parte do território da Nicarágua. Região esta que será perdida em 1858, quando se torna a *Confederación Granadina*.

A própria confederação existirá por um curto período de cinco anos. As mesmas guerras e desavenças políticas que puseram fim às várias conformidades políticas anteriores, trarão o fim desta também. Com o advento da constituição ultraliberal de 1863, um novo país é criado, os *Estados Unidos de Colombia*, cujo território agora era muito mais próximo ao da Colômbia atual. Tal constituição representava o poder político dos liberais extremados que faziam parte do chamado Olimpo Radical.

O período de intensa renovação política desemboca em grande instabilidade. Ao fim da hegemonia liberal sob o poder um novo presidente eleito, Rafael Nuñez o qual por quatro anos se esforça pela unificação do País, deixando de lado as reformas federalistas tão caras aos liberais. Tais ações levaram o País à Guerra Civil de 1885, na qual Nuñez e seus partidários saem vitoriosos. Com o apoio do partido e o vigor da vitória, Nuñez convoca uma assembleia constituinte a qual cria a constituição de 1886. O período que se segue marca a hegemonia conservadora e será conhecido como *La Regeneración*. É nessa nova constituição que é criada uma nova conformação territorial e política que ganhará o nome de *República de Colombia*.

A nova conformidade política perdurará até os dias atuais com apenas uma mudança territorial. Depois da Guerra dos Mil Dias, em 1903, a Colômbia sofrerá ainda a sedição do Panamá.

Desta maneira, fica preliminarmente revelada a difícil situação política colombiana ao longo do fadado século XIX. O quadro social é de tal maneira adverso e o tamanho da população é de tal maneira diminuto que se torna muito difícil manter o território. As imensas distâncias e as constantes divisões tornam a Colômbia um país enfraquecido politicamente. A situação é ainda mais agravada pelas sucessivas guerras civis que acabam por tomar mais recursos, danificaram a economia e tiraram tantas preciosas vidas. Preciosas não só no sentido humanístico do termo, mas também no

sentido prático. Com a população em situação tão precária, o processo de industrialização e a agricultura são prejudicados.

A quantidade de mortes era tanta, que o último censo do século XIX foi em 1870 e se passaram trinta e cinco anos até que um novo censo fosse feito, tal foi a ausência de ordem e recursos públicos.<sup>32</sup> Neste último censo de 1870, o território colombiano, ainda antes da sedição do Panamá, tinha apenas 2.6 milhões de habitantes, dos quais oitenta mil eram considerados índios selvagens e não faziam parte da população.<sup>33</sup> A situação não melhora dali para frente. Nas palavras de Rafael Gómez Henao:

“Al finalizar el siglo XIX, la población colombiana reflejaba el impacto de largos períodos de guerras civiles, inestabilidad política y estancamiento económico atenuado sólo por rápidos períodos de auge económico y débiles intentos de reconciliación política. Entre 1870 y 1905 el país alcanza el ritmo de crecimiento demográfico más bajo de su historia, igual al de 1851-70, de 1,3 % anual.”<sup>34</sup>

A dispersão destes tão poucos habitantes no grande território colombiano era também um sério problema. As populações não eram só pequenas, mas também isoladas. A maior parte dos colombianos vivia em comunidades rurais relativamente auto suficientes e as cidades eram escassamente povoadas. Na década de 1870, dos setecentos e setenta e quatro municípios, apenas vinte e um tinham mais de dez mil habitantes. Os municípios de Bogotá e Medellín eram os únicos com mais vinte mil habitantes, o que era um número muito diminuto se comparado com outras capitais da América Latina á época.<sup>35</sup>

“At the start of the 1870s three-quarters of the country, the so called national territories, were

---

<sup>32</sup>PRIETO, Fabián. **Una anatomía de la población colombiana: la técnica estadística en Colombia y el levantamiento del censo de población en 1912.** Memoria & Sociedad - Vol. 9 No. 19. 2005 em: <[http://www.javeriana.edu.co/Facultades/C\\_Sociales/memoria/MEMORIA19/PRIETO.pdf](http://www.javeriana.edu.co/Facultades/C_Sociales/memoria/MEMORIA19/PRIETO.pdf)> Acessado em: 13 de março de 2014.

<sup>33</sup>PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 2

<sup>34</sup>HENAO, Rafael Gómez. **La Población y Calidad de Vida en el Siglo XX: Los Cambios en los Indicadores de Población.** p. 1. Em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/lms/moodle/mod/resource/view.php?id=72995>> Acessado em: 13 de março de 2014.

<sup>34</sup>Em tradução livre: “No final do século XIX, a população colombiana refletiu o impacto de longos períodos de guerra civil, instabilidade política e estagnação econômica atenuada apenas por rápidos períodos de crescimento econômico e fracas tentativas de reconciliação política. Entre 1870 e 1905, o país atingiu a taxa de crescimento populacional mais baixa de sua história, o mesmo que em 1851-1870, 1,3% ao ano”

<sup>35</sup>PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 3

uninhabited or contained only indigenous populations beyond the reach of church or state.”<sup>36</sup>

Esta situação é retratada vividamente em *Cien años de soledad*. A criação de Macondo pelo grupo liderado pelos Buendía é bastante ilustrativa de tais problemas. A vila era tão diminuta que passa décadas sem nenhuma intervenção governamental. A primeira vez que a cidade recebe uma autoridade política é na figura do Corregedor Apolinar Mascote e seus soldados. E é só depois da chegada de Mascote que o povoado tem seu primeiro contato com as eleições, cujo fim trágico acabará levando a rebelião dos mais jovens e a sua adesão à Guerra dos Mil Dias.<sup>37</sup>

Da mesma maneira, a Igreja também demorou a chegar à população. É somente quando a segunda geração de Buendías é adulta e a terceira já é nascida que o primeiro padre chega à cidade. O padre Nicanor, que chega para celebrar a boda de José Arcádio (filho) e Rebeca, se escandaliza com a situação da população. Apesar de serem todos católicos, levavam suas vidas ao revés da burocracia própria da instituição religiosa.

“(…) Se espantó com la aridez de los habitantes de Macondo, que prosperaban en el escândalo, sujetos a la ley natural, sin bautizar a los hijos ni santificar las festas.”<sup>38</sup>

A Colômbia também teve dificuldade para atrair a imigrantes europeus durante o século XIX. Enquanto países como Brasil, Argentina e Uruguai receberam um grande fluxo migracional, o mesmo não aconteceu para a Colômbia. As guerras civis ali ocorridas combinadas com sucessivas epidemias de lepra comprometeram a imagem do país no exterior. O desejo de embranquecer a população não foi saciado e uma perigosa percepção se espalhou pelos intelectuais do país: a de que as inadequações do povo colombiano advinham de sua mistura de raças. Mesmo o general Uribe Uribe dividia esse discurso.<sup>39</sup>

O isolamento das populações se dava também por questões específicas da natureza do território. Regiões como a do Caribe Colombiano – tão cara para esta pesquisa – se tornavam virtualmente segregadas durante épocas do ano como o período

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 11

<sup>36</sup> Em tradução livre: “No início da década de 1870, três quartos do país, os chamados territórios nacionais, eram desabitadas ou continham apenas populações indígenas fora do alcance da Igreja ou do Estado.”

<sup>37</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. Op cit. (2007) p. 124

<sup>38</sup> Ibid., p. 101

<sup>39</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 46

da chuva. Um quinto do território do Caribe Colombiano consiste de rios e pântanos.<sup>40</sup> Essa malha hidroviária será muito útil para exportação do café mais tarde. No entanto, enquanto o governo ainda não tinha aprimorado o uso do Rio Magdalena, essas zonas pantanosas se tornariam fronteiras.

Uma das características mais interessantes da Colômbia é a sua diversidade climática. Enquanto as regiões andinas, inclusive a capital, Bogotá, passam por períodos de intenso frio, o Caribe Colombiano tem somente duas estações bem marcadas: uma longa temporada de calor abrasante e um inverno chuvoso devastador. A Colômbia é, em si é extremamente valorizada por García Márquez, em especial a região do Caribe. Sua terra natal, o Caribe Colombiano ambienta quase todas as suas obras. Mas não é só do sol abrasador a que se refere, mas também a terrível e implacável estação das chuvas que era capaz de por tudo embaixo d'água e também de moldar costumes e de isolar econômica e politicamente toda a região por longas temporadas.

Em um de seus contos, o autor se dedica exclusivamente a tratar da temporada da chuva e da maneira como esta interrompe as atividades da região e causa transtornos públicos, para dizer o mínimo. *Monólogo de Isabel viendo llover en Macondo*, foi escrito em 1955, doze anos antes da mais famosa de suas obras. No entanto, ambas se passam na mesma cidade mítica, a mágica Macondo, cidade esta que se encontra no espaço imaginário do Caribe Colombiano.

Em capítulos posteriores no dedicaremos à maneira como a cidade imaginária de Macondo é construída, mas aqui já temos bem claro o fato de que tal processo é longo e começou décadas antes da publicação da mais famosa das obras de Márquez. O monólogo de Isabel é só mais um dentre os muitos contos que fazem ilusão a Macondo antes que a cidade se torne cenário da épica história dos Buendia.

No entanto, para nós, este conto não é só mais um. O monólogo de Isabel se torna bastante interessante como representação do caráter devastador que a estação das chuvas pode ter na referida região. Em *Monólogo de Isabel viendo llover en Macondo*, a personagem principal testemunha o que, a princípio, parece ser uma chuva providencial, refrescante e necessária para o povo de Macondo, que havia passado os últimos sete meses presos em uma seca escaldante. Os aldeões descritos no monólogo sentem-se renovados com o advento da chuva reparadora.

---

<sup>40</sup> Ibid., p. 7

A chuva continua dia após dia e, nas palavras de Isabel, "la lluvia estaba penetrando demasiado hondo en nuestros sentidos"<sup>41</sup>. Pouco a pouco, a protagonista vai perdendo a noção do tempo e a da realidade. A chuva incessante torna-se um dilúvio de proporções bíblicas para a casa da família de Isabel e a cidade inteira. O trecho a seguir fala das calamidades trazidas pela chuva e como, ao mesmo tempo, esta vem trazendo um certo entorpecimento dos sentidos.

“ Al mediodía del miércoles no había acabado de amanecer. Y antes de las tres de la tarde la noche había entrado de lleno, anticipada y enfermiza, con el mismo lento y monótono y despiadado ritmo de la lluvia en el patio. Fue un crepúsculo prematuro, suave y lúgubre, que creció en medio del silencio de los guajiros, que se acuclillaron en las sillas, contra las paredes, rendidos e impotentes ante el disturbio de la naturaleza. Entonces fue cuando empezaron a llegar noticias de la calle. Nadie las traía a la casa. Simplemente llegaba, precisas, individualizadas, como conducidas por el barro líquido que corría por las calles y arrastraba objetos domésticos, cosas y cosas, destrozos de una remota catástrofe, escombros y animales muertos. Hechos ocurridos el domingo, cuando todavía la lluvia era el anuncio de una estación providencial, tardaron dos días en conocerse en la casa. Y el miércoles llegaron las noticias, como empujadas por el propio dinamismo interior de la tormenta. Se supo entonces que la iglesia estaba inundada y se esperaba su derrumbamiento. Alguien que no tenía por qué saberlo, dijo esa noche: “El tren no puede pasar el puente desde el lunes. Parece que el río se llevó los rieles”. Y se supo que una mujer enferma había desaparecido de su lecho y había sido encontrada esa tarde flotando en el patio. (...) ‘Ahora tenemos que rezar. El agua rompió las sepulturas y los pobrecitos muertos están flotando en el cementerio’.” trecho acima é um fenômeno característico da região. E é, por isso mesmo, personagem deste conto, mas também de outras obras, como Cien Años de Soledad. A chuva, cujo cenário é completado pela jovem que espera, tem o mesmo poder evocador na obra máxima de García Márquez, é a solidão encarnada. A solidão, profunda e inevitável, a clausura das paredes de uma casa e o isolamento provocado pela cheia trazem a tona a realidade de um Caribe Colombiano que passava vários meses a fio isolados, tal qual Isabel.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Em tradução livre: "A chuva foi penetrando profundamente em nossos sentidos"

<sup>42</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Ojos de Perro Azul**. Barcelona: Editora Plaza e Janés, 1997. p. 142

<sup>42</sup> Em tradução livre: "Ao meio-dia de quarta-feira, ainda não tinha terminado de amanhecer. E antes das três da tarde, a noite tinha chegado completamente, antecipada e doente, com o mesmo ritmo lento, monótono e implacável da chuva no pátio. Foi crepúsculo prematuro, suave e sombrio, que cresceu em meio ao silêncio dos Guajiros, que ocuparam as cadeiras contra a parede, exaustos e impotentes perante a perturbação da natureza. Foi quando começaram a chegar notícias da rua. Ninguém as trouxe para casa. Simplesmente chegavam, precisas, individuais, como conduzidas pelo barro líquido que corria pelas ruas e arrastava objetos domésticos, coisas e coisas, destroços de uma remota catástrofe, escombros e animais mortos. Notícias dos ocorridos no domingo, quando a chuva ainda estava

Em Monólogo de Isabel viendo llover en Macondo, que faz parte da coletânea de contos Ojos de perro azul, a personagem principal utiliza o pretexto da magnitude das cheias andinas para fazer uma viagem introspectiva, associando o fenômeno natural a um ciclo de renovação – “ Por que la lluvia revitalizara el romero y el nardo”<sup>43</sup>. Mas a magnitude da monção, após um verão de sete meses infernalmente secos, assume a dimensão trágica de uma catástrofe, semelhante a um terremoto ou um furacão – como o que destrói Macondo.

Devastação, isolamento...solidão. E a chuva que convida ao alheamento, à melancolia e leva os personagens a perderem o sentido do tempo e da realidade. Trazida por uma humidade tropical opressiva, que retira as forças e a vontade de agir à população de Macondo – semelhante ao aroma da goiaba a apodrecer como afirma o Autor em El olor de guayaba, em entrevista a Plínio Apuleyo Mendoza.

No trecho acima também se faz referência aos índios Guajiros os quais eram muito comuns na região do Caribe Colombiano. Vivendo em situações de servidão, eram empregados da casa de Isabel. Também serão mencionados em *Cien años de soledad* diversas vezes. Mas aqui terminamos nosso parêntese e damos continuidade à análise da situação geográfica e política da região.

A diminuta população e o isolamento a que esta vinha atrelada vão abrir espaço para o surgimento de *Gamonales*. Como líderes políticos em pequenas regiões, esses homens prosperam da distância entre o Estado tão fragilizado e seus cidadãos. Entre as leis e a sua aplicação havia um abismo e é daí que estes chefes locais retiravam o seu poder.

“The rural poor, who were the vast majority of Colombians, were with few exceptions immune to the democratic virus (as many conservative critics considered it to be), and their daily lives were ruled by custom, religious belief, and inherited notions of deference and hierarchy.”<sup>44</sup>

---

anunciando uma estação providencial, levaram dois dias para chegarem à casa. E na quarta-feira, vieram as notícias, como impulsionadas pela dinâmica interna da própria tempestade. Se soube então que a Igreja foi inundada e seu colapso era esperado. Alguém que não teria como sabê-lo, disse naquela noite: "O trem não pôde passar a ponte desde a segunda-feira. Parece que o rio levou os trilhos ". E se soube que uma mulher doente havia desaparecido de sua cama e mais tarde foi encontrada boiando no pátio.

<sup>42</sup>(...) 'Agora temos que rezar. A água destruiu as sepulturas e os pobres mortos estão flutuando no cemitério'."

<sup>43</sup> Em tradução livre: “porque a chuva dava uma nova vida ao alecrim e ao nardo”.

<sup>44</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 17

As situações de isolamento criavam os elementos necessários para tornar essas pessoas ainda mais vulneráveis à ação de *Gamonales*. Não havia acesso a instituições estatais como escolas ou real cumprimento da lei e muitos viviam segundo leis orais tão antigas quanto seus avós e tataravós, sem ter oportunidade de livremente questioná-las.

Durante períodos como o do Olimpo Radical – 1863 a 1882 – no qual o federalismo garantia amplas liberdades para cada um dos estados, líderes políticos tomavam as rédeas de suas regiões. Havia constituições diferentes para cada estado e eles mesmos organizavam as suas eleições. Situações como esta abriam espaço para a tomada de poder e a desobediência por parte dos ditos *Gamonales*.

O poder desses indivíduos adivinha da sua possessão da terra. Na Colômbia do século XIX, e em certa medida também no século XX, a possessão de terra era muito mais valorizada do que qualquer outra forma de riqueza e inspirava poder.

“El poder radicaba en la tenencia de tierras más que en el comercio, y los valores y las practicas tradicionales vinculadas ao latifúndio permanecieron en vigor hasta finales del siglo.”<sup>45</sup>

Por isso mesmo, com a transferência de poder dos liberais para os conservadores a partir da *Regeneración*, os latifundiários não perderam o seu poder. Durante a era liberal seu poder adivinha da descentralização e da maneira como o povo simples estava à mercê daqueles que podiam se impor política e violentamente sobre eles. E, mais do que isso, também do apoio institucional que estes recebiam dos liberais. Uma das maiores bases do partido sempre foi o setor agrícola.<sup>46</sup>

Assim, durante o período da *Regeneración* o poder desta classe, os *Gamonales*, se manteve estável. A constituição de 1886 era radicalmente centralista, restaurava o poder que a Igreja Católica havia perdido nas décadas anteriores e estabelecia a classe latifundiária como a mais importante do país, criando amplo escopo de leis para proteger os seus interesses.<sup>47</sup>

---

<sup>44</sup> Em tradução livre: “Os pobres do campo, que eram a grande maioria dos colombianos, eram, com poucas exceções imunes ao vírus democrático (como muitos críticos conservadores acreditavam), e suas vidas diárias eram governados pelos costumes, crença religiosa, e noções herdadas de respeito e hierarquia ”.

<sup>45</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 35

<sup>45</sup> Em tradução livre: “O poder estava na posse da terra mais que no comércio, e os valores e praticas tradicionais vinculadas ao latifúndio permaneceram em vigor até o final do século.”

<sup>46</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 42

<sup>47</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 36

Os líderes políticos locais da Colômbia do século XIX terão um papel importante nas guerras civis que assolarão o país durante esse período. A distância física e política entre as diferentes regiões colombianas criarão espaço para discursos regionalistas que poderão variar de identidade cultural até partidária. Sobre as relações entre os caudilhos locais e as disputas entre liberais e conservadores falaremos especificamente mais para frente.

### 1.3 Os Partidos Liberal e Conservador

Uma vez estabelecido o fato de que as guerras civis colombianas não se devem exclusivamente as disputas entre Liberais e Conservadores podemos estudá-las com mais atenção nos ditos partidos. É muito importante entender que um país com regiões extremamente desconectadas, sem real entendimento com o governo central, com uma população escassa e desassistida além de dominada por líderes locais é um país em perigo, é um país com governo instável. Um país em tal situação está suscetível a esse tipo de levante violento e, nesse contexto, uma rivalidade tão arraigada quanto aquela entre Liberais e Conservadores levará indubitavelmente a uma série de conflitos.

A história destes conflitos começa no final da década de 1840 quando os partidos por nós estudados são fundados. Em 1848, Ezequiel Rojas elaborou o primeiro programa liberal e, em 1849, Mariano Ospina Rodríguez e José Eusebio Caro fundam o Partido Conservador.

Ambos os partidos são formados por, obviamente, políticos, *Gamonales* e intelectuais pré-existentes a estes. Tais grupos pertenciam a partidos, também, pré-existentes. Assim, muitas das bandeiras dos partidos Liberal e Conservador os precedem. Por exemplo, estes defendiam o federalismo e o centralismo, respectivamente. Essas bandeiras são antigas, remontam a Bolívar e Santander, mas não são permanentes nos partidos Rojo e Godo.<sup>48</sup> Como veremos mais adiante, nos muitos

---

<sup>48</sup> Tais eram as alcunhas populares de, respectivamente, os partidos Liberais e Conservadores. Esta nomenclatura era utilizada normalmente em períodos eleitorais quando bandeiras de ambas as cores seriam dispostas pela cidade e violentas turbas as levariam consigo quando pretendiam iniciar conflitos. Em PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 23

anos do século XIX, muito mudará na política perpetrada entre ambos os partidos. A única contenda imutável seria a questão religiosa.

Uma vez estabelecido que ambos já vêm ao mundo marcados por diferenças ideológicas, tratemos daquilo em que ambos concordam. Por exemplo, a exportação e a imigração europeia eram assuntos caros para ambos os lados.<sup>49</sup> O fim dos resguardos indígenas, como objetivo de criar mão de obra e terras que pudessem ser comercializadas também foi unânime.<sup>50</sup>

As guerras civis colombianas, em sua maioria, foram disputadas entre os dois partidos aqui estudados. É importante entender que ambos os partidos não são uma massa uniforme em perfeita concordância em seu interior. Os partidos Liberal e Conservador tinham suas divisões internas. Ao longo dos anos, várias dessas divisões foram criadas e extintas. Trataremos das principais.

Entre os liberais havia um grande divisão: haviam os radicais - aqueles que fazem parte do chamado Olimpo Radical - e a sua versão moderada - Os Independentes. Já entre os conservadores existia uma maior unidade, havendo, no entanto, aqueles mais ou menos centralistas que não terão nomes específicos. Durante as guerras civis do século XIX nem sempre todo o grupo dos liberais se baterá contra todo o grupo dos conservadores como na guerra civil de 1876, por exemplo. A maior parte dos conflitos que estudaremos aqui se dá entre facções específicas ou regionais de ambos os partidos. Por vezes, facções que deveriam ser rivais a princípio, como Liberais Moderados e Conservadores de tendências federalistas, podem vir a se unir durante uma contenda. Como, por exemplo, na guerra civil de 1854, quando é formado o grupo dos *Constitucionales* - a união temporária entre Liberais Radicais, Conservadores e alguns poucos Liberais Independentes.<sup>51</sup>

Os partidos Liberal e Conservador não permanecem estáticos ao longo de todo o século. As suas linhas de percepção e de ação política mudam ao longo das décadas e de acordo com a situação social e econômica do país ou ainda de acordo com o cenário político e econômico internacional. Veremos que, durante alguns períodos específicos, é difícil perceber diferenças entre o fazer político de ambos os lados e em muitos casos

---

<sup>49</sup> Ibid., p. 1

<sup>50</sup> MEJÍA, Alvaro Tirado. *Colombia: Siglo y Medio de Bipartidismo em <*  
*http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm*> Acessado em: 23 de janeiro de 2013

<sup>51</sup> MELO, Jorge Orlando. *Orígenes de los partidos políticos en Colombia: Los Partidos en Colombia III*<*http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/politica/origcol/part3.htm*> Acessado em 15 de janeiro de 2013

ambos os partidos concordavam como, por exemplo, a importância da agricultura de exportação e o comércio com as potências exteriores.<sup>52</sup> Mais do que isso, é importante lembrar que, em essência, ambos os partidos são liberais, no sentido de que desejavam deixar de ser colônia. Ambos se opõem à influência da ex-metrópole e têm suas raízes em partidos que lutaram pela independência. Ambos desejam criar uma Colômbia moderna com economia liberalista, aos moldes de países como os Estados Unidos e a Inglaterra.<sup>53</sup>

As políticas e diretrizes de cada partido mudam de acordo com a necessidade ou com a evolução do pensamento, contudo a disputa partidária permanece. Então, algumas mudanças bastante significativas vão acontecer durante o século XIX. Enquanto os partidos em seus primeiros anos de existência eram bastante definidos como defensores dos ideais centralistas ou federalistas, ambos vão alterar suas práticas em determinados períodos como em 1858, quando o partido conservador adotou a primeira constituição federalista. É importante entender, os partidos são múltiplos e móveis, com vários grupos internos que por vezes divergem uns dos outros em suas percepções e intenções políticas.

É preciso que fique bastante claro que, embora concordem em alguns aspectos, os partidos Liberal e Conservador são tradicionalmente opostos e defendem posições bastante diferentes. Tais posições como mencionado anteriormente se transformam ao longo das décadas. Mas se tivéssemos que definir, cristalizar as principais divergências, seriam estas a religião e a graduação da influência do Estado na economia.

Ambos os partidos discordam principalmente a respeito da interferência do Estado na economia e no tamanho que este Estado deve ter – se será forte e dominador ou se será apenas um árbitro dentro de federação de estados fortes. Principalmente discordam a respeito do papel da Igreja Católica como instituição dentro do Estado. Defendendo os Liberais a total eliminação da influência desta enquanto os conservadores desejam a definição da religião católica como oficial e concedem a tal Igreja o poder sobre nascimentos, casamentos, cemitérios e até a educação.

Uma vez tendo sido a natureza dos partidos discutida, torna-se imperativo compreender a maneira como ambos se dividem entre a população e como criam

---

<sup>52</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 1

<sup>53</sup> MEJÍA, Alvaro Tirado. Colombia: **Siglo y Medio de Bipartidismo em** <  
<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm>> Acessado em 24 de junho de 2013

fervores suficientes para levar o povo colombiano a fazer parte de guerras decimônicas, como a Guerra dos Mil Dias. A única maneira de ganhar força dentro do País era a penetração dos partidos na consciência popular. Para isso era necessário criar a ilusão da diferença.

Como levar populações inteiras, por vezes analfabetas e sem qualquer conhecimento ou interesse por contendas políticas, a dar a sua vida e a de seus filhos na guerra? Era necessário criar a dita ilusão da diferença. Os partidos só têm a filiação máxima da população com o passar dos primeiros conflitos, quando o povo não tanto se percebe como Liberal ou Conservador, mas percebe o outro como inimigo.

“Inicialmente, para la mayoría participar en el ejército del terrateniente del lugar significaba algún favor o recompensa. Pero al entrar en acción y ver a familiares y amigos muertos o heridos por el enemigo, nacían lealtades y ódios com hondas raíces personales. (...) La mayoría no luchaba a favor de uno u outro partido por convicción sino porque tenía que vengar alguna atrocidade.”<sup>54</sup>

Os partidos passam a ser parte da identidade dessas populações. Ser parte de um partido era mais do que uma afiliação política, muito mais. Era pertencer a um grupo, a uma linhagem, a uma comunidade. O homem simples do campo se sente Conservador ou Liberal e se sente obrigado pela sua honra e a história de sua família a participar dos conflitos, a votar. A sua afiliação, na maioria das vezes, tinha muito mais a ver com a sua família, vizinhança, com a sua cor ou profissão, do que com os seus ideais políticos. Por vezes, estes eram irrelevantes ou até mesmos por eles desconhecidos. A tradicional marcha aos postos de votação com o seu grupo, gritando os seus “*vivas y abajos*” era muito mais sólida, muito mais palpável que uma estranha e por vezes inescrutável ideologia política.<sup>55</sup>

Os partidos e suas rivalidades se tornarão ainda mais interiorizados pela população à medida que as guerras civis vão se acumulando. A partir da primeira guerra civil entre Liberais e Conservadores – a de 1854 – estas não pararam mais e o saldo de mortos de cada lado só crescia e, com este, a rivalidade entre ambos os partidos.

---

<sup>54</sup>PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 32

<sup>54</sup>Em tradução livre: “Inicialmente, para a maioria participar do exército do senhorio do lugar significava um favor ou recompensa. Mas ao entrar em ação e ver seus familiares e os amigos mortos ou feridos pelo inimigo, nasciam lealdades e ódios com profundas raízes pessoais. (...) A maioria não lutava por um partido ou convicção, mas porque tinha que vingar alguma atrocidade”

<sup>55</sup>PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 21

A identidade que virá a ser formada pelos veteranos liberais da Guerra dos Mil Dias, uma identidade de derrota e ressentimento, alimentará também a disputa política entre Liberais e Conservadores. Tal disputa, ainda muito mais antiga que a Guerra dos Mil Dias, também causadora de outras guerras civis anteriores. A disputa partidária entre Liberais e Conservadores colombianos se encrudecerá ainda mais durante a década de 1940, período que ficará conhecido como *La Violencia*. Assim, observa-se que, como nas palavras de Pollak, “Memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.”<sup>56</sup> A compreensão do papel de ambos os partidos será essencial para a compreensão da identidade do veterano de guerra, personagem de ambas as obras de Márquez aqui analisadas.

Mas como tudo começou? Como tratamos anteriormente, na década de 1840 surgem os primeiros programas liberais e conservadores e, nesse período a principal diferença entre ambos era o caráter federalista ou centralista que, respectivamente, os partidos desejavam atribuir à administração do Estado. Estas posições, no entanto, são mais antigas que os partidos em si. Desde a independência e, na verdade, antes dela, existe na Colômbia a disputa entre ambas as posições. Tal disputa remonta aos líderes Bolívar e Santander e as suas próprias aspirações para administração política da futura *Grã Colombia*.

Não pretendemos aqui afirmar que as disputas entre o Partido Liberal e o conservador surgem antes da criação dos mesmos. De maneira alguma. Mas, uma vez que levantamos a bandeira de que o poder de ambos os partidos se encerra na maneira em que suas diferenças são arraigadas no inconsciente coletivo, então é imperativo que entendamos as motivações das diferenças que darão origem a estes. Diferenças que já produziam guerras civis ainda na década de 1810.<sup>57</sup>

Conhecida como a Guerra entre Centralistas e Federalistas – 1812 a 1815 – a primeira guerra civil colombiana é anterior à guerra de independência. Ela acontece antes mesmo da fundação de qualquer um dos dois partidos. No entanto, ela também é uma guerra civil relacionada a disputas partidárias. Ambos os lados pegam em armas por não entrarem em consenso quanto ao futuro político da *Grã Colombia*. Discordam sobre qual seria a conformação política do país, federal ou centralista.

---

<sup>56</sup> POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV, vol. 5, n. 10, 1992. p. 205

<sup>57</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 28

A primeira guerra civil colombiana se dá pela discórdia entre os partidários do Federalismo e do Centralismo. Os membros da elite *criolla* discordavam entre si sobre qual seria a melhor formação política para o futuramente livre Estado da *Grã Colombia*. Tal período é conhecido como *Patria Boba*.

Depois da declaração de independência de 1810, são travadas batalhas por esta causa. Tais batalhas não se darão entre exércitos espanhóis e *criollos*, mas, sim, entre libertadores e realistas. Estes últimos, parte da elite *criolla* e também de espanhóis residentes no território, que desejavam a continuidade do poder da metrópole.

Os grupos citados travaram tais batalhas porque o Império Espanhol se encontrava em plena crise. Em 1808 as tropas napoleônicas invadiram e ocuparam a Espanha, declarando inclusive um novo rei, José Bonaparte. Percebendo a janela de oportunidade, os *criollos* Libertadores se puseram ao seu objetivo, antevendo uma diminuta resistência.

Em meio ao conflito, surge uma nova disputa entre os libertadores. Dividem-se, então, entre Centralistas e Federalistas. Os Centralistas, liderados por Bolívar, em pessoa, acreditavam em um governo forte para a futura Grã Colombia. Acreditavam que as regiões deveriam responder a uma autoridade central. Já os Federalistas acreditavam que as províncias deveriam, após a independência, se auto regular e ter governos próprios fortes. As disputas entre ambos os partidos se deram em guerra civil durante a luta contra os realistas e perduraram até depois da derrota destes.

Tornando a recém criada *Grã Colombia* vulnerável, o conflito abrirá espaço para uma guerra de reconquista por parte dos espanhóis.

“El partido de la Independencia tuvo la desgracia de dividirse cuando más necesitaba la unión. La forma de gobierno que debía darse al país fue la causa de la discordia. Quisieron unos la federación, otros el centralismo... (Cuando Bolívar) expuso sus opiniones en un proyecto de constitución para Bolivia, y las recomendó a América, este malhadado proyecto fue la manzana de la discordia; a su vista los granadinos, como el resto de los colombianos quedaron divididos en dos grandes bandos... Ese día los amigos de la independencia se denominaron: Bolivianos y liberales”<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup>MEJÍA, Alvaro Tirado.Colombia: **Siglo y Medio de Bipartidismo em**

<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm>> Acesso em: Dezembro de 2012

<sup>58</sup>Em livre tradução: “O Partido da Independência teve a infelicidade de se dividir quando mais precisava de união. A forma de governo a ser implantada no país foi a causa da discórdia. Alguns quiseram uma federação, outros o centralismo ... (Quando Bolívar) apresentou o seu ponto de vista sobre um projeto de constituição para a Bolívia e recomendou-o para a América, este projeto malfadado projeto foi o

A ausência de unidade entre duas regiões da futura Colômbia, o *Estado Libre de Cundinamarca* e as *Provincias Unidas de la Nueva Granada* os leva à guerra. As duas regiões desejavam a independência dos espanhóis, mas não podiam concordar quanto aos termos de liderança.

O período denominado *Patria Boba* se deu até 1815, não porque ambos os lados alcançaram acordos e a paz, mas, sim, porque tiveram de se unificar sob o forte comando de Bolívar para rechaçar a investida marítima do Império Espanhol que chegou ainda naquele ano e se fundiu com as remanescentes tropas realistas que se ergueram e voltaram a lutar. Será somente em 1819 que a Campanha Libertadora poderá se declarar vitoriosa.

Simón Bolívar, centralista, acabou por vencer a guerra, liderar o País contra os Realistas e se tornar o seu primeiro presidente, quando a região ainda se chamava *Grã Colombia*. Como seu novo líder, Bolívar se torna responsável por criar um país das cinzas de uma colônia empobrecida, diferentemente da vizinha Venezuela que era a principal fazenda da colônia espanhola e do Equador, grande produtor de Cacau.<sup>59</sup> Em comparação aos dois países, a região de Nueva Granada, era uma terra de pequena população, pouco mais de um milhão de habitantes, e extremamente desconectada.

O líder, que ainda hoje é tão celebrado em toda parte na América Latina, caiu em desgraça nos últimos anos de sua curta vida. Depois de ser desacreditado como líder, viver inúmeros atentados, retirou-se para o interior do País. Seu caminho, feito através do famigerado rio Magdalena, torna-se inspiração na imaginação de García Márquez quando escreve o *El general en su laberinto*.

O livro, publicado em 1989, recria os últimos dias do libertador. Dos atentados a sua vida até a situação psicológica dramática na qual se encontrava – desacreditado de seus ideais e de seus companheiros. Bolívar deixa Bogotá e parte em pequena comitiva e em segredo em direção ao Caribe Colombiano, pretendendo dali ir exilar-se na Europa. Nunca chega a fazê-lo, no entanto. O libertador encontra a sua morte em 1830, em Santa Marta, no extremo norte da região, vítima de uma grave pneumonia.

Como dito anteriormente, o período no qual Bolívar foi líder da *Nueva Granada* e posteriormente da *Grã Colombia* foi extremamente febril, politicamente falando. Após a sua consagrada luta pela libertação das colônias da metrópole, Bolívar trocou o

---

pomo da discórdia; os Granadinos como a outros colombianos se dividiram em dois lados ... Naquele dia, os amigos de independência foram chamados: Bolivarianos e liberais”

<sup>59</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 30

posto de general pelo de presidente – sem passar por eleições livres –, como pareceu à época a evolução natural. No entanto, exercer tal cargo acabou por se provar demasiado diferente da função de autoridade à qual o Libertador havia se habituado. Não sabendo lidar com a oposição no parlamento, nas ruas ou nos jornais, Bolívar governou como ditador e acabou por colecionar inimigos e sofrer toda a sorte de atentados, inclusive à sua vida. Um, em particular, foi bastante terrível.

À meia noite do dia 25 de setembro de 1828, um grupo armado que se auto-denominava *Sociedade de Salud Pública*, invadiu a residência do presidente com a intenção de matá-lo. O episódio ficou famoso pela intervenção de Manuela Sanchez, amante de Bolívar, que o convenceu a fugir pela janela enquanto esta distraía os invasores e é narrado em o *El general en su laberinto*.

“El miércoles 25 de septiembre de 1828, al hilo de la medianoche, doce civiles y veintiséis militares forzaron el portón de la casa de gobierno de Santa Fe, degollaron a dos de los sabuesos del presidente, hirieron a varios centinelas, le hicieron una grave herida de sable en un brazo al capitán Andrés Ibarra, mataron de un tiro al coronel escocés William Fergusson, miembro de la Legión Británica y edecán del presidente, de quien éste había dicho que era valiente como un César, y subieron hasta el dormitorio presidencial gritando vivas a la libertad y muertas al tirano.

Los facciosos habían de justificar el atentado por las facultades extraordinarias de claro espíritu dictatorial que el general había asumido tres meses antes, para contrarrestar la victoria de los santanderistas en la Convención de Ocaña. La vicepresidencia de La república, que Santander había ejercido durante siete años, fue suprimida. Santander se lo informó a un amigo con una frase típica de su estilo personal: «He tenido el placer de quedar sumido bajo las ruinas de la constitución de 1821». Tenía entonces treinta y seis años. Había sido nombrado ministro plenipotenciario en Washington, pero aplazó el viaje varias veces, tal vez esperando el triunfo de la conspiración.”<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **El General en su Laberinto**. Bogotá: Editora La Oveja Negra, 1989. p. 58

<sup>60</sup> Em tradução livre: “Na quarta-feira 25 de setembro de 1828, à meia-noite, doze civis e vinte e seis soldados forçaram a porta da casa do governo em Santa Fé, e matou dois dos cães de caça do presidente, feriram vários guardas, feriram gravemente com um sabre o braço do capitão Andrés Ibarra, mataram com um tiro o coronel escocês William Fergusson, membro da Legião britânica e assessor do presidente, de quem foi dito que era valente como César, e subiram até o quarto presidencial gritando vivas a liberdade e morte ao tirano.

<sup>60</sup> Os rebeldes tinham de justificar o ataque pelas faculdades extraordinárias de claro espírito ditatorial de que o general havia assumido três meses antes para contestar a vitória dos santanderistas na Convenção de Ocaña. A vice-presidência da República, que Santander tinha exercido durante sete anos, foi suprimida. Santander disse a um amigo numa frase típica de seu estilo pessoal: “Tive o prazer de ser soterrado nas ruínas da Constituição de 1821.” Ele tinha, então, trinta e seis anos. Foi nomeado ministro

Na passagem acima, Márquez descreve a maneira que o grupo chega à casa na qual estava Bolívar. Descreve com precisão o número de participantes e as suas ações, até pouco tempo antes de adentrarem no quarto principal, onde Manuela Sanchez os esperava. Os parágrafos seguintes virão descrever a maneira como esta havia usado de sua sagacidade para encobrir a fuga do amante.

No entanto, o segundo parágrafo talvez seja aquele de maior importância para o nosso estudo neste momento. É nele que é descrita a possível participação de Santander no atentado. Como bem descrito, a insatisfação popular com os desmandos ditatoriais de Bolívar eram patentes. Embora ambos tivessem sido muito próximos durante a criação do país, acabaram por se distanciar graças às suas visões ideológicas tão diversas. Durante este período, Santander e Bolívar estavam especialmente distantes e, após sobreviver ao atentado, o presidente se convenceu da participação de seu vice na contenda. Santander chegou a ser condenado a morte por fuzilamento, mas foi perdoado. Seria então exilado para a França.

Após a partida de Bolívar, em 1830, uma série de mudanças políticas se dará na *Grã Colombia*. Os partidos que à época eram opostos— tal qual os partidos aqui estudados, até em suas motivações ideológicas — eram os partidos Progressista e os Ministerial.<sup>61</sup> O partido progressista tinha dentre os seus líderes Santander que, após a morte do libertador, volta ao poder.

Durante seu primeiro governo, em 1826, Santander dedicou-se a reformar a educação na *Grã Colombia*. Dentre as várias reformas como a substituição do estudo do latim pelo de francês e inglês, o presidente também aboliu o ensino religioso nas escolas públicas. Tais reformas não foram longevas. Após o atentado contra a vida de Bolívar, como tratado anteriormente, Santander é exilado e suas reformas são apagadas. É somente em 1832 que o presidente progressista pode voltar ao poder e reimplantar a laicização do ensino.<sup>62</sup>

Entretanto, já em 1841, Mariano Ospina Rodriguez, o então secretário das relações exteriores e futuro presidente, desfez mais uma vez as mudanças do governo

---

plenipotenciário em Washington, mas adiou a viagem várias vezes, talvez esperando o triunfo da conspiração.”

<sup>61</sup>MELO, Jorge Orlando. **Orígenes de los partidos políticos en Colombia**: Los Partidos en Colombia III <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/politica/origcol/part3.htm>> Acessado em 15 de janeiro de 2013

<sup>62</sup>MEJÍA, Alvaro Tirado. **Colombia: Siglo y Medio de Bipartidismo em** <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm>> Acessado em 24 de junho de 2013

Santander na educação. Ospina iria ainda mais longe e traria de volta os jesuítas ao País, grupo que havia sido expulso ainda em 1767.<sup>63</sup>

Essa foi a primeira vez que um político interferiu no poderio da Igreja Católica quanto à educação de jovens colombianos. E, assim como nas ocasiões seguintes, tais ações não terminariam muito bem. Como veremos mais adiante, a grande disputa entre os dois partidos sempre foi a questão religiosa, e esta começa aqui.

### 1.3.1 A Disputa Religiosa Entre os Partidos

As diferenças entre os partidos Liberal e Conservador são muitas, contudo a real contenda entre os dois, e a única que é permanente, é a questão religiosa. As disputas sobre a influência da Igreja nas questões do Estado não acabavam e, frequentemente, resultavam em levantes, conflitos armados ou até mesmo guerras civis. Guerras como a de 1839 e a de 1876.

As disputas pela influência da Igreja nas questões do Estado não acabaram mais e, frequentemente, resultavam em levantes, conflitos armados ou até mesmo guerras civis. Guerras tais como a de 1839 e a de 1876. As diferenças entre os partidos Liberal e Conservador são muitas, no entanto, é preciso entender que a real contenda entre os dois e a única que é permanente é a questão religiosa.<sup>64</sup>

“Para los conservadores, más inclinados hacia la defensa del *statu quo*, la iglesia era una garantía de autoridad y orden. Para los liberales empeñados en la modernización del Estado, la Iglesia era un bastión de privilegios que minaba cualquier esfuerzo de cambio mediante su influencia política sobre las masas y en especial su control de la educación.”<sup>65</sup>

Para os liberais, a educação pública e laica era a completa prioridade e item indiscutível de suas políticas públicas. Deveria ser “*Secular, humanitarian, and based on scientific principles*”.<sup>66</sup> Centenas de professores alemães protestantes foram trazidos

---

<sup>63</sup> Idem. Acessado em 24 de junho de 2013

<sup>64</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 31

<sup>65</sup> Ibid., p. 31

<sup>65</sup> Em tradução livre: “Para os conservadores mais inclinados, fazia a defesa do status quo, a Igreja era uma garantia de autoridade e ordem. Para os liberais empenhados na modernização do estado, a Igreja era um bastião do privilégio que minava qualquer esforço pela mudança através de sua influência política sobre as massas e, especialmente, o seu controle da educação”

<sup>66</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 24

ao País com o objetivo de educar futuros professores no que havia de mais moderno e laico na pedagogia europeia. O ensino seria obrigatório para crianças entre 6 a 14 anos. Em resposta, o clero iniciou uma verdadeira cruzada contra tais ideais e pregava contra essas reformas em suas paróquias.

Os conservadores acusavam os liberais de inimigos da religião e davam força e apoio ao clero, o que se tornava uma muito forte aliança em épocas eleitorais. Quando os conservadores subiam ao poder, davam o monopólio da educação, dos casamentos, certidões de nascimento e dos cemitérios.<sup>67</sup> Essa dança das cadeiras permaneceu até o segundo quarto do século XX.

Em *Cien años de soledad*, os partidos e suas diferenças essenciais também se fazem presentes. As representações tão características de cada partido – e as representações que cada partido tinha do outro – também aparecem. Durante a juventude do Coronel Aureliano Buendía, ainda antes da Guerra dos Mil dias, seu primeiro contato com as tensões políticas se dá com as eleições que acontecem em Macondo.

Nas vésperas desta, seu sogro, Don Apolinar Moscote, com quem jogava dominó todas as noites<sup>68</sup>, lhe apresenta pela primeira vez a distinção entre os partidos Liberal e Conservador. Nesta primeira menção dos dois partidos na narrativa de *Cien años de soledad*, ambos são descritos a partir do prisma ideológico de um conservador.

“Los liberales, le decía, eran masones; gente de mala índole, partidaria de ahorcar a los curas, de implantar el matrimonio civil y el divorcio, de reconocer iguales derechos a los hijos naturales que a los legítimos, y despedazar al país en un sistema federal que despojara de poderes a la autoridad suprema. Los conservadores, en cambio, que habiam recibido el poder directamente de Dios, propugnabam por la estabilidad del orden público y la moral familiar; eram los defensores de la fe em Cristo, del principio de autoridad, y no estaban despuestos a permitir que el país fora descuartizado em entidades autónomas.”<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup>Em tradução Livre: “Secular, humanitária e baseada em princípios científicos”

<sup>67</sup>PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 29

<sup>68</sup>MÁRQUEZ, Gabriel García. Op cit. (2007). p. 116

<sup>69</sup>Idem. p. 117

<sup>69</sup>Em tradução livre: “Os liberais, dizia, eram maçons; gente de má índole, partidária de enforçar os padres, de instituir o casamento civil e o divórcio, de reconhecer iguais direitos aos filhos naturais e aos legítimos, e de despedaçar o País num sistema federal que despojaria de poderes a autoridade suprema. Os conservadores, ao contrário, que tinham recebido o poder diretamente de Deus, pugnavam pela estabilidade da ordem pública e pela moral familiar; eram os defensores da fé de Cristo, do princípio de

Sendo não só conservador, mas igualmente funcionário deste mesmo governo, Don Apolinar Mascote defende sua perspectiva dos Liberais. Apresenta os estes como maçons – no errôneo sentido de homens sem religião -, pior ainda, homens que pretendiam destruir a Igreja à força. Lista algumas das reais reivindicações dos Liberais: matrimônio civil; divórcio; igualdade de direitos entre os filhos – mesmo sem terem nascido dentro de um casamento e, por fim, a instauração de um sistema federalista. Os Conservadores descreve como protetores da religião e dos bons costumes e aqueles que manteriam um Estado centralizado. Aqui se inaugura uma dicotomia de sobreposição que se perpetuará por toda a narrativa.

Esse era, no entanto, um assunto delicado. Essas disputas se encerravam no espaço das discussões intelectuais. Sendo o povo colombiano fervorosamente católico, era muito difícil discutir uma diminuição do poderio da Igreja. No entanto, é importante entender, os liberais não defendiam o ateísmo – sendo eles mesmos católicos – e, sim, o poder da Igreja em questões do Estado.<sup>70</sup> Numa Colômbia onde as questões religiosas são tão acirradas, os próprios santos pareciam ter partido:

“The Inhabitants of Santa Marta when interrogated in the 1950’s by the anthropologists Gerardo and Alicia Reichel-Dolmatoff, reported that the Virgin Mary, St. Rafael and St. Anthony were conservatives, while the Sacred Heart of Jesus and St. Martin of Loba were liberals.”<sup>71</sup>

Em *Cien años de soledad*, ainda durante a guerra, é possível ver essa dualidade entre desejar que a Igreja Católica não interfira no Estado e mesmo assim ser católico. O Coronel Guerineldo Márquez é Liberal antes do próprio Coronel Buendía, é um dos oficiais mais próximos deste e lutou com afinco contra os Conservadores durante toda a guerra. Contudo, quando deseja presentear Amaranta, sua namorada, lhe dá um livro de orações. Ao que Amaranta replica:

---

autoridade, e não estavam dispostos a permitir que o país fosse esquarterado em entidades autônomas.”

<sup>70</sup>MEJÍA, Alvaro Tirado. *Colômbia: Siglo y Medio de Bipartidismo em < www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm >*

<sup>71</sup>PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 23

<sup>71</sup>Em tradução livre: “Os habitantes de Santa Marta, quando interrogados na década de 1950 pelos antropólogos Gerardo e Alicia Reichel-Dolmatoff informaram que a Virgem Maria, São Rafael e Santo Antônio eram conservadores, enquanto que o Sagrado Coração de Jesus e São Martin da Loba eram liberais”

“-Qué raros son los hombres (...) Se pasan la vida peleando contra los curas y regalan libros de oraciones.”<sup>72</sup>

O catolicismo era tão acirrado dentro da cultura colombiana que esse tipo de discussão era perfeitamente possível. Amaranta cria a sua própria representação do partido Liberal, no qual será inusitado um membro do partido lhe dar tal presente. A irmã do Coronel Aureliano, católica fervorosa percebe os membros do partido como homens que lutam contra a religião, mesmo estando tão próxima deles. Já Guerineldo Márquez, não hesita em oferecer o presente, justamente por saber da devoção da namorada e por não ver qualquer impedimento no ato, sendo ele também católico.

Durante o período conhecido como *Regeneración*, os conservadores devolveram ao clero plenos poderes sobre a educação e várias cerimônias civis. Enquanto na maioria dos países da América Latina a Igreja lentamente vinha perdendo o seu poder, na Colômbia do final do século XIX esse poder só cresceu.<sup>73</sup> Depois da Reforma do Código Civil, a Igreja Católica passa a influir em leis como a distinção entre filhos legítimos e naturais, a guarda automática dos filhos ao marido, a redução do status legal das mulheres casadas ao de menores, não podendo estas ter propriedade privada ou exercer profissão.<sup>74</sup>

As disputas relativas ao poder e influência da Igreja no Estado foram de tal maneira severas que se tornaram estopins de várias guerras civis do século XIX, sendo por vezes usadas como justificativa para conflitos de outra natureza, como a disputa por terras e poderio econômico.<sup>75</sup>

A importância política da Igreja católica remonta desde o período colonial, quando era tarefa da Igreja a evangelização, aculturação e introjeção da dominação europeia sobre os indígenas. Neste período a Igreja recebia a aprovação e o apoio político e financeiro da coroa espanhola. Ao mesmo tempo, a Igreja se fortalecia dentro da colônia também através da acumulação de bens e imóveis, principalmente terras que adivinham da doação de fiéis e do pagamento do dízimo. Essas terras, no entanto, se encontravam imobilizadas do ponto de vista mercadológico.

---

<sup>72</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. Op cit. (2007). p. 190

<sup>72</sup> Em tradução livre: “— Como os homens são esquisitos! (...) Levam a vida lutando contra os padres e dão livros de oração de presente.”

<sup>73</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 36

<sup>74</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 30

<sup>75</sup> Ibid., p. 24

A partir da independência, esse poder passou a ser questionado. Enquanto a princípio o Estado herdou da antiga metrópole o Patronato<sup>76</sup>, à medida que os partidos vieram a se desenvolver ideologicamente, os liberais passaram a se opor a tal prática. O partido liberal percebia a laicização do Estado como uma oportunidade comercial. Não só pela movimentação financeira que uma possível desapropriação de terras eclesiásticas poderia trazer, mas também na facilitação do comércio com outros países.

“La secularización del Estado, el conflicto religioso que marca sobre todo a los países católicos en el siglo XIX, fue vivido en América en forma similar: los comerciantes querían secularizar el Estado y abrir sus países al libre cambio y a la inmigración. Sarmiento decía en Argentina: ‘La cuestión de libertad de cultos es en América una cuestión política y de economía. Quien dice libertad de culto, dice inmigración europea y población’. En Colombia los radicales también decretaron la libertad de cultos, la separación, entre la Iglesia y el Estado, al mismo tiempo que imponían la libertad de comercio, y en consecuencia de importación, con tanto celo, que hasta la cuarentena sanitaria en los barcos fue suprimida ‘por considerarla incompatible con los principios de la libertad’.”<sup>77</sup>

Para os Liberais e aqueles que os apoiavam, a liberdade religiosa era positiva não só por motivos ideológicos, mas por razões também muito mais práticas. Um país com liberdade religiosa se tornava atrativo para a imigração européia – um dos grandes objetivos de ambos os partidos – e também para as grandes potências que poderiam ver a Colômbia como um país moderno e atraente comercialmente.

Por esses e outros motivos, os liberais fizeram da laicização do Estado e, principalmente, da educação uma de suas maiores bandeiras. No governo liberal de José Hilário Lopez, em 1853, o patronato eclesiástico é suprimido e é a partir de então declarada a separação entre a Igreja e o Estado.<sup>78</sup> Durante períodos como o do Olimpo

---

<sup>76</sup> O patronato era o acordo político ente o Estado e a Santa Fé na qual o primeiro ganhava poderes de nomear párocos, administrar o dízimo, autorizar a demarcação de dioceses e fundação de Igrejas. O que tornavam os membros do clero virtualmente funcionários estatais. Em MEJÍA, Alvaro Tirado. Colombia: **Siglo y Medio de Bipartidismo em** < [www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm](http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm) >

<sup>77</sup> Idem Em tradução Livre: “A secularização do Estado, o conflito religioso que marca todos os países católicos no século XIX, foi vivido na América de forma semelhante: os comerciantes queriam secularizar o Estado e abrir seus países para o livre comércio e imigração. Sarmiento na Argentina disse: ‘A questão da liberdade religiosa na América é uma questão política e econômica. Quem diz liberdade religiosa, diz imigração européia e povoamento’. Na Colômbia, os radicais também decretaram a liberdade de religião, a separação entre Igreja e Estado, enquanto impunham livre comércio e a importação com tal zelo que mesmo a quarentena de saúde nos navios foi suprimida por ser ‘incompatível com os princípios de liberdade’ ”

<sup>78</sup> MEJÍA, Alvaro Tirado. Colombia: **Siglo y Medio de Bipartidismo em** < [www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm](http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm) > Acessado em 24 de junho de 2013

Radical – 1863 a 1886 – no qual dominaram o cenário político, estes irão usurpar da Igreja todo o seu poder.

É fácil imaginar a reação tanto do clero quanto dos membros do partido conservador quando, em 1853, não só a educação, mas também assuntos relacionados a nascimentos, cemitérios casamentos e até mesmo o divórcio passaram a estar sob a tutela do Estado.

Em 1861, depois da guerra civil, o general liberal, Tomás Cipriano de Mosquera instituiu a desamortização dos bens da Igreja que, em termos de terra estimava-se compor cerca de 1/3 dos bens territoriais do país.<sup>79</sup> Embora em questões da esfera menos econômica os dois partidos se revezavam em dar e retirar poder da Igreja, neste âmbito houve permanência. As terras da Igreja Católica nunca lhe foram devolvidas, mesmo quando governos conservadores subiram ao poder. O máximo que fizeram foi oferecer indenizações estatais.<sup>80</sup>

Estes ataques contra o clero por parte dos liberais irão, no entanto, despertar a ira da Igreja Católica. Os párocos passarão a atuar beligerantemente no Partido Conservador. Para estes, a disputa pela educação era uma questão de soberania política. O clero não era tão somente partidário dos conservadores, mas também era força de mudança política. A sua influência sobre os fiéis era de muito peso e a Igreja se tornava, assim, capaz de levantar exércitos em épocas de conflito durante o século XIX. Havia também a bula papal de Pío IX – 1864 – que especificamente condenava a educação laica.<sup>81</sup> Tal documentação e ordem direta do chamado representante de Deus na terra convencia muitos comuns da santidade e da imperatividade do conflito contra os liberais.

O conflito entre os liberais – partidários da laicização do Estado – e dos conservadores – aliados da Igreja Católica e defensores de sua primazia – gerará, como mencionado anteriormente, uma série de levantes e terá importante influência sobre as guerras civis. A mais trágica de todas, foi a de 1876.

Desde 1863, a Colômbia se encontrava governada pelo grupo que conhecemos como Olimpo Radical – a ala mais radical do Partido Liberal. Nos últimos anos – mais especificamente depois da reforma de 1870 – o governo liberal havia tirado todo o

---

<sup>79</sup> MEJÍA, Alvaro Tirado. Colômbia: **Siglo y Medio de Bipartidismo em < [www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm](http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm)** > Acessado em 24 de junho de 2013

<sup>80</sup> Idem.

<sup>81</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 24

poder da Igreja em relação à educação básica e secundária. O clero colombiano reagiu com enormes campanhas antiliberais por todo o país, causando levantes em várias regiões. A resposta do governo? Um igualmente rígido anticlericalismo. Em poucos meses a guerra estourava.<sup>82</sup>

Mas para tratar da Guerra de 1876 é preciso compreender a conformação política na qual esta se deu. O ano em questão se encerra dentro do período conhecido como Liberal Radical, no qual a facção extremista do partido liberal – o Olimpo Radical – estava no comando. Como mencionado antes, esse período vai de 1863 – ano da Constituição de Rio Negro – a 1886 – ano que marca o princípio do período conhecido como *La Regeneración*.

Ressalta-se, também, que muitas mudanças importantes deste período têm suas raízes em governos liberais anteriores como os de José Hilário Lopes, que pôs fim à escravidão no país, ao Patronato e deu importantes passos em direção ao federalismo.

Dos anos de Hilário até 1863 houve governos liberais e conservadores, levantes em profusão e duas guerras civis – em 1854 e em 1860 – nas quais o partido conservador tenta tomar o poder e falha. Em ambas as guerras os liberais se mantêm no poder e acirram ainda mais o punho.

A Constituição de Rio Negro (1863) é a mais radicalmente liberal de todas. Ela inaugura o período Liberal Radical e vai criar mecanismos para a manutenção das instituições aqui criadas. A Constituição de Rio Negro é, na verdade, criada com o objetivo de enfraquecer o Estado. Ela cria leis que permitem a cada estado ter sua própria constituição, fazer suas próprias eleições, controlar seus próprios impostos – diminuía muito consideravelmente aqueles que deveriam ser entregues ao governo central – o termo presidencial agora só duraria dois anos – enfraquecendo o poder executivo - e absoluta liberdade de imprensa. Fica muito claro a partir daqui que o objetivo era o do federalismo extremado, o da liberdade quase completa dos estados e um enfraquecimento proposital do poder executivo.<sup>83</sup>

Outros dois pontos extremamente relevantes são a questão do comércio de armas e munição e a educação laica. Ambas as cláusulas da constituição de 1863 serão decisivas para a derrocada do governo Liberal Radical.

---

<sup>82</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 24

<sup>83</sup> MEJÍA, Alvaro Tirado. Colombia: **Siglo y Medio de Bipartidismo em** <  
[www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm](http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm)> Acessado em 24 de junho de 2013

A primeira tinha por objetivo dar mais poder bélico aos estados e, por conseguinte, delegar a estes a liberdade de entrar em guerra civil contra outros estados e a de enfrentar as consequências sozinhos. O governo do Olimpo Radical era tão extremo na concepção de que os estados deveriam ser completamente livres que reconhecia a sua liberdade de entrar em guerra uns com os outros. Pretendia-se, então, afastar o governo central dessas contendas e permitir que elas se desenlaçassem entre os estados, e somente entre eles.

Obviamente esse movimento foi mal recebido. Em vez de evitar guerras civis a nível nacional, tal cláusula acabou abrindo portas para um grande número de guerras interestaduais que trouxeram ruína econômica e desestabilização. A “Anarquia Organizada” como ficou conhecida a situação política colombiana chamava a atenção internacional e muitos políticos colombianos – conservadores – perceberam o perigo de demonstrar esta instabilidade num mundo onde muitas potências eram o que conhecemos hoje como imperialistas.<sup>84</sup> Estavam certos. Quando a Guerra dos Mil Dias veio, com ela vieram os interesses norte americanos e, conseqüentemente o Panamá se foi.

Enquanto os membros do Partido Conservador rilhavam os dentes ao ver movimentos políticos como estes, nada foi mais terrível para eles do que a cláusula que reforçava a educação laica. Quanto mais o clero se revoltava com a situação, mais o Olimpo Radical acirrava o seu anticlericalismo. E, assim, inicia-se um novo conflito.

Durante o período Liberal Radical, o Partido Liberal em si havia sofrido um racha. O Olimpo Radical – o grupo extremista – se encontrava no poder e também afastado de outros grupos dentro do partido, em especial os Independentes – um grupo mais moderado. Assim permaneceram por todo o período, a não ser pela guerra civil aqui discutida na qual se uniram momentaneamente para bater o inimigo comum, o Partido Conservador.<sup>85</sup>

Em 9 de Julho de 1876, os exércitos do Partido Conservador se levantaram contra o governo do presidente Aquileo Parra e se sublevaram estado por estado. Começando por *Cauca*, levam o movimento a *Atioquia*, *Tolima*, *Santander*, *Cundinamarca* e *Bayacá*. Apoiados pelo clero, o exército conservador crescia em número, a cada dia, uma vez que na missa era pregado que este conflito se tratava de

---

<sup>84</sup>MEJÍA, Alvaro Tirado. Colombia: **Siglo y Medio de Bipartidismo em <**  
[www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm](http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm)> Acessado em 24 de junho de 2013

<sup>85</sup>PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 25

uma Guerra Santa.<sup>86</sup> Para se ter uma dimensão do alcance religioso da guerra, os exércitos conservadores carregavam bandeiras dos estados pontífices e chamavam os liberais de ateus e inimigos da religião.<sup>87</sup>

Um dos fatores mais interessantes desta guerra – e em certa medida comum a outras guerras entre ambos os partidos – era a sua facilidade em levantar exércitos. As condições sociais e econômicas colombianas nunca foram favoráveis ao recrutamento, treinamento e armamento rápido de tropas. No entanto, isso era um certo talento especial da terra.

“When the conflict broke out, the national army controlled by the Liberal regime had only 1,255 soldiers, but within three months the government could field 30,000 men. We can assume that this was not a very disciplined army, of course, and such quick action required outlays that exceeded the entire annual national budget.”<sup>88</sup>

Tendo ambos os lados sido capazes de rapidamente formar exércitos, a guerra se tornou muito sangrenta. Por onze meses os dois exércitos arrasaram os estados nos quais lutaram. Enquanto os exércitos conservadores eram em sua imensa maioria formados por cristãos lutando uma guerra santa, os exércitos liberais eram formados em boa parte por negros e mulatos que – foi durante o governo liberal de Hilário que a escravidão foi suprimida – lutavam contra a opressão dos conservadores, os quais ainda percebiam tais grupos como inferiores.<sup>89</sup>

Ao lado dos liberais, também lutavam jovens aspirantes e políticos. Estes jovens que serão tão vitais no intuito de manter viva a chama do liberalismo durante a *Regeneración* e serão responsáveis pelas muitas guerras civis que se seguem, inclusive a Guerra dos Mil Dias. Dentre eles, o próprio general Uribe Uribe. Esta foi a sua primeira guerra civil.

---

<sup>86</sup>MENDONZA, Hugo Andrés Arenas. **¿Estado irresponsable o responsable?:** la responsabilidad patrimonial del estado colombiano, luego de la guerra civil de 1876-1877. Santa Fe de Bogotá: Editora Universidad del Rosario. 2009. p. 41

<sup>87</sup>MEJÍA, Alvaro Tirado. Colombia: **Siglo y Medio de Bipartidismo em** <[www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm](http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm)> Acessado em 24 de junho de 2013

<sup>88</sup>PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 25

<sup>88</sup>Em tradução livre: “Quando o conflito estourou, o exército nacional controlado pelo regime Liberal tinha apenas 1.255 soldados, mas dentro de três meses, o governo seria capaz de por a campo 30.000 homens. Podemos supor que este não era um exército muito disciplinado, é claro, e as despesas necessárias para a ação rápida ultrapassaram o orçamento nacional anual inteiro”

<sup>89</sup>Ibid., p. 25

A vitória veio para os liberais que se esforçaram para manter o clero e o partido conservador sob suas botas. Leis anticlericais bastante radicais foram passadas<sup>90</sup> e os conservadores foram expulsos do âmbito político. No entanto, o extremismo do Olimpo Radical não passou despercebido e os Independentes se voltaram contra estes. Nas próximas eleições – as de 1878 – o vitorioso foi um Liberal Independente chamado Trujillo que governou durante dois anos de mandato, servindo lealmente a um outro Liberal Independente de nome Nuñez. Esse foi o fim do período Liberal Radical e o começo de uma nova era, a *Regeneración*.

O período que se segue é de domínio Conservador e as tensões que vão se acumulando durante as próximas duas décadas, o desgaste de duas guerras civis – 1884 e 1895 - levarão à guerra civil, que encerrará o século. A Guerra dos Mil Dias, como mencionado anteriormente, é o ápice de um século de disputas e conflitos. Um século em que a Colômbia luta para se modernizar e progredir – de acordo com os padrões europeus e americanos – uma Colômbia que sofre com a instabilidade política e com as divisões dentro de seu próprio território.

Durante o capítulo que começaremos a seguir nos dedicaremos a estudar o controle exercido pelo Governo Central Conservador durante o período da *Regeneración*, a Guerra dos Mil Dias mais especificamente e também as suas representações em *Cien años de soledad*. Vamos nos dedicar a questões teóricas e a análise de personagens. Por fim, buscaremos a compreensão do conflito através do olhar da literatura.

---

<sup>90</sup> Essas leis foram especialmente severas em Antioquia, onde o bispo de Pamplona foi exilado e muitos padres foram presos. Em PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 25

## Capítulo Dois:

### A Guerra dos Mil Dias em Cien Años de Soledad

“Un viento de muerte había pasado sobre el país entero”<sup>91</sup>

#### 2.1 Introdução

Neste capítulo, nos dedicaremos à análise de *Cien años de soledad*, à personagem do Coronel Aureliano Buendía e, mais especificamente, à maneira como tal personagem pode ser reveladora da representação da Guerra dos Mil Dias na obra analisada. Estudaremos os pormenores da Guerra e a maneira como os partidos Liberal e Conservador ali figuram.

Começaremos nos dedicando ao aparato teórico necessário para fazer tal estudo. Trataremos dos conceitos de Representação e de Verossimilhança a partir das ideias de Sandra Jataí Pesavento e como tais conceitos são essenciais para o estudo da relação entre a literatura e história.

No segundo item estudaremos o regime conservador conhecido como *La Regeneración* e a maneira como as tensões políticas e culturais presentes neste levarão à Guerra dos Mil Dias. A partir daí nos dedicaremos ao conflito em si e às representações da Guerra e como tal é representada em *Cien años de soledad*.

No terceiro e último item trataremos da teoria concernente à análise de personagens, tomando como base as ideias de Antônio Cândido. Uma vez finda tal discussão teórica, seguiremos o trabalho com a análise da personagem Coronel Aureliano Buendía e da maneira como esta é representativa dos veteranos da Guerra dos Mil Dias.

Ao iniciar este novo capítulo, nos dedicaremos primeiramente, como mencionado acima, à análise teórica necessária para o bom andamento desta pesquisa. Aqui me dedicarei à uma teórica de grande peso, Sandra Jataí Pesavento, que será importante para melhor compreender os conceitos como o da Representação, da

---

<sup>91</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 38  
91

Verossimilhança e a relação entre história e literatura. Tais conceitos são a base teórica desta pesquisa, são os alicerces sobre os quais me apoio para estudar a Guerra dos Mil Dias como discurso e como é representada nas obras de Gabriel García Márquez, mais especificamente *El coronel no tiene quien le escriba* e *Cien años de soledad*.

Tais conceitos são centrais não só para a pesquisa que aqui pretendemos desenvolver, mas também para a história cultural como um todo. Perceber a história com uma narrativa e suas fontes como discurso é essencial para compreender a história do ponto de vista da cultura.<sup>92</sup> É necessário poder perceber as fontes não só como rastros e marcas de historicidade, mas também como construções sobre o real. A aguda percepção de Pesavento sobre as possibilidades advindas de tal interpretação são especialmente tratadas em seu livro *História & história cultural*, que será uma das obras aqui discutidas.

As fontes que usaremos nesta pesquisa são, em sua maioria, provenientes da literatura. E devem ser compreendidas como uma possibilidade de percepção do imaginário de uma época, das representações difundidas em sua sociedade. Nas palavras de Pesavento: “A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas.”<sup>93</sup> A literatura nos permite espiar pela fresta do passado, e entendermos como aqueles do passado viam e percebiam a sua própria realidade. Mas não só isso, também é possível perceber como os artistas, os escritores, justificavam a própria realidade, como eram capazes de compreendê-la, defini-la e colocá-la por escrito.

Mas a questão aqui levantada é: como funciona a interlocução entre história e literatura? A história pergunta e a literatura responde? A História Cultural exige mais. Para os estudiosos da História Cultural tanto a história quanto a literatura são formas de discurso e, portanto, são duas formas de tratar e traduzir o real. Para Pesavento, “Ambos são representações construídas sobre o mundo e que traduzem sentidos e significados inscritos no tempo.”<sup>94</sup> A bem da verdade, é que tem sido prática no cotidiano adjetivar a literatura como ficção, reservando à história a categoria de real e isso, por vezes, pode

---

<sup>92</sup> PESAVENTO, Sandra J. O.p Cit. 2004. p. 39

<sup>93</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura**: uma velha-nova história in COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História e Literatura**: Identidades e Fronteiras. 1 ed. Uberlândia: Edefu, 2006. p. 14

<sup>94</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, (2006) p. 21

ser um problema. Entretanto, não podemos perder de vista o valor da obra literária como documento, seu valor como problema e a possibilidade ( aberta por ela) de reflexão a respeito da construção da própria história.

O desafio do historiador que estuda a interlocução da história com a literatura é, como bem disse Pesavento, “(tomar) o não-acontecido para recuperar o que aconteceu”.<sup>95</sup> A literatura é, e sempre será, testemunha de seu tempo. Quando utilizada por historiadores da história cultural, esta pode tratar não da realidade em si, de fatos, mas de sentimentos, de emoções, de imaginários. Nesse sentido, podemos perceber o valor da interlocução da história com a literatura de García Márquez e o registro da Guerra dos Mil Dias, conflito que ele nunca viveu, mas o qual conhece através do imaginário por ele compartilhado com seu avô e com a sua comunidade e que repercute em sua obra.

A literatura não precisa ser fiel à realidade que retrata. Nem poderia, mesmo que quisesse. O que os historiadores da História Cultural desejam da interlocução da história com a literatura é o seu poder de testemunha dos sentimentos, das impressões, das ilusões, das utopias, das fantasias, enfim, de todos os sentimentos humanos ali impregnados.

A literatura, quando trabalhada em contrapartida com a história, se insere na fresta aberta dentro da História Cultural – dentro de seu grande vendaval de possíveis conciliações entre diferentes áreas de conhecimento das humanidades – e da História das Mentalidades – a partir do momento em que a encaramos como um estudo da psique. Não há uma busca por verdade ou autenticidade, mas, sim, o seu valor representativo. E quando Pesavento diz que “O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.”<sup>96</sup> Ela nos permite perceber que o simbólico é a verdadeira chave para a questão. Uma vez que se possa fazer uma frutífera análise de tal universo de símbolos e podemos acabar por encontrar algo muito mais real do que o próprio real, por que é nele em que vivemos e depositamos o nosso acreditar.

Este é o grande desafio. A metodologia aqui deve ser utilizada com extremo cuidado, é preciso ter plena certeza de seus objetivos. Não se deve em momento algum

---

<sup>95</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, (2006) p. 14

<sup>96</sup> Ibid., p. 22

tentar extrair dessa ficção fatos, tentar encontrar em seus personagens pessoas reais. Pelo contrário, a existência dos personagens tem importância tão somente quando os analisamos como perfis que retraçam sensibilidades. Nas palavras de Pesavento, os personagens,

“São dotados de realidade porque encarnam os defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo.”<sup>97</sup>

Os personagens são testemunhas de seu tempo. Pessoas que, mesmo existindo somente na verdade do simbólico, são capazes de retratar sentimentos, visões de mundo e experiências que nos abrem a tão desejada fresta para o passado, aquela pela qual podemos ter um vislumbre do imaginário de outras épocas.

Os personagens são agentes do imaginário e como tais ganham identidade e legitimidade das pessoas reais e de carne osso que as leem. O autor cria seus personagens a partir do imaginário de sua época e os legitima porque os faz verossímeis, os faz seres humanos possíveis, coerentes. Aos personagens nos dedicaremos mais profundamente mais adiante.

A Verossimilhança, substância dos outrora mencionados personagens é, por fim, essencial para dar vida às obras tanto dos autores da literatura quanto dos próprios historiadores. E uma vez que compreendemos tal fato, podemos fazer muito melhor uso da literatura. Podemos perceber a narrativa e os personagens de nossas fontes que funcionam porque tem em si a realidade que é concedida pela Verossimilhança. Nas palavras de Pesavento, “ O verossímil é o provável, o que poderia ter sido e que é tomado como tal. Passível de aceitação, portanto.”<sup>98</sup>

Sandra Jatháí Pesavento define vários quesitos centrais em sua obra como, por exemplo, o valor do estudo da literatura em interlocução com a história. Para a autora, a chave do uso da literatura como fonte histórica é a análise das representações ali presentes.

“[...] decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e

---

<sup>97</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, (2006) p. 15

<sup>98</sup> Ibid., p. 16

imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e ao mundo.”<sup>99</sup>

Pesavento faz questão de sublinhar que a literatura deve ser estudada como discurso, como imagem. A literatura é, acima de tudo, discurso. É preciso compreender que esta é somente imagem de um passado, o passado refletido através de um espelho. Podemos também compreender que, por ser imagem, não é igual ao passado, é uma representação do passado. Nas palavras de Pesavento:

“A representação é conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele.”<sup>100</sup>

Assim como não vivemos a realidade, mas a nossa representação desta, a literatura também habita a verdade do simbólico, mundo construído através das representações não só do autor como de seus leitores e legitimado pela Verossimilhança.

Para Pesavento, estudar a interseção entre a história e a literatura seria um equívoco se realizado sem a perfeita compreensão do conceito de Representação. Para a autora, as representações formam uma “realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas”<sup>101</sup>; substituiriam o mundo real, tomariam o seu lugar dentro do imaginário.

As Representações são nossa percepção a respeito da realidade. Essa percepção passa a ser por nós encarada como a própria realidade e nossas ações e sentimentos são construídos ao redor dessas Representações. O estudo de qualquer fonte histórica sob o espectro da Representação nos permite perceber matrizes geradoras de ações e discursos. A real importância do estudo das representações é compreender como a percepção da realidade vivida por um determinado grupo de pessoas as levará a criar matrizes ideológicas e discursos. Discursos estes que levaram a construções de “verdades”, ou percepções da verdade, e estas, por sua vez, levarão a ações. Nas

---

<sup>99</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit. 2004, p. 42

<sup>100</sup> Ibid., p. 40

<sup>101</sup> Ibid.1, p. 39

palavras de Pesavento: “ São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem explicativa do real.”<sup>102</sup>

É só a partir do estudo das percepções relativas ao Partido Liberal ou ao Partido Conservador, dentro de *Cien años de soledad*, que podemos compreender as matrizes geradoras de discurso quanto a estes, tais matrizes as quais levarão os discursos a possíveis materializações, como neste caso, o período de *La Violencia* na Colômbia – 1946 a 1958- em que as percepções relativas a tais partidos antes e depois da Guerra dos Mil Dias serão transformadas e reformuladas pela memória de seus sujeitos e novamente essenciais para os conflitos relativos ao período ditatorial que dali se segue. É interessante, inclusive, perceber as relações entre as representações do Partido Liberal em *Cien años de soledad* – antes, durante e depois da Guerra dos Mil Dias – e *El coronel no tiene quien le escriba*– durante o período de *La Violencia*.

Essa representação nos é muito cara, uma vez que a arte que aqui analisamos, a literatura, estabelece uma percepção do real que pertence, primeiramente, a Gabriel García Márquez, mas não só. Esta substituição do mundo por sua representação não significa que temos aí uma cópia fiel da realidade, “mas uma construção feita a partir dela”<sup>103</sup>. E compreender as Representações é compreender o imaginário que pautava todo um grupo ou sociedade. Tais ideias os levavam a realizar ações e assim construir sua história. Analisamos o imaginário, mas a partir delas somos também capazes de compreender a realidade que dela advém. Daí o poder e real intenção do estudo das representações.

As Representações não são simplesmente informações dadas. Há nelas mais do que é possível ver à primeira tentativa. São carregadas do simbólico, carregam sentidos ocultos.<sup>104</sup> As Representações de cada sociedade são cheias de construções, por vezes tão antigas quanto tal sociedade, por outras vezes recém formadas. As Representações estão em constante transformação.

Mas o grande poder das Representações está justamente em sua relativa invisibilidade. Elas são de tal forma intrínsecas à sua sociedade que passam despercebidas. Tomam o lugar da realidade e se internalizam no inconsciente coletivo.

---

<sup>102</sup> Ibid., p. 39

<sup>103</sup> Ibid., p. 40

<sup>104</sup> Ibid., p. 41

Estas passam a ser percebidas – ou não percebidas - como que naturais, instintivas. Por isso pautam nossas ações sem que seja dada muita reflexão a seu respeito.

A força da Representação vem justamente do seu poder e sua capacidade de mobilização, a legitimidade que confere a mobilização social. As Representações são doadoras de sentido e é através delas que construímos a narrativa de nossa realidade, as ideologias que guiam as ações humanas. Nas palavras de Pesavento: “As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade.”<sup>105</sup>

Esta pesquisa estuda obras literárias para melhor compreender as representações dos colombianos da primeira metade do século XX a respeito das disputas entre os partidos políticos Liberal e Conservador durante os últimos anos da segunda metade do século XIX, mais especificamente durante o conflito denominado Guerra do Mil Dias. Ao estudar as obras de Gabriel García Márquez como fonte para perceber este período, a intenção desta pesquisa não é encontrar a verdade e fatos em tal literatura, mas perceber as representações nela presentes, a maneira como a informação ali contida, mesmo que ficcional, é verossímil à sua realidade, aquela construída pelas representações tão arraigadas ao inconsciente coletivo. E esse, sim, é o trabalho do historiador da cultura, compreender que é impossível estudar literatura como objeto de estudo histórico sem nela se debruçar em busca das representações. Segundo autora:

“A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.”<sup>106</sup>

Essas representações advém do imaginário e da realidade colombiana, a qual é compartilhada com o autor e passa naturalmente para a ficção ou são ali postas por escrito intencionalmente. É do autor que tais representações provém, mas estas representações nos são ainda mais caras porque são divididas com um grupo ou por toda a sociedade. Daí o valor do estudo das representações contidas em uma obra literária,

---

<sup>105</sup> Ibid., p. 41

<sup>106</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, (2006) p. 22

pois elas podem também ser as representações de toda uma sociedade. Nas palavras de Le Goff:

“A mentalidade de um indivíduo, mesmo que se trate de um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens de seu tempo.”<sup>107</sup>

Aqui estudamos a dita mentalidade compartilhada entre os colombianos e suas representações acerca de toda a realidade de que fazem parte, mais especificamente entre os conflitos dos partidos políticos de sua era. Agora nos dedicaremos a compreender melhor a obra *Cien años de soledad* e as representações acerca da guerra que são aqui nosso objeto de estudo.

## 2.2 Os Últimos Anos do Século XIX

No capítulo anterior apresentamos preliminarmente as características geográficas colombianas e como estas influenciam a cultura política do país. Tratamos extensamente do isolamento social e político da população, da formação dos partidos políticos e das guerras civis que marcaram de sangue e instabilidade o jovem país. As contendas de ambos os partidos permanecem, se renovam e dão frutos. Os frutos amargos da Guerra dos Mil Dias.

Observamos que as contendas entre os partidos Liberal e Conservador sempre se renovam. Ao longo do século XIX, ambos os partidos buscaram permanecer no poder pelo mais longo tempo que puderam. Pretenderam estabelecer sua visão política e, para isso, precisavam de tempo hábil para tornar sua visão realidade.

Ambos os partidos acabaram, então, se utilizando de tal justificativa para assegurar sua permanência no poder o que, apesar de não se caracterizar como ditadura, por vezes foi algo muito próximo. Para tanto, tais partidos fizeram uso de propaganda, de corrupção, de promessas, de crenças religiosas, de assassinatos e, por vezes, de guerras. Estes se darão por longos períodos de governos exclusivistas que só serão possíveis através da fraude eleitoral tão característica desta era.<sup>108</sup>

---

<sup>107</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora Bertrand Brasil, 1992. p. 41

<sup>108</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 21

Durante o século XIX, tal a disputa entre os dois partidos, levou a Colômbia a três golpes de estado, catorze conflitos a nível estadual e oito guerras civis nacionais com um poder destrutivo tal que o número dos nascidos já não compensava(m) os mortos.<sup>109</sup> Nenhum destes conflitos, no entanto, teve o poder arrasador como o da Guerra dos Mil Dias. Nenhum deixou tantos mortos, destruiu a infraestrutura e a economia de tal maneira e perdeu tamanha parte do território - sem mencionar a importância estratégica e o potencial econômico que o Canal do Panamá guardava. Nenhum conflito deixou um trauma tão difícil de ser revertido, nenhum transformou tanto esta sociedade e seus líderes.

A Guerra dos Mil Dias é trágica em si só, mas ainda guarda outras formas de relevância. É em seu poder de culminância que guarda a sua real importância. O conflito final entre Liberais e Conservadores do século XIX marca o fim deste século, o fim das intenções beligerantes do partido Liberal e a permanência dos conservadores no poder até 1930. A guerra fica como uma ferida aberta na nação, lembrando a todos o terror do conflito.

Mas também tem seu poder de cura. A partir da Guerra dos Mil Dias, ambos os partidos assumem um novo discurso, um novo comportamento. Com o final da Guerra, Liberais e Conservadores se aproximam e passam a buscar uma relação mais harmônica. Depois da perda do Panamá – na verdade ainda antes – os dois grupos percebem a fragilidade política e econômica na qual o País se encontra e buscam acordos com os quais se proteger.

Ao fim do conflito, quando os liberais se rendem, não o fazem incondicionalmente. Tudo se dá através de acordos como, por exemplo, a liberdade de generais como Caro e Uribe, a sua permanência no País e o fato de que seus direitos políticos e propriedades permaneçam intactos.

Tal qual o Coronel Aureliano Buendía que, ao fim da guerra, já como general, sobrevive aos tratados de paz e pode voltar a viver em sua casa em Macondo. Durante todo o fim da guerra se aborreceu com os advogados do partido que voltavam a procurá-lo incessantemente para negociar termos da rendição que seriam favoráveis aos homens do partido, mas não aos ideais que deveriam representar. Não só. O governo Conservador, nas décadas após a guerra, se dedicará a fazer dele um herói de guerra.

---

<sup>109</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 30

Fazem festa em seu jubileu e dão seu nome a uma rua.<sup>110</sup> Afinal, a melhor maneira de esquecer algo é comemorá-lo oficialmente.

No plano do real, contudo, os acordos não se estendem somente às esferas mais altas. Aos homens que lutaram na guerra, de ambos os lados, foi prometida uma pensão vitalícia. Pensão esta que jamais viria para todos, é verdade, e que muito será discutida por nós no capítulo três. No entanto, esta pensão prometida, é um grande símbolo das políticas de apaziguamento perpetradas após a Guerra dos Mil Dias.

O Partido Conservador vence a guerra, mas também percebe que o País não poderia suportar outro conflito de igual ou mesmo de menor intensidade. Ele percebe ali que é imperativa a criação de alianças políticas e econômicas com o partido Liberal para que a alma da Nação possa descansar.

O Partido Conservador estava certo em fazê-lo. Mesmo que a trégua não durasse o pretendido, vários anos se passariam até a próxima insurreição e nunca mais haveria um conflito tão mortífero na Colômbia. Os homens que herdaram a administração da *Regeneración* de Nuñez fizeram jus ao seu trabalho.

O período da *Regeneración* vai oficialmente de 1886 – com a reeleição de Nuñez e a criação de sua constituição ultraconservadora – a 1930 – quando os liberais ganham a sua primeira eleição desde então. Mas a palavra chave para compreender o período é, na verdade, um nome: Nuñez. O criador do movimento político que por vezes será conhecido como a “Paz Científica”<sup>111</sup> transformou a disputa política entre os partidos. É possível dizer que desde seu retorno da Europa em 1874 até a sua morte em 1894, Nuñez foi a figura mais influente e transformadora na política colombiana.<sup>112</sup>

O mais interessante a respeito deste personagem político do século XIX é a sua habilidade em fazer diferente. Nuñez muda as regras do jogo. Começa como um Liberal Independente, cria seu próprio partido e, depois, cria o único governo conservador na América Latina de seu tempo<sup>113</sup>, um governo longo e próspero, no entanto marcado pela violência.

Rafael Nuñez começa a sua vida política ainda em 1849, quando se torna secretário geral da província de Cartagena, sob a tutela de José Maria Obando, futuro

---

<sup>110</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 248

<sup>111</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 36

<sup>112</sup> Ibid., . p. 26

<sup>113</sup> Ibid., . P. 27

presidente liberal. Obando e ele seriam amigos pelo resto de suas vidas, dividiam, inclusive, contenda contra os liberais radicais.<sup>114</sup>

Aos trinta anos, Nuñez já era presidente da câmara dos deputados e, quando veio a época de votar a Constituição de Rio Negro – a mais liberal e a mais federalista de todas, ele escolheu não estar presente. Durante os anos seguintes, viajou pelo mundo. Esteve em Nova York a tempo de testemunhar a Guerra Civil e a maneira como Lincoln administrou-a. Viveu como cônsul em La Havre e Liverpool, retornando à Colômbia somente em 1874.

Depois da conturbada eleição de Trujillo, em 1878, Nuñez passou a não ser só influente, mas também a ter poder de decisão. O seu controle sobre o novo presidente era total<sup>115</sup> e, passados apenas dois anos, Nuñez se torna finalmente presidente da Colômbia. Chega ao poder com um novo partido – o Partido Nacional. Tal partido seria uma espécie de “opção pelo meio” entre Liberais e Radicais, fazendo uso de políticos de ambos os lados para ocupar cargos de importância. O que a princípio parece um partido de conciliação, em pouco tempo se tornará um movimento conservador.<sup>116</sup>

Nuñez, no entanto, não fará nada disto sozinho. Ele terá sempre a ajuda política e o apoio intelectual de Caro, uma das mentes por trás da *Regeneración*. Miguel Antonio Caro, foi um excêntrico intelectual colombiano que combinava fervor religioso com uma percepção bastante elitista da sociedade. Sendo ele mesmo filho de um dos fundadores do Partido Conservador, Caro ansiava pela criação de uma sociedade perfeita no sentido tradicionalista do termo e será o braço direito de Nuñez durante todos aqueles anos.<sup>117</sup>

Se os membros do Olimpo Radical já não o viam com bons olhos – graças a sua afiliação com Obando – agora eles queriam ver seu sangue. Assim que subiu ao cargo, o novo presidente, apesar de ser Liberal Independente, começou a nomear conservadores para os mais diversos cargos, o que seria impensável durante o período de domínio liberal. Nuñez pretendia criar uma aliança política que pudesse por fim a já mencionada “Anarquia Organizada” do período Liberal Radical. Em pouco tempo, o governo de Nuñez deixaria de ser uma aliança ente liberais e conservadores e passaria a ser um governo estritamente conservador. Tudo a partir da constituição de 1886.

---

<sup>114</sup> Ibid. p. 26

<sup>115</sup> Ibid.. p. 25

<sup>116</sup> MEJÍA, Alvaro Tirado. Colômbia: **Siglo y Medio de Bipartidismo em** <[www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm](http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm)> Acessado em: 24 de junho de 2013

<sup>117</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 27

É importante lembrar que os termos presidenciais deste período tinham a duração de apenas dois anos. Entre o primeiro termo de Nuñez e o seu segundo – aquele no qual aprovaria a constituição da *Regeneración* – houve outros liberais no poder. Neste período, o governo de Nuñez ainda era percebido pelos liberais independentes como um mal necessário, uma fase inevitável de aliança entre os dois partidos.<sup>118</sup> Ainda não estava claro para todos o fato de que este já havia abandonado o secularismo e os ideais de laicidade do estado.

Embora alguns ainda vissem em Nuñez um político brilhante ou mesmo um homem necessário para por um fim ao extremismo liberal dos últimos anos, os membros do Olimpo Radical já se preparavam para o pior. Nuñez construiu alianças ainda mais profundas com conservadores e a sua reeleição em 1884 acabou estourando os ânimos dos mais radicais e levando à Guerra Civil de 1885.

O conflito foi, tal qual a guerra civil anterior, curto, durando apenas catorze meses. A guerra em si, numa manobra um tanto quanto suicida para o Regime Liberal, se deu entre as duas facções do Partido. Os membros do Olimpo Radical pegaram em armas contra os Liberais Independentes. Com o desenvolver do conflito, Nuñez clamou por uma aliança entre conservadores e Liberais Independentes. Esta aliança foi surpreendente para ambos os lados por causa do histórico de inimizade entre os partidos. Após a formação da tal aliança a guerra durou pouco. Em nove meses os Liberais Radicais foram derrotados e abriram, assim, as portas para o período que conhecemos como *Regeneración*.<sup>119</sup>

É possível entender melhor a república criada por Nuñez e Caro através do discurso que estes mesmos elaboraram. Ambos escolheram Bolívar para o mito fundador da *Regeneración*, escolha esta que diz muito sobre a sua própria visão da organização estatal que estavam criando. Como mencionado anteriormente, o governo de Bolívar sobre a Nueva Granada teve um caráter ditatorial. O líder tinha por hábito dissolver congressos e jogar no lixo constituições, não compreendia o conceito de oposição ou talvez até o de democracia. A propaganda institucional colocava Bolívar como idealizador da fase inicial e Nuñez como líder de uma fase mais madura. Nuñez e Caro, no entanto, fizeram dele a sua bandeira e clamaram pela “República Autoritária”, república esta que foi vulgarizada pelos governos liberais que a sucederam. Desta

---

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 26

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 27

maneira, a *Regeneración* era tão somente um retorno à normalidade.<sup>120</sup> Em termos ditatoriais, Nuñez estava bem próximo de seu herói. O congresso perdeu muito de sua importância e, em certos períodos, chegou a ser reunido somente uma vez a cada dois anos.<sup>121</sup>

As movimentações iniciais deste período foram simetricamente contrárias às do anterior em termos do poder do governo central. Durante o domínio do Olimpo Radical o grande objetivo do partido vigente era enfraquecer o poder central, durante a *Regeneración* o objetivo de Nuñez foi fortalecer o executivo e as suas ferramentas de trabalho: o aumento das receitas do governo, a extensão do mandato presidencial para quatro anos<sup>122</sup>, o poder do presidente de apontar os governadores – e estes, por sua vez, de apontar os prefeitos-, mudanças nos impostos e na arrecadação destes, instituição e modernização de um exército central, criação do Banco Central – o único com permissão para impressão de papel moeda.<sup>123</sup> De certa forma, ambos os governos tentaram moldar a vida e os valores colombianos ao seu *modus* ideológico. No entanto, a *Regeneración* foi mais eficiente graças aos seus superiores recursos fiscais.

A já mencionada disputa religiosa tomou as proporções esperadas. Todos os antigos poderes da Igreja Católica foram retomados. Ficavam novamente a encargo do clero todas as responsabilidades relativas ao registro civil de recém nascidos e casamentos, além das responsabilidades sobre os cemitérios. Todos os casais liberais que tão orgulhosamente haviam oficializado sua união apenas em cartório durante o período Liberal Radical, agora tinham de refazer seus votos perante a Igreja Católica sob a pena de ter seus filhos oficializados como ilegítimos.<sup>124</sup> Práticas como esta eram especialmente agressivas para os liberais e levaram a insurreições como a de 1895 e a de 1899 – a Guerra dos Mil Dias.

A Constituição de 1886 fará mais do que restituir os poderes da Igreja. Esta implantará também toda sorte de ferramentas institucionais que permitirão ao Partido Nacional e, posteriormente, ao Partido Conservador a se manter no poder, mesmo com a longa sucessão de presidentes e as inúmeras guerras civis por mais de quarenta anos.

---

<sup>120</sup> Ibid., p. 28

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> Na constituição de 1886 o mandato era na verdade seis anos. No entanto este número não sobreviveu à próxima reforma – uma das cinquenta que aconteceram até 1930 – e passa a ser somente de quatro anos. Em Ibid., p. 29

<sup>123</sup> Ibid., p. 27

<sup>124</sup> Ibid., p. 29

A dita constituição fez mais do que só reestabelecer o poder central, também restringiu liberdades individuais e estabeleceu pesada censura - novamente desfazendo o que foi realizado no período anterior. Enquanto o período Liberal Radical primou pela liberdade de expressão, a *Regeneración* estabelecerá leis como o artigo K e a Lei dos Cavalos que estabelecem o direito do Governo Central de agir preventivamente contra agitadores e formadores de opiniões “mal intencionados”. Perfeito exemplo de censura e restrição das liberdades individuais na mesma lei. O governo de Nuñez e Caro instituíram o que chamaram de “Imprensa Responsável”.<sup>125</sup>

As diferenças entre os períodos Liberal Radical e *Regeneración* são muitas e, também, muitas são as semelhanças, principalmente no quesito econômico. Como mencionado anteriormente, ambos os partidos concordavam em termos da necessidade de atrair imigrantes europeus e da necessidade de atrair investimento europeu. Apenas dessa vez, o investimento americano também parecia interessante, isto é, passada a Guerra de Secessão.

Durante a *Regeneración*, houve grande privatização das terras públicas – o que acabou por gerar uma nova leva de latifúndios que trouxe grandes conflitos no século XX.<sup>126</sup> Muitas dessas terras acabaram se tornando concessões a empresas estrangeiras, mineradoras ou alimentícias, como a famigerada UFC.<sup>127</sup> A *United Fruit Company*, será personagem em *Cien años de soledad* quando é narrado o Massacre das Bananeiras, no século XX, levando consigo os filhos do Coronel.<sup>128</sup> Nesse período houve grandiosa intervenção econômica, como em situações tais quais a do decreto de 1890 no qual decisões envolvendo empresas internacionais não mais concernem ao município e, sim, ao Departamento – novo nome dos Estados – maneira esta de garantir os interesses econômicos internacionais e a permanência de seu capital no país.<sup>129</sup>

Manter a economia tal qual intencionavam os ideólogos da *Regeneración* era mais difícil do que se pensava. Um estado forte traz mais impostos, mas também é mais

---

<sup>125</sup> Ibid., p. 28

<sup>126</sup> Ibid., p. 30

<sup>127</sup> United Fruit Company foi uma empresa do ramo alimentício americana que mantinha grandes fazendas produtoras de frutas tropicais em países como a Colômbia e a Nicarágua. A mesma empresa se tornará notória por um capítulo amargo da história do país, conhecido como o Massacre das Bananeiras quando, durante o Período da La Violência, nos anos 1950, o governo colombiano promove o massacre dos funcionários grevistas da empresa. Há grande disputa a respeito dos números envolvendo o episódio, variando de dois feridos a quinhentos mortos. O evento, no entanto, se tornará imortal por aparecer em Cem Anos de Solidão no qual García Márquez o pinta em grandes proporções.

<sup>128</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 274

<sup>129</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 31

custoso para os cofres públicos. Desta maneira, em pouco tempo, Nuñez teve de recorrer à impressão de papel moeda. Esta impressão se fez de maneira legal, muito embora os liberais discordassem vigorosamente do processo no qual foi aprovada. Mas a grande quantidade de papel moeda em circulação teve como efeito o surgimento de grande inflação que acabou por tornar a vida das pessoas mais simples muito difícil.<sup>130</sup>

“In 1880 it was reported that 3,000 of Mendelín’s 37,000 inhabitants were wandering the streets without housing or regular meals.”<sup>131</sup>

Por conta da precária situação social em que boa parte da população se encontrava, novos setores da sociedade começaram a se filiar ao Partido Liberal e este ganhou mais peso. Setores como o dos artesãos se tornaram importantes não só por seus votos – estes votavam em grande quantidade já que tinham, como classe, renda suficiente para se qualificarem para o exercício do voto –, mas também por serem uma das classes que pegavam em armas durante as guerras civis em maior número que qualquer outra.<sup>132</sup>

Ao mesmo tempo que a situação social se tornava bastante problemática, também havia problemas na esfera política. Durante a *Regeneración*, a participação política dos liberais foi rebaixada ao mínimo possível sendo Uribe, por vezes, o único representante de seu partido no congresso. Mas não só os Liberais estavam insatisfeitos, os Conservadores se dividiam em facções. Em seu último termo presidencial, Nuñez exerceu o poder em poucas ocasiões e, depois de sua morte, em 1894, deixou um vazio no comando do partido e do regime. Tal vazio abrirá caminho para divisões e também para aproximação de facções dentre os partidos. Os Liberais passam a ter suporte dos Conservadores Históricos – uma arena menos radical que percebia a necessidade de reformas.<sup>133</sup>

Depois da Guerra Civil de 1895, os líderes liberais derrotados puderam colher uma vitória política. Receberam adesão de todas as partes do país além de grande leva de jovens liberais e certo apoio das facções mais moderadas do partido conservador. Além de tudo, lutaram uma guerra localizada que durou apenas três meses. Com poucos mortos e poucas baixas econômicas, mas que expôs a vulnerabilidade da

---

<sup>130</sup> Ibid., p. 33

<sup>131</sup> Ibid., p. 33

<sup>131</sup> Em tradução livre: “Em 1880, foi relatado que 3.000 dos 37.000 habitantes de Medelín estavam vagando pelas ruas sem moradia ou refeições regulares”

<sup>132</sup> Ibid., p. 33

<sup>133</sup> Ibid., p. 36

*Regeneración*.<sup>134</sup> Não só isso, os Liberais também lograram esconder muitas armas e munições além de realizar um pacto pela retomada da guerra quando fosse mais apropriado.<sup>135</sup>

Em *Cien años de soledad*, o Partido Liberal também ganha muitos adeptos logo antes da Guerra dos Mil Dias. O personagem de Alírio Noguera, Liberal veterano de outras guerras, silenciosamente se aproxima de todos os jovens da cidade e lhes fala dos Partidos Liberal e Conservador, das fraudes e de como “Lo único eficaz (...) es la violencia”.<sup>136</sup> Acabou por recrutar todos os filhos dos fundadores de Macondo e convencê-los de que era seu dever patriótico assassinar os Conservadores.

O único que a ele se opõe é Aureliano, que não admitiria violência contra a família de seu sogro, conservador e funcionário do governo. Mas é só quando a fraude eleitoral é comprovada, o exército chega a Macondo e fuzila Alírio Noguera, que o futuro Coronel se convence e se junta aos exércitos Liberais juntamente com os jovens de Macondo.<sup>137</sup>

No plano do real, a partir deste momento as relações tão tensas entre os partidos voltam a se aflorar e as feridas ainda abertas da Guerra Civil de 1895 voltam a se abrir. O setor mais jovem do Partido Liberal – dentre eles Uribe, à época com quarenta anos – ignora o tradicional apaziguamento de importantes líderes do partido como Parra – setenta e quatro anos – e se lançam a uma nova Guerra Civil<sup>138</sup>, a mais violenta de todas e o foco deste nosso estudo.

---

<sup>134</sup> Ibid., p. 36

<sup>135</sup> DEAS, Malcolm. **Cien Años de los Mil Dias** em:  
<<http://www.banrepultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>136</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 120

<sup>137</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 124

<sup>138</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 37

### 2.3 A Guerra dos Mil Dias

A situação política colombiana se encontrava em seu período mais tenso. Depois de longos anos de *Regeneración* e com uma juventude política bastante ativa do lado dos Liberais, as políticas de apaziguamento dos últimos anos já não surtiam mais efeito. O Partido Nacional de Nuñez e Caro há muito já tinha se tornado conservador em todos os sentidos e se dedicava a constante supressão política de seus adversários.

Depois de 1894, com a morte de Nuñez, o regime por ele idealizado perdeu muito de sua força. Quando o presidente morreu, assumiu seu eterno vice, Antonio Caro, que pôs em prática um governo bastante autoritário. Nesta nova fase, tolher a participação dos Liberais na política e perseguir inimigos era uma de suas principais atividades o que trouxe grande instabilidade a um já bastante enfraquecido regime, cercado de adversários políticos. Uma das grandes vendetas dos Liberais para com Caro foi a sua ordem, em 1895, de desterro do ex-presidente Liberal Santiago Perez e do aprisionamento de Benjamin Herrera. Mas não só isso, Caro irá perseguir também os Conservadores Históricos. Qualquer um que se opusesse aos ideais da *Regeneración* estava em perigo.

Durante seu governo, Caro se dedicou à manutenção do exército que, então, contava com uma força de seis mil homens – muito grande para os padrões nacionais –, trazendo consultores estrangeiros para o seu aprimoramento. A tensão política e bélica era permanente. Enquanto os Liberais se encontravam tão unidos quanto em 1876 – apesar de haver a divisão passageira entre Pacifistas e Belicistas –, os Conservadores se encontravam divididos em duas diferentes facções – os Nacionalistas e os Históricos – sendo os primeiros partidários da manutenção do regime autoritário da *Regeneración* e os segundos, partidários de reformas e bastante próximos dos Liberais Moderados.<sup>139</sup>

Com o fim de seu mandato em 1898, Caro passa a presidência para Manuel Antonio Sanclemente, um antigo político conservador, que contava na época com oitenta e quatro anos. Sanclemente era leal à *Regeneración*, a Caro e à memória de Nuñez. Tanto que dará continuidade à política econômica característica do regime: Pesados impostos ao governo central, certo desdém pelo crescente comércio do café –

---

<sup>139</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

àquela época ainda dominado por fazendeiros liberais, dentre eles Uribe – forte censura e contínua emissão de papel moeda.<sup>140</sup>

Estes atos acabaram por aquecer ainda mais a contenda entre os partidos e por criar divisões entre os conservadores. Em 1899, quando as movimentações pelo conflito já haviam se iniciado entre ambas as partes, o Partido Liberal se encontrava convulsionado. A ala mais antiga do partido desautorizava qualquer movimento bélico, enquanto a mais jovem não queria voltar atrás.

Os Liberais Pacifistas se esforçaram até o fim para evitar a insurreição. Quando esta estoura, em outubro de 1899, a direção do Partido Liberal envia um telegrama a todos os líderes regionais, desautorizando a guerra. Tal telegrama ficou mais tarde conhecido como o Telegrama Mortal por ter causado desavenças que vieram a dar em mortes.<sup>141</sup> Não adiantou. No dia seguinte, a Guerra dos Mil Dias tem início.

Em Macondo, a Guerra dos Mil Dias demora a chegar. A guerra já contava meses quando Aureliano finalmente decide se juntar – ele e seus companheiros – aos exércitos do General Victório Medina, em Manaurê. Os jovens liberais da cidade, liderados por seu amigo Buendía, tomam o quartel de assalto e fuzilam capitão e soldados. Deixam Arcádio, o sobrinho adolescente de Aureliano, como chefe militar de Macondo e vão em busca do General revolucionário do Caribe Colombiano.<sup>142</sup> Nunca o encontraram com vida, mas não desistiram de sua empreitada.

Antes, no entanto, Aureliano saca seu sogro de um armário e lhe promete salvo conduto, a ele e a sua família. Ali, genro e sogro não mais se reconhecem. Apesar da proteção que Aureliano oferece a Dom Apolinar Moscote, agora são apenas um Liberal e Conservador. Ali nasce o personagem principal de *Cien años de soledad*. Não Aureliano, filho de José Arcádio e Úrsula, mas o Coronel Aureliano Buendía, líder dos Liberais no Caribe Colombiano.

“Don Apolinar Moscote tuvo dificultades para identificar aquel conspirador de botas altas y fusil terciado a la espalda con quien había jugado dominó hasta las nueve de la noche.

-Esto es un disparate, Aurelito -exclamó.

---

<sup>140</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 37

<sup>141</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>142</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 123

-Ningún disparate - dijo Aureliano-. Es la guerra. Y no me vuelva a decir Aurelito, que ya soy el coronel Aureliano Buendía.”<sup>143</sup>

É importante entender a motivação que leva esses jovens a se lançar na guerra. Aqui, como em qualquer obra literária que possa se considerar beletrística, a Verossimilhança se dá na construção da narrativa e desenvolvimento dos personagens. Já discutimos as questões relativas à fraude eleitoral, mas não à violência perpetrada pelo partido Conservador.

Don Apolinar Moscote – antes dos eventos que levaram à fuga dos jovens Liberais de Macondo – manda recolher armas e facas de cozinha antes da eleição sob o argumento de proteger o ato cívico e não os devolve. Pelo contrário, os envia ao governo central como prova de um suposto levante que conseguiu impedir. O exército é enviado à cidade, recolhe as restantes ferramentas, facas das casas e instrumentos de plantio e instaura lei marcial. A violência chega ao seu ponto máximo quando os soldados do governo espancam até a morte uma mulher supostamente infectada por raiva em praça pública.<sup>144</sup>

Depois das eleições, também nos deparamos com a questão da fraude eleitoral. Dom Apolinar Moscote, contando com a cumplicidade de seu genro, revela a ele o esquema eleitoral utilizado para manter os Conservadores no poder:

“Esa noche, mientras jugaba dominó con Aureliano, le ordenó al sargento romper la etiqueta para contar los votos. Había casi tantas papeletas rojas como azules, pero el sargento sólo dejó diez rojas y completó la diferencia con azules. Luego volvieron a sellar la urna con una etiqueta nueva y al día siguiente a primera hora se la llevaron para la capital de la provincia. ‘Los liberales irán a la guerra’, dijo Aureliano. Don Apolinar no desatendió sus fichas de dominó. ‘Si lo dices por los cambios de papeletas, no irán -dijo-. Se dejan algunas rojas para que no haya reclamos”<sup>145</sup>

---

<sup>143</sup> Idem.

<sup>143</sup> Em tradução livre: “O Sr. Apolinar Moscote teve dificuldade em identificar aquele conspirador de

<sup>143</sup> botas altas e fuzil pendurado no ombro com quem tinha jogado dominó até as nove da noite.

<sup>143</sup> — Isto é um disparate, Aurelito — exclamou.

<sup>143</sup> — Disparate nenhum — disse Aureliano. — É a guerra. E não torne a me chamar de Aurelito, porque já sou o Coronel Aureliano Buendía.”

<sup>144</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 123

<sup>145</sup> Ibid., p. 118

<sup>145</sup> Em tradução livre: “As quatro da tarde, o rufar de um tambor na praça anunciou o término da jornada, e o Sr. Apolinar Moscote selou a urna com uma etiqueta atravessada pela sua assinatura. Nessa noite, enquanto jogava dominó com Aureliano, ordenou ao sargento rasgar a etiqueta para contar os

A rápida escalada da violência e a improbidade administrativa constroem um clima que leva os jovens liberais à ação. As representações do partido Conservador durante o primeiro momento da guerra giram em torno de violência, corrupção, fraude e injustiça e são essas características que tornam, a princípio, o Coronel Aureliano Buendía um herói e os Conservadores, aqueles que deveriam ser detidos. Essa representação, no entanto, não se sustenta. O desenvolvimento dos personagens leva o Coronel Buendía e os Liberais a outros caminhos não tão honrosos ou heroicos.

No plano da realidade, uma vez iniciado, o conflito se deu como muitas das guerras civis do século XIX. O recrutamento acontecia de maneira bastante rápida e eficaz, o treinamento, no entanto, era praticamente nulo e o armamento precário.<sup>146</sup> Isso também se faz perceber em *Cien años de soledad*, como descrito nas passagens acima. Os jovens filhos dos fundadores já eram liberais havia alguns meses, mas a intempestiva atitude de fuzilar os soldados e juntar-se à guerra com Aureliano aconteceu em apenas dois dias.<sup>147</sup>

Na Colômbia do real, o conflito começou no departamento de Santandér e lá as filas de voluntários eram enormes. A perspectiva de se alistar como voluntário pelo Partido Liberal parecia ser muito mais interessante do que ser recrutado à força pelo exército governamental. Já o Partido Conservador tinha não só o exército oficial e seus próprios afiliados, como passara a recrutar à força até prisioneiros.<sup>148</sup>

Os rápidos recrutamentos e a falta de treinamento serão fatores decisivos durante o conflito. A disparidade no tamanho dos exércitos será a principal causa da derrota liberal. Mesmo que esta tenha demorado tanto a vir, já estava decidida desde batalhas como a do *Palonegro*. O exército conservador era não só superior em seu número, mas também em seus armamentos. Enquanto estes se utilizaram de rifles modernos<sup>149</sup>, o

---

votos. Havia quase tantas cédulas vermelhas quanto azuis, mas o sargento só deixou dez vermelhas e completou a diferença com azuis. Depois voltaram a selar a urna com uma etiqueta nova e no dia seguinte, cedo, levaram-na para a capital da província. ‘Os liberais irão à guerra’, disse Aureliano. O Sr. Apolinar não abandonou as suas pedras de dominó. ‘Se você está dizendo isso por causa da troca das cédulas, não irão’, disse. ‘Sempre se deixam algumas vermelhas para não haver reclamação.’

<sup>146</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 25

<sup>147</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 123

<sup>148</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:

<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>149</sup> Rifles modernos relativamente falando. A maioria deles provinha da Guerra Franco-Prussiana de 1870. Em PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 38

armamento base dos Liberais se fazia de antiquadas espingardas de pederneira e facões.<sup>150</sup>

É importante ressaltar que a guerra não se deu somente entre Liberais e Conservadores colombianos, outros países participaram desse conflito. Nicarágua, Venezuela e Equador ajudaram a revolução com homens, armas e víveres. Entretanto, os líderes dos três países – os três Liberais – enfrentavam problemas em suas próprias casas e não puderam oferecer completa assistência.<sup>151</sup> O único país a se dedicar com mais cuidado à Guerra dos Mil Dias serão os Estados Unidos, que mais tarde participarão ativamente da independência panamenha, para desgosto de todos os colombianos – em ambos os lados do conflito.

A Guerra dos Mil Dias apresentou duas fases bastante distintas. A primeira fase foi marcada por conflitos tradicionais entre ambos os exércitos, fazendo-se valer de valores oligárquicos, e a segunda fase foi marcada por guerrilhas e pelo banho de sangue. Duas fases bastante distintas e, no entanto, bastante ilustrativas da intensificação do conflito.

Em *Cien años de soledad*, estas duas fases também são muito marcadas. Existe uma primeira fase destacada por batalhas sangüinárias e a patente derrota dos Liberais, a qual se encerra com o aprisionamento do Coronel Aureliano Buendia.<sup>152</sup> Já a segunda, inicia-se quando este escapa e reúne suas tropas sobreviventes, as quais leva para o interior do Caribe Colombiano e ali dá início à fase de guerrilha. Durante este período, os Liberais vivem uma ilusória glória na qual experimentam as vitórias que não tiveram na primeira fase, mas se enredam no labirinto de uma guerra sem fim e sem conexão com realidade.<sup>153</sup>

Em sua primeira fase, na Guerra dos Mil Dias da realidade, as elites ainda puderam seguir seu código de honra. Práticas tradicionais como a execução oficial de prisioneiros de guerra eram glorificadas como perfeitos exemplos de civilidade dentro da guerra. Tais práticas mais tarde – depois da Guerra dos Mil Dias – seriam percebidas como selvagens.<sup>154</sup> Enquanto, no início da guerra, Uribe Uribe dizia serem as guerrilhas

---

<sup>150</sup> Ibid., p. 38

<sup>151</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>152</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 145

<sup>153</sup> Ibid., p. 195

<sup>154</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 37

formadas por bandidos e foras da lei, mais para frente ele mesmo se verá dentro delas.<sup>155</sup>

O tom cavalheiresco a que nos referimos acima pode ser notado na interessante correspondência trocada entre Uribe e o general rival, Carlos Cuervo Márquez, durante batalha em abril de 1900:

“Estimado general y amigo

(...) Hace seis meses no saben de mí en casa, y como ustedes han sabido entretenerse en darme (por) muerto una vez por semana, tengo cierto enterés en hacer constar mi supervivência por médio del telegrama incluso. Si el interés de ustedes no es contrario al mío y se no tiene por pecado grave prestar un favor a un ‘rebelde’, le agradecería de por vida el envío del despacho.”<sup>156</sup>

Márquez concedeu o pedido ao general e por diversas outras vezes ambos trocaram correspondências igualmente cavalheirescas quando precisaram pedir favores, tréguas ou até mesmo negociar termos de rendição como fizeram sem sucesso algumas vezes. Os princípios cavalheirescos eram de muita importância aqui. Tais atos permitiam a esses homens, que descendiam de uma elite intelectual e financeira, a manter as bases do aceitável, e poder sobreviver durante o conflito. Estes aspectos também podem ser percebidos em *Cien años de soledad* e deles trataremos em detalhes no próximo item. Por toda a Guerra dos Mil Dias assim se portou Uribe Uribe, como se estivesse acima da tragédia humana e assim podia justificar a guerra que tinha – não sozinho evidentemente – criado e todo o terror que dela advinha.

A superioridade numérica do inimigo só se comparava com a sua superioridade em termos logísticos. Os Conservadores contavam com todo o aparato do estado para se defender dos rebeldes e o fizeram com destreza. Durante os primeiros meses da guerra, os poucos recursos dos liberais vão ser esmigalhados em batalhas nas quais estes não tiveram chances.

“Para los revolucionarios liberales la campaña militar de los primeros meses de guerra trajo un desastre tras otro. El

---

<sup>155</sup> Ibid., p. 38

<sup>156</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:

<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>

Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>156</sup> Em tradução livre: “Caro general e amigo (...) Há seis meses não sabem de mim em casa, e como você tem sabido, entretém-se por dar-me por morto uma vez por semana, eu tenho algum interesse em fazer constar a minha sobrevivência por meio do telegrama incluso. Se o interesse vosso não é contrário ao meu e não seria um pecado grave prestar um favor a um "rebelde", lhe agradeceria por toda a vida o envio do despacho.”

24 de octubre en el combate fluvial de Panamá fue derrotada y destruida la flotilla liberal. El 28 de octubre las fuerzas del gobierno barrieron con las liberales en Piedecuesta, y el 5 de diciembre hicieron lo propio en Nocaima, donde cayó el general liberal Zenón Figueredo.”<sup>157</sup>

Os liberais começam a guerra em franca desvantagem e assim permanecem até o fim. Uribe Uribe não foi o único dos generais liberais, mas esteve presente em várias das batalhas importantes e, apesar de ser bem querido por seus soldados, foi responsável por erros estratégicos muito sérios como o sítio a Bucamaranga, que acabou com uma terrível derrota e mais mil homens mortos.<sup>158</sup> Diferentemente dos Liberais, os Conservadores contavam generais treinados em escolas militares, os quais eram capazes de melhor julgar certas situações de batalha e cometer menos erros.

A desvantagem em que se encontram os Liberais também é patente em Macondo. Quando o Coronel Gregório Stevenson chega à vila em nome do Coronel Aureliano Buendía, é para dar más notícias. “Los últimos focos de resistência Liberal (...) estavam sendo exterminados”.<sup>159</sup> Chega com a ordem de entregar a praça sem lutar para poupar a população e os liberais que ali estivessem já que o Coronel Buendía estava tentando ele próprio sobreviver à sangrenta batalha pelos lados de Riohacha.

Nas obras de Gabriel García Márquez não há menção individual e específica a batalhas, nem fictícias, nem reais. Já na Colômbia no plano do real, as batalhas podem ser melhor compreendidas em seus detalhes. A primeira fase da Guerra teve duas principais batalhas, *Peralonso* e *Palonegro*. Ambas terríveis, porém com desfechos diferentes. A batalha de *Peralonso* se deu nos primeiros meses da guerra, em dezembro, quando os dois exércitos se encontravam em local próximo a *Cúcuta*, no vale do rio que deu nome à batalha. Enquanto o conflito começou pendendo para o lado dos Conservadores – por estarem melhor armados – foram os Liberais que a venceram. Liderados por Uribe um pequeno grupo investiu em assalto surpresa por sobre a ponte e

---

<sup>157</sup> MOLANO, Henrique Santos. **La Guerra de los Mil Días** em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/mayo2004/guerra.htm>> Acessado em:  
23 de janeiro de 2014

<sup>157</sup> Em tradução livre: “Para os revolucionários liberais a campanha militar dos primeiros meses da guerra trouxe um desastre após o outro. Em 24 de outubro no combate no canal do Panamá foi derrotado e destruído a flotilha liberal. Em 28 de outubro, as forças do governo arrasaram as dos liberais em Piedecuesta, e em 5 de dezembro fizeram o mesmo em Nocaima, onde caiu o general liberal Zeno Figueredo”

<sup>158</sup> MOLANO, Henrique Santos. **La Guerra de los Mil Días** em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/mayo2004/guerra.htm>> Acessado em:  
23 de janeiro de 2014

<sup>159</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 139

puseram o exército Conservador em retirada.<sup>160</sup> Esta batalha foi de extrema importância para os Liberais no início da guerra, mas foi, no entanto, sua única grande vitória.

Há grandes críticas à ação de Uribe. No momento em que tomou o exército Conservador de surpresa e os puseram em debandada, o general teve a rara oportunidade de marchar sobre Bogotá e tomar a cidade. Contudo, o general não fez menção de avançar e acabou perdendo a janela de oportunidade. Graves também foram as consequências para os Liberais Pacifistas que ainda residiam na capital, após a vitória Liberal em *Peralonso*. Todos foram aprisionados. Até julho de 1900, havia cinco mil presos civis sob o poder dos Conservadores e, até o fim de 1901, foi ordenado o fuzilamento de todos os líderes Liberais em cativeiro.<sup>161</sup>

Neste período, um Uribe chocado pelas mortes ocasionadas em apenas dois meses de batalha, manda uma carta ao governo de Sanclemente, pedindo por negociações de paz. O presidente Conservador não irá acatar o pedido, acreditando este que a rendição Liberal deveria ser incondicional. Tal movimento garantirá mais alguns anos de conflito.<sup>162</sup>

*Peralonso* foi, contudo, pequena e relativamente tranquila se comparada com *Palonegro*. Estas duas batalhas foram as maiores e mais decisivas de toda a guerra, no entanto, muitas outras menores se deram neste período, sendo a maioria de vitória Conservadora. Eram, contudo, as guerrilhas a grande dor de cabeça do exército governamental. Imprevisíveis, cerradas na floresta e com grande participação dos civis, estes conflitos eram muito mais difíceis de vencer. Mesmo depois de derrotados, os guerrilheiros se reagrupavam e recomeçavam em outro lugar.

A maior e mais sangrenta batalha de toda a guerra, *Palonegro*, selou o destino dos Liberais. Estes liderados pelos generais Uribe Uribe e Vargas Santos e estavam em desvantagem de dois para um em relação ao bem armado exército Conservador. A batalha durou dezesseis dias e por vezes adentrava pela noite. O embate foi vencido pelo cansaço. Embora tivessem estado todo o tempo em franca desvantagem, os Liberais permaneceram no campo de batalha e lutaram corpo a corpo até que se viram

---

<sup>160</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>161</sup> MOLANO, Henrique Santos. La Guerra de los Mil Días em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/mayo2004/guerra.htm>> Acessado em:  
23 de janeiro de 2014

<sup>162</sup> Idem.

vencidos pela fome, o calor, epidemias e pelo terrível cheiro espalhado pelos cadáveres insepultos – não houve tréguas para se tratar dos mortos.<sup>163</sup>

No décimo segundo dia, não se sabe de onde chegou ao acampamento liberal toda a sorte de bebida alcoólica. Os soldados se embebedaram e, nem por isso, deixaram de lutar. No entanto, com o início do décimo terceiro dia veio a ordem de retirada que ainda levou alguns dias para ser completada. *Palonegro* terminou com um saldo de oito mil mortos, sendo cinco mil Liberais e mais de seis mil feridos de ambos os lados.<sup>164</sup> Foi o pior conflito de toda a guerra.

A partir dali os Liberais não mais teriam forças para se engajar no mesmo tipo de batalha e a Guerra dos Mil Dias se desmembrou numa série de guerrilhas isoladas, as quais se tornaram muito difíceis de controlar – tanto por Conservadores quanto por Liberais. Os próprios Conservadores se viam com problemas em seu executivo. Depois do golpe de estado que tirou Sanclemente do poder, um novo Conservador assumiu – Marroquím, o vice – e aqueles que esperavam dele o apaziguamento dos ânimos se decepcionaram.<sup>165</sup> Pior. Quando as intenções belicistas de Marroquím finalmente ficaram claras e os membros do Partido Conservador tentaram um contragolpe – colocar Sanclemente novamente no poder – viram suas intenções frustradas.<sup>166</sup> A Guerra continuou, mais terrível e complexa do que antes.

Na nova fase de guerrilha, os exércitos liberais outrora dizimados, têm suas fileiras preenchidas novamente. Desta vez, os novos Liberais condizem com o território das guerrilhas e sua população é de maioria pobre. Tratamos aqui de camponeses sem terra, indígenas e pobres das cidades.<sup>167</sup> As populações indígenas, em especial, tiveram grande importância. As populações guajiras, já mencionadas, lutaram com grande peso na região do rio Magdalena – garganta para o Caribe Colombiano.<sup>168</sup> As novas

---

<sup>163</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>164</sup> MOLANO, Henrique Santos. La Guerra de los Mil Días em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/mayo2004/guerra.htm>> Acessado em:  
23 de janeiro de 2014

<sup>165</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>166</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 39

<sup>167</sup> PEARCE, Jenny. Op Cit. 1992.p. 37

<sup>168</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

guerrilhas agora se encontravam no centro-norte do país e se moviam em direção à costa caribenha e ao Panamá.

A participação da população em geral se tornou natural em conflitos prolongados, na Guerra dos Mil Dias não foi diferente. Mulheres e crianças tomaram parte no conflito, sendo essenciais para o seu funcionamento. A principal função feminina caía em questões logísticas, mas não foram poucas as mulheres que pegaram em armas durante o conflito. Guerrilheiros como os do grupo de Tulio Varón se tornaram lenda pelo interior do País e despertaram em muitos a vontade de participar.<sup>169</sup>

As crianças também participaram em larga escala. A lenda dos guerrilheiros se estendeu também a eles que se dedicaram a funções como a de espiões, mensageiros, informantes, ordenanças e mesmo combatentes. Novamente, esta participação nas guerrilhas se deu principalmente entre as classes mais baixas, as quais viam a participação de seus filhos com temor, mas também com a esperança de um futuro bem sucedido como oficiais do exército.<sup>170</sup>

O movimento de guerrilha constituiu boa parte da guerra, tendo a primeira fase durado oito meses. As guerrilhas acabaram por ser pouco eficientes e extremamente sanguinárias. A luta por território se transformou em um labirinto na selva colombiana e os guerrilheiros liberais nunca chegaram ao Panamá, seu principal objetivo à época. Durante todo o ano de 1901, o presidente Marroquín se dedicou exclusivamente à perseguição das guerrilhas, tendo sucessos lentos e espaçados.

As guerrilhas também fazem aparição na obra de García Márquez. É interessante notar que em *Cien años de soledad*, a Guerra dos Mil Dias tem uma duração muito mais longa. As dos Liberais e Conservadores levaram vinte e três longos anos para chegarem ao consenso dos tratados de paz.<sup>171</sup> Esse número exprime o sentimento de estagnação do conflito e das guerrilhas. Muitos fatores influenciaram para essa longa duração como, por exemplo, as guerrilhas estarem embrenhadas na selva, lutando por poucos metros de cada vez, perdendo vidas aos milhares pela falta de estrutura e ordem. É durante as guerrilhas que veremos o pior lado do Coronel Aureliano Buendía e também o pior lado da guerra – seu lado mais longo e brutal. O próprio Coronel – neste momento já General – o percebe:

---

<sup>169</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:

<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>

Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>170</sup> Idem.

<sup>171</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 125

“Aunque en ese momento mantenía más de cincmil hombres bajo su mando y dominaba dos estados del litoral, tenía conciencia de estar acorralado contra el mar.”<sup>172</sup>

A Guerra dos Mil Dias é representada em *Cien años de soledad* como uma guerra longa, lenta e labiríntica que nunca teve chances de dar vitórias aos Liberais. Estes, no entanto, são representados como homens que continuam lutando ao revés do bom senso e, quando por fim se dedicam a dar um fim da guerra, fazem-no por princípios diversos daqueles que os lançaram ao conflito em primeiro lugar.

De volta ao plano da realidade, durante o período da guerrilha, os Liberais ganham novo fôlego, mas este é artificial e ilusório. A guerrilha se encerra na selva colombiana e ali – apesar de mortal – se torna localizada e incapaz de tomar os grandes centros que poderiam oferecer alguma vitória mais significativa.

A situação da guerra passa a ser extremamente enganosa. As vitórias são temporárias, demasiado sanguinolentas e em territórios sem real relevância. Pior. Vão se tornando caras e cada vez mais espaçadas. Torna-se impossível manter o mesmo ritmo com a grande quantidade de perdas para os dois lados. Cada cidade conquistada não muito se mantinha na mão de seus captores e um intrincado labirinto – tão simbólico da obra de Márquez – vai tomando forma, até que o Coronel Aureliano Buendía se vê lutando contra a sua própria sombra e contra o homem terrível que se tornou.

A guerrilha se torna terrível também no sentido administrativo. O Coronel Aureliano Buendía tem de lidar com os muitos líderes das guerrilhas localizadas e suas opiniões a respeito dos rumos da guerra. Era líder indisputado mas depois de tantos atentados contra a sua vida e do recrudescimento da guerra passa a lidar com tais líderes de maneira sórdida e violenta – tal qual percebia os Conservadores e suas práticas ainda em Macondo. Chegará a ser responsável pela morte de um desses líderes que estava se tornando tão influente quanto ele próprio: “Para nosotros, ese hombre es más peligroso que el Ministro da la Guerra”.<sup>173</sup> Não só influencia seus comandados a cometer o assassinato como também fuzilará aos homens que tomaram parte no ato, tudo para assegurar seu mais completo comando.<sup>174</sup>

---

<sup>172</sup> Ibid., p. 159

<sup>172</sup> Em tradução livre: “Embora nesse momento mantivesse mais de cinco mil homens sob as suas ordens e dominasse dois estados do litoral, tinha consciência de estar encurralado contra o mar”

<sup>173</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 194

<sup>173</sup> Em tradução livre: “Para nós, esse homem é mais perigoso que o Ministro da Guerra.”

<sup>174</sup> Ibid., p. 195

A fase de guerrilha, então, se intensifica em sua brutalidade e também em seu labirinto. O poder do Coronel Aureliano Buendía se estende por todo o Caribe Colombiano, assim como a própria guerrilha, mas a sua efetividade se perde por completo e não há mais segurança de que a guerra levará a lugar algum, nem para o próprio Coronel.

“Cuando se recibían noticias de nuevos triunfos liberales se proclamaban con bandos de júbilo, pero él medía en los mapas su verdadero alcance, y comprendía que sus huestes estaban penetrando en la selva, defendiéndose de la malaria y los mosquitos, avanzando en sentido contrario al de la realidad.”<sup>175</sup>

No plano da realidade, como mencionado no trecho acima, epidemias em situação de guerrilha se tornavam ainda mais comuns e terríveis. Doenças como a varíola, febre amarela e malária – principalmente no Caribe Colombiano – vieram a assolar ambos os exércitos, somando-se às mortes perpetradas pela própria violência. Em meio a um cenário tão desolador, a deserção e a pilhagem se tornaram comuns entre os soldados rasos e, dentre os de alta patente, a corrupção se fez norma. Na região do rio Magdalena, ficou famosa a operação de tráfico de mulas – animal tão necessário para a logística do conflito – e o controle corrupto da navegação do rio.<sup>176</sup>

No fim de 1902, nenhum dos dois lados tinha perspectiva de dar um fim rápido ao conflito. As enormes baixas e a escassez de recursos financeiros faziam impossíveis a continuidade da guerra ou mesmo a esperança por um desenlace favorável a algum dos lados. Uma vez que as duas partes percebem a impossibilidade de terminar a guerra de maneira tradicional, as negociações de paz começaram a acontecer.

O presidente Marroquín ofereceu, no início daquele ano, salvo conduto aos guerrilheiros que depusessem suas armas, em uma tentativa de minar a força de tais conflitos. O presidente contava com que a situação insalubre e miserável na qual viviam os guerrilheiros seria o melhor argumento para a sua rendição. Não só isso, em junho daquele ano Marroquín estendeu a sua oferta a todas as forças Liberais remanescentes e prometeu a liberação de todos os prisioneiros civis e liberais, além da devolução de seus

---

<sup>175</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 159

<sup>175</sup> Em tradução livre: “Quando se recebiam notícias de novos triunfos liberais, eles eram proclamados com mensagens de júbilo, mas ele media nos mapas o seu verdadeiro alcance, e compreendia que as suas hostes estavam penetrando na selva, se defendendo da malária e dos mosquitos, avançando no sentido contrário ao da realidade. “

<sup>176</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 39

direitos políticos.<sup>177</sup> Os guerrilheiros aceitaram a oferta, era o começo das negociações de paz.

A urgência da criação de um tratado de paz era dividida por Conservadores e Liberais. Enquanto em 1899 os ânimos eram de guerra, em 1902 os ânimos eram de paz. Os Liberais Pacifistas enviaram apelos aos seus irmãos belicosos e bogotanos foram às ruas protestar pelo fim da guerra. "Hay que atropellar la guerra con la paz", escreveu Carlos Arturo Torres em *El nuevo tiempo*<sup>178</sup>

Em *Cien años de soledad*, as negociações de guerra serão bem menos unânimes. Enquanto os partidos Liberal e Conservador negociam a paz, o Coronel Aureliano Buendía a despreza. Não porque deseje a guerra, mas por pensar que as negociações entre os partidos pelo poder eram humilhantes.

“A principios de abril, un emisario especial se identificó ante el coronel Gerineldo Márquez. Le confirmó que, en efecto, los dirigentes del partido habían establecido contactos con jefes rebeldes del interior, y estaban en vísperas de concertar el armisticio a cambio de tres ministerios para los liberales, una representación minoritaria en el parlamento y la amnistía general para los rebeldes que depusieran las armas.”<sup>179</sup>

Em *Cien años de soledad*, o Coronel Aureliano Buendía não compactuava com tais negociações: “Quiere decir (...) que sólo estamos luchando por el poder.”<sup>180</sup> Pensava serem elas uma traição aos princípios que os levaram à guerra e uma espécie de pacto entre as elites de cada partido para manter o *status quo* e dividir entre estes os espólios da nação. Apesar das opiniões do coronel, o pacto se deu tanto na ficção quanto na realidade. O clamor por paz era uníssono e os ideais que levaram os Liberais à guerra deixaram de ser tão vitais.

“Era talvez el momento más crítico de la guerra. Los terratenientes liberales, que al principio apoyaban la revolución,

---

<sup>177</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit.2006. p. 39

<sup>178</sup> MOLANO, Henrique Santos. La Guerra de los Mil Días em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/mayo2004/guerra.htm>> Acessado em: 23 de janeiro de 2014

<sup>178</sup> Em tradução livre: “Tende-se atropelar a guerra com a paz.”

<sup>179</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 167

<sup>179</sup> Em tradução livre: “No princípio de abril, um emissário especial se identificou diante do Coronel Gerineldo Márquez. Confirmou-lhe que, na verdade, os dirigentes do partido tinham estabelecido contato com chefes rebeldes do interior, e estavam às vésperas de entrar num acordo para o armistício, em troca de três ministérios para os liberais, uma representação minoritária no Parlamento e a anistia geral para os rebeldes que depusessem as armas.”

<sup>180</sup> Ibid., p. 196

<sup>180</sup> Em tradução livre: “Quer dizer (...) que só estamos lutando pelo poder.”

habían suscrito alianzas secretas con los terratenientes conservadores para impedir la revisión de los títulos de propiedad. Los políticos que capitalizaban la guerra desde el exilio habían repudiado públicamente las determinaciones drásticas del coronel Aureliano.”<sup>181</sup>

Mas o próprio Coronel Aureliano Buendía acaba por ceder eventualmente. Assim o faz não por ser convencido pelos advogados do partido ou por cansaço, mas para salvar a vida de seu melhor amigo, o Coronel Gerineldo Márquez. Decide acabar com a guerra e se dedica nos próximos anos a fazer o melhor acordo possível com o governo Conservador mesmo que por vezes tenha tido de ser extremamente cruel com seus próprios rebeldes.<sup>182</sup>

De volta ao plano da realidade, neste momento também pairava sobre a cabeça dos dirigentes dos partidos a ameaça americana. Nos últimos anos a política externa americana havia se movido em direção à expansão imperialista. Em anos anteriores, os Estados Unidos já haviam interferido politicamente em Cuba. Também estavam se aproximando perigosamente das elites do Panamá, interessados na concessão e construção do canal que ligaria o oceano Atlântico ao Pacífico. Esta aproximação de caráter imperialista trouxe temor aos dois partidos e com razão. No início de 1902, os Estados Unidos já haviam começado a se mover militarmente. Enquanto ofereciam armas e recursos ao governo central – como prova de suas boas intenções – também estavam presente com navios de combate nos portos panamenhos.<sup>183</sup>

Muitos generais Liberais anteviram o perigo, dentre eles Uribe. No entanto, alguns permaneciam alheios aos movimentos norte-americanos, mesmo estando tão próximos a estes. Dentre eles, o general Liberal Herrera. Conhecido de longa data do general Uribe e combatente na região do Panamá. Os dois haviam travado grandes disputas dentro do partido e, no campo de batalha, continuavam se indispondo um com o outro. No entanto, no que tangia à unidade do País, ambos concordavam que a guerra deveria acabar. Já os dirigentes do partido tinham uma perspectiva diferente. Estes – assim como os dirigentes do partido Conservador – faziam seus acordos secretos com o

---

<sup>181</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 192

<sup>181</sup> Em tradução livre: “Era talvez o momento mais crítico da guerra. Os proprietários de terra liberais, que no princípio apoiavam a revolução, entraram em aliança secreta com os proprietários de terra conservadores para impedir a revisão dos títulos de propriedade. Os políticos que capitalizavam a guerra já desde o exílio haviam repudiado publicamente as determinações drásticas do Coronel Aureliano”

<sup>182</sup> Ibid., p. 199

<sup>183</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:

<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

governo norte-americano, na intenção de assegurar o importante aliado e os direitos financeiros sobre a construção do importantíssimo Canal do Panamá.<sup>184</sup>

Com passar dos meses, as investidas americanas se tornaram mais violentas. Se no início havia apenas alguns navios na costa panamenha, depois passou a ser uma ocupação militar – marítima e terrestre. Os representantes governamentais na região já não tinham força política ou militar para repelir os invasores. O fim da guerra se fazia imperativo, ambos os partidos concordavam.

O primeiro tratado de paz foi assinado pelo próprio Uribe. Em outubro de 1902, na região do *Ciénaga*, numa fazenda bananeira chamada *Neerlandia*, seria assinado o tratado de mesmo nome. O tratado encerra a guerra no interior do País e na região do Caribe Colombiano. É um tratado de rendição por parte dos liberais, mas não incondicional. Os Liberais saem da guerra como homens livres, com seus direitos políticos e de propriedade intactos. Mais ainda, com o mesmo direito à pensão vitalícia que seus adversários.<sup>185</sup>

Em *Cien años de soledad*, o tratado tem uma importância muito grande. Uma das personalidades que ajudaram a dar vida ao Coronel Aureliano Buendía é Uribe e no tratado de *Neerlandia* da ficção, aquele que o preside será o próprio coronel.

Na obra de García Márquez, o fatídico dia começa com uma terrível chuva tal qual o dia em que nasce Aureliano.<sup>186</sup> É impossível não nos determos em mais um dos labirintos de García Márquez. O tratado foi assinado embaixo da castanheira centenária, tal qual na realidade, tal qual no labirinto. O ato foi silencioso e solene, assim como o coronel exigiu. Sem música, fotografias ou discurso, era o enterro da guerra. O ato durou apenas o tempo necessário para que fossem feitas as assinaturas<sup>187</sup> e para que o destino – ou o autor – unissem dois personagens, duas faces da mesma moeda, o Coronel Aureliano Buendía e o Coronel Inominado.<sup>188</sup> Do encontro, o coronel de *El coronel no tiene quien le escriba* guardará para sempre o recibo que lhe foi entregue pelo Coronel lendário.

---

<sup>184</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 204

<sup>187</sup> Ibid., p. 206

<sup>188</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 207

Assim que findam as solenidades, o Coronel Buendía se encerra em sua tenda e atenta contra a própria vida. Era o enterro da guerra, e seu capitão deveria submergir com ela. Buendía não concebia outra saída. Depois de vinte e três anos de guerra, não havia mais nada pelo que viver. O coronel logrou sobreviver<sup>189</sup>, mas permaneceu no limbo do desejo da morte, entre a própria morte e a vida. Encerra-se em sua oficina pelo restante de seus dias e morre embaixo de outra castanheira, dando continuidade ao ato interrompido anos antes.<sup>190</sup>

Este tratado será especialmente importante para nós neste estudo. Dele e das mencionadas pensões vitalícias para os veteranos da Guerra dos Mil Dias, trataremos em mais detalhes no próximo capítulo.

No plano da realidade, conseguinte ao tratado de *Neerlandia*, outros oficiais Liberais e guerrilhas deitam suas armas. É importante entender que o fim do conflito se deu gradualmente e, entre os tratados de *Neerlandia* e o de *Winsconsin*, cada general ou guerrilha deveria fazer sua escolha. No entanto, não levaram muito tempo. Dentre os generais convocados estavam os sobreviventes das últimas guerrilhas, dos três últimos exércitos organizados que sobreviveram a Palonegro e Justo Durán com seu exército em Chinácota.<sup>191</sup> O último reduto do conflito, o Panamá – ao mesmo tempo a região que se encontrava em maior perigo – será o último a se render.

Várias cartas com propostas para o tratado de paz já haviam sido trocadas entre ambas as partes ao longo do último mês, as negociações foram longas e cuidadosas, além de, por vezes, terem estado a perigo graças à intransigência de ambas as partes. Herrera estava decidido pelas negociações de paz. Ficou famosa a carta enviado pelo general ao governador do Panamá, Víctor M. Salazar, com as bases para um armistício na qual escreveu "la Patria por encima de los Partidos".<sup>192</sup>

O general Liberal Benjamín Herrera se encontrou finalmente no dia 21 de novembro de 1902 com os representantes do presidente Marroquín no navio americano, o encouraçado *Winsconsin*. Os oficiais norte-americanos ofereceram o navio como território neutro para as negociações. Naquele mesmo dia assinaram o tratado de paz

---

<sup>189</sup> Ibid., p. 208

<sup>190</sup> Ibid., p. 305

<sup>191</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit.2006. Pág. 39

<sup>192</sup> MOLANO, Henrique Santos. La Guerra de los Mil Días em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/mayo2004/guerra.htm>> Acessado em:  
23 de janeiro de 2014

<sup>192</sup> Em tradução livre: "A pátria acima dos partidos"

que pôs fim definitivo à Guerra dos Mil Dias. Nas palavras de Benjamín Herrera, em um telegrama para Bogotá: "Firmada paz nacional. Tratado republicano honroso".<sup>193</sup> O general será imortalizado como um homem de armas, mas também de belas palavras. E assim termina a que deveria ter sido a última guerra civil colombiana.

#### 2.4. Coronel Aureliano Buendía

Uma vez findo o nosso tratamento da Guerra dos Mil Dias em si, seria interessante nos dedicarmos a alguns aspectos mais singulares. Neste item, nos dedicaremos a uma mais profunda análise da personagem Coronel Aureliano Buendía, a maneira que este é não só representação de todos os veteranos Liberais da Guerra dos Mil Dias, como também é, mais especificamente, representação do General Uribe Uribe

Tal personagem, a mais importante em *Cien años de soledad*, é complexo e extremamente rica, repleta de simbologia e cuja tessitura é elaborada com os fios de personagens históricos. Desde pequeno, Aureliano foi abençoado por seu criador – o onipresente autor – com o dom para o insólito.

Ainda pequenino, antes mesmo de poder falar, era capaz de fazer ferver a água ou rodar as cadeiras somente com o poder de seu próprio fascínio.<sup>194</sup> Aureliano, o primeiro ser humano a nascer em Macondo, chorou no ventre de sua mãe, predispondo-o para sempre ao dom clarividência.<sup>195</sup> Previu a chegada de sua irmã Rebeca, a morte de seu pai, a queda de caldeirões bem postos no centro de mesas, ou causou a queda com seus próprios poderes. Úrsula, sua mãe, jamais o saberia dizer.

Aureliano, para sempre tocado pelo mistério e o fantástico, era par com sua família e com a realidade da qual fazia parte. Nasceu num mundo onde os fantasmas envelheciam<sup>196</sup>, onde padres flutuavam<sup>197</sup>, onde rastros de sangue têm vontade própria<sup>198</sup> e onde uma senhora velhinha, sabedora da data e hora de sua própria morte,

---

<sup>193</sup> Idem.

<sup>193</sup> Em tradução livre: "Assinada a paz nacional. Tratado republicano honroso"

<sup>194</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 24

<sup>195</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 285

<sup>196</sup> Ibid., p. 95

<sup>197</sup> Ibid., p. 102

<sup>198</sup> Ibid., p. 197

se oferece para levar cartas aos céus.<sup>199</sup> Foi criado por um gênio disfarçado de louco, capaz de, por cálculos próprios, chegar à conclusão de que a terra era redonda.<sup>200</sup> Um homem tão fascinado pela inovação e o conhecimento, que não teve resguardo em escolher para melhor amigo um cigano imortal, ao mesmo tempo mago e cientista: Melquíades, o alquimista.

É através de Melquíades e sua família de ciganos que Aureliano tem a mais importante experiência de toda a sua vida. Num mundo cheio da mais pura magia, do mais desconcertante extraordinário, a experiência mais cara para Aureliano é feita daquilo que há de mais mundano. Dentro de uma guardada tenda, sob os olhos de um gigante, um baú guardava o mais impressionante tesouro de todos: Gelo. José Arcádio, seu pai, deu ao gigante todo o dinheiro que não tinha para que cada filho pudesse pousar a mão no maior diamante do mundo - como o chamou - ao menos uma vez.<sup>201</sup>

Aureliano jamais se esqueceu da experiência mágica e tornou a evocá-la nos momentos de maior temor ou reflexão. O momento definidor de sua vida, ainda em sua infância, foi aquele em que foi incentivado pelo pai a tocar o novo, a transparente pedra que fervia. Aureliano passará a ser por toda a vida um homem sóbrio, reservado, porém transformador, amante das ciências, da política. E isto o levará a um destino de lutas e de miséria. Aureliano se torna o Coronel Aureliano Buendía.

Durante suas infundáveis guerras pelo Partido Liberal – ou por orgulho – o Coronel Aureliano Buendía enfrentou inúmeros atentados contra sua vida. Na forma de venenos, assassinos, pelotões de fuzilamento ou mesmo uma tentativa de suicídio. O Coronel chegou a duvidar de seus poderes divinatórios uma vez que não conseguia localizar a premonição de sua própria morte. Na ocasião, decidiu, então, que deveria defini-la da única maneira com a qual se pode definir o momento da própria morte.<sup>202</sup>

Consulta-se com Pilar Terneira, a peculiar avó, mãe e amante dos homens Buendía e também tocada pelos poderes da divinação, os quais exerce através da leitura de cartas. Esta, do alto de seus próprios poderes, dá a seguinte sentença: cuidado com a boca. O Coronel Aureliano, confuso decide não tirar a vida através de um tiro na boca, mas, sim, através de um tiro no peito. O destino – ou o autor – assim decide que a bala passará

---

<sup>199</sup> Ibid., p. 319

<sup>200</sup> Ibid., p. 13

<sup>201</sup> Ibid., p. 27

<sup>202</sup> Ibid., p. 207

limpa por ele, sem matá-lo. Aureliano viverá. Viverá para morrer mais tarde, quando já era um velho esquecido por todos e que a todos havia esquecido.

O Coronel Aureliano Buendía assina o tratado de paz debaixo da castanheira centenária da fazenda de Neerlândia e se tranca para sempre em sua oficina e dentro de si mesmo. Sob a graça da poética tão própria de seu autor, Aureliano – somente Aureliano - morreria também embaixo de uma castanheira, despercebido por todos, só. Em outubro.<sup>203</sup>

Quão triste é o seu destino. Em entrevista à Apuleyo Mendonça, García Márquez revela que chorou no colo de sua esposa no dia que decidiu que Aureliano deveria morrer.<sup>204</sup> Decidiu-o a contragosto, pois não desejava que este se tornasse um ditador e, para Aureliano, só havia dois destinos: o mais nefasto possível poder ou a solidão.

Solidão. Não por coincidência, ou mero floreio poético para um título marcante, a solidão é, na verdade, a principal motivação da obra aqui analisada. Inevitável, fica sendo uma marca para os descendentes dos Buendía que foram marcados com o nome de Aureliano, como uma herança maldita transmitida a contragosto pelo coronel. A solidão figura, então, em igual importância com a ideia de repetição, de um inevitável ciclo destrutivo. Os Buendía serão para sempre marcados pela labiríntica e torturante repetição de nomes e cruéis destinos. Tal qual Aureliano em sua mítica oficina, produzindo peixinhos de ouro com toda a delicadeza e dedicação, somente para voltar a destruí-los e então refazê-los.<sup>205</sup> Tal qual Macondo, que é construída e arrasada e reconstruída e transformada somente para ser destruída definitivamente ao final, segundo a predição do mago Melquíades. Os Buendía, todos os habitantes de Macondo, e o próprio coronel estão assim fadados ao ciclo destrutivo da solidão.

Aureliano e o Coronel inominado de *El coronel no tiene quien le escriba* formarão uma representação do conjunto dos veteranos da Guerra dos Mil Dias. Embora tenham igualmente travado este conflito, ambos os coronéis se apresentam como homens de personalidade, função e destinos muito distintos.

Enquanto Aureliano será um grande líder, o Coronel inominado será um oficial sem muita distinção; enquanto Aureliano renega a pensão vitalícia, o seu par amarga a sua espera mais de cinquenta anos depois de finda a guerra. Ambos são faces de uma mesma moeda e, de certa forma, conseguem representar vários lados dos veteranos do

---

<sup>203</sup> Ibid., p. 305

<sup>204</sup> Ibid., p. 37

<sup>205</sup> Ibid., p. 318

tal conflito. E, para que o ciclo seja ainda mais poético, além da guerra em questão, ambos compartilham a mais profunda solidão.

Interpretar personagens de tal calibre apresenta verdadeiro desafio. Para nos lançarmos a esta empreitada, começaremos por discutir a teoria específica da análise de personagem que nos será tão cara para melhor compreender o Coronel, mas também outros personagens igualmente essenciais para a narrativa.

Estudar a história através da literatura nos permite uma série de diferentes abordagens. Neste momento, dedicamo-nos à análise dos personagens. Tal empreitada é das mais proveitosas e interessantes, no entanto, requer uma metodologia própria, sobre a qual nos deteremos a seguir.

Uma reflexão a respeito dos princípios da análise de personagens deve começar com uma reflexão a respeito da natureza destes. É preciso, primeiramente, entender que os personagens são a criação de seu autor e, por isso, são parte deste. Os personagens são criação da imaginação de cada escritor, de uma intrincada soma de experiência, sentimento, representação e imaginação. São seres intencionais, criados com cuidado para fazer parte de um mundo moldado pelo autor e deverão tomar parte em uma história igualmente por ele construída. Tais personagens são intencionais, porém, mais do que isso, são acessíveis.

A questão da intencionalidade dos personagens é muito importante e é preciso torná-la bastante clara. Os personagens, como seres fictícios, só vivem e só acontecem no universo da narrativa à qual pertencem. Apesar de poderem ser janelas para costumes e maneiras típicas de pessoas reais, estes existem tão somente nos parágrafos nos quais são descritos. Toda a sua existência depende tão somente de tais parágrafos e ali se encerra.

Os personagens são, assim, seres intencionais, seres que não possuem qualquer autonomia e existem somente pela graça de seu autor.<sup>206</sup> Tudo o que concerne aos personagens foi escolhido e cuidadosamente construído por seu criador com um propósito estrutural, com o propósito de dar coesão à história, que este pretende contar. Todos os personagens vivem em conformidade com seu destino narrativo e isto os torna seres intencionais, seres que são consistentes na dinâmica de suas vidas e suas ações.

---

<sup>206</sup> ROSENFELD, Anatol. **Literatura e Personagem** in CANDIDO, Antonio (Org.). *A Personagem de Ficção* 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 16

“A ficção é o único lugar – em termos epistemológicos – em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais.”<sup>207</sup>

Ambos os coronéis aqui estudados viveram a Guerra dos Mil Dias e suas histórias contam com detalhes o que esta guerra representou. Mas qual história da guerra? Ambos os Coronéis contam a história na perspectiva que o autor escolheu e ambos com suas falas, ações, não ações, pensamentos, sentimentos, medos, incertezas e reflexões nos dão a possibilidade de perceber representações específicas a cerca da guerra. Representações que advém de seu criador e as quais são compartilhadas por ele com a sua comunidade.

Aí está a beleza da análise de personagens. Estes seres vivem as histórias contadas pelos autores. Eles nascem, crescem e morrem nestas histórias. Têm família e amigos, conhecem pessoas novas, enfrentam desafios e adversidades. São testemunhas de fatos ocorridos, aprendem aquilo de que são ignorantes e tomam parte em ações quem transformam o destino do mundo narrado. Muito parecidos com humanos, mas também diferentes.

Embora seja perfeitamente óbvio o fato de que seres humanos habitantes da realidade e personagens sejam diferentes, explorar as diferenças e as possíveis semelhanças é um exercício ao qual nos propomos neste momento. Tal Exercício que nos permitirá explorar alguns pontos úteis para a reflexão a respeito da natureza dos personagens.

Para começar o exercício, talvez seja interessante tratar brevemente das ideias de Forster, em seu livro *Aspects of a novel* (1949). O autor enumera várias características dos personagens que nos são muito interessantes e que voltaremos a discutir, mas também faz menção das diferenças entre personagens e a pessoa viva. Começaremos por tratar dos conceitos relativos a estas diferenças.

Para Forster, a melhor maneira de distinguir os grupos previamente mencionados seria nas seguintes categorias: *Homo Fictus* e *Homo Sapiens*.

“O *Homo Fictus* é e não é equivalente ao *Homo Sapiens*, pois vive segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade, mas numa proporção diferente e conforme

---

<sup>207</sup> Ibid., p. 35

avaliação também diferente. Come e dorme pouco, por exemplo; mas vive muito mais intensamente certas relações humanas.”<sup>208</sup>

Os personagens, como seres intencionais, vivem uma vida muito mais definitiva e, por isso, mais satisfatória. O *Homo Fictus* tem sua vida pré-estabelecida de tal maneira que até seus erros ou suas mentiras, mesmo aquilo que esconde tem uma função pré-determinada, por isso objetiva. Diferentemente do *Homo Sapiens*, cada fala, ato e pensamento do *Homo Fictus* tem um objetivo para a integridade da narrativa e resultará em uma consequência necessária e objetivada.

Assim sendo, os personagens vivem uma vida muito mais intensa e carregada de significância. Até por isso, a interpretação de personagens se torna assim muito mais possível e bem sucedida que a interpretação da vida ou das ações de uma pessoa real. A Arte tem esta natureza, ela é um domínio de conhecimentos absolutos.<sup>209</sup>

Os personagens, diferentemente dos humanos, são completos dentro da narrativa. Eles só existem dentro do círculo conciso da obra e, portanto, podem ser compreendidos em toda a sua profundidade. Diferente de pessoas reais, os personagens nos permitem acesso não só a aquilo que desejam mostrar ou às suas ações, mas também aos seus pensamentos, ao seu passado e mesmo ao futuro que nem eles mesmos conhecem. O leitor tem acesso até mesmo aos segredos que os personagens nunca dividiram com ninguém. Por mais complexo que um personagem seja, tudo o que há para ser compreendido sobre ele pode ser compreendido através da leitura da obra da qual ele faz parte. Nas palavras de Antonio Candido:

“A sua profundidade (da personagem) é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador (...)”<sup>210</sup>

Essa percepção é muito importante. Enquanto o fim definitivo de um personagem é o fim do livro, o fim definitivo de um ser humano é a morte. E talvez nem isso, uma vez que segredos, mentiras e reflexões pessoais não serão pela morte desvelados. O personagem de ficção não. Este é finito assim que o livro é finito. E não pelo leitor, mas sim pelo autor. De tal forma que o personagem já é finito mesmo ao

---

<sup>208</sup> CANDIDO, Antonio. **O Personagem do Romance** in CANDIDO, Antonio (Org.). A Personagem de Ficção 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 63

<sup>209</sup> Ibid., p. 64

<sup>210</sup> CANDIDO, Antonio. Op Cit. (2011) p. 59

longo da leitura e, a não ser por reviravoltas características de qualquer narrativa, todas as suas ações, não ações, falas, pensamentos e sentimentos são definitivos.

A finitude do personagem talvez seja uma de suas maiores virtudes. Precisamente por seu limitado número de páginas, a obra literária, e por sua vez os personagens, ganham um caráter definitivo. Os personagens se tornam assim mais nítidos que as pessoas reais uma vez que sejam eles feitos de palavras escolhidas. A narrativa precisa ter seu fim e, para que possa ser coesa, precisa conter em sua finitude ordem e significância. Por isso, os personagens são apresentados em situações mais decisivas e significativas do que costuma ocorrer na vida.<sup>211</sup>

Temos acesso aos personagens muito mais do que aos humanos que habitam a realidade. Através da literatura é possível saber o que pensa, o que sente e o que receia aquele personagem. É possível saber dos seus segredos, das suas ambições, é possível saber até mesmo o que ele não sabe. Porque lemos o livro na perspectiva de seu criador ou ainda do narrador, e, no caso de García Márquez, na perspectiva do narrador onisciente. Os personagens, ao falarem, revelam-se de um modo bem mais completo do que as pessoas reais, mesmo quando mentem ou procuram disfarçar a sua opinião verdadeira.<sup>212</sup>

A grande obra de ficção é construída e intencional e, assim sendo, é repleta de personagens também moldados com contornos definidos e definitivos. Tais histórias e seus personagens são muito mais transparentes do que a realidade em que vivemos e seus personagens e acontecimentos ali presentes são nítidos e coerentes. Uma coerência que não pode ser exercida pelos *Homo Sapiens*. Na ficção, tudo tem um propósito. Cada diálogo, ato ou acontecimento é intencional e leva a consequências pré-estabelecidas, consequências escolhidas.

Desse modo a obra de ficção é um lugar muito mais transparente, muito mais passível de perceber as motivações de um e as intenções de outro. Um espaço onde é possível saber o que se passa na mente do coronel ou do ditador. Ao longo de uma narrativa é possível se deparar com verbos como “Receava”, “Pensava”, “Duvidava”.

---

<sup>211</sup> ROSENFELD, Anatol. Op. Cit. (2011). p. 35

<sup>212</sup> ROSENFELD, Anatol. Op. Cit. (2011). p. 29

Como leitores, temos acesso à psique dos personagens e mais do que isso, temos a cumplicidade do narrador.

Mesmo que os personagens também se deem a conhecer de maneira fragmentária a seus leitores, essa fragmentariedade é calculada e estilisticamente escolhida pelo autor. A riqueza do personagem de ficção está justamente no fato de essa fragmentariedade não o tornar simplificado ou inócuo. Os detalhes escolhidos pelo autor para apresentá-lo serão bastantes para nos dar uma ideia completa e coerente o suficiente para identificar e compreender determinado personagem.

A questão da Verossimilhança nos abre, então, uma outra gama de possibilidades. Além das diferenças entre o *Homo Fictus* e o *Homo Sapiens* seria interessante tratar de suas semelhanças e da relação entre os primeiros e seu criador.

Todas as questões a respeito das diferenças entre personagens e as pessoas vivas poderiam ser um sério problema para a narrativa. Se levarmos em consideração as questões previamente levantadas, não deveriam as narrativas ser completamente diversas da realidade? Alienando os leitores assim da possibilidade de se identificar com a obra e poder fazer correlações desta com sua própria realidade – um importante fator para julgar a qualidade de um romance?

O personagem transforma o ambiente da narrativa de maneira ativa. Qualquer forma literária pode descrever um ambiente ou mesmo uma pessoa e suas ações. Um personagem de ficção, todavia, tem um foco de ação bastante amplo na temporalidade; o que caracteriza a forma literária na qual se inscreve, ao mesmo tempo em que o coloca numa posição de identificação com seu leitor. Para o personagem, passado e futuro podem conviver na mesma frase, frase esta que pode ser inclusive a descrição de um pensamento.<sup>213</sup> Tais possibilidades dão ao leitor acesso à consciência da personagem e também a sensação de fazer parte da experiência que esta está vivendo.

As narrativas ficcionais apresentam elaborações imaginárias. (\*) No entanto, quando lemos um bom romance não desejamos a sensação da irrealidade, da irracionalidade. Isso não se aplicaria, por exemplo, a leitura de um conto de fadas, onde o fantástico é perfeitamente verossímil. No entanto, o romance, por sua vez, necessita

---

<sup>213</sup> ROSENFELD, Anatol. Op. Cit. (2011). p. 23

de certo grau de realidade, ou pelo menos da sensação desta. E um dos mais importantes fatores para dar verossimilhança à ficção é o personagem.

E, na análise de personagens, o acesso à sua psique é de fundamental importância. Quando lemos uma obra literária, o romancista nos leva para dentro do personagem. O criador do personagem é, ao mesmo tempo, o narrador, a perspectiva pela qual conhecemos a história. E o caminho inverso nos é também possível. Através dos personagens e da narrativa é possível compreender a percepção do autor sobre determinado tema por ele descrito, é possível perceber suas representações sobre determinado tema.

Parecidos com humanos, os personagens podem viver em mundos miméticos ao real, podem viver acontecimentos miméticos a aqueles que realmente aconteceram, podem ser eles mesmos a mimese de pessoas reais ou mesmo uma mistura de muitas. Mas mais do que isso, os personagens são criados por uma pessoa real, o autor. São produto não só de sua imaginação, mas também de sua memória, de sua representação da realidade – seja ela passada, presente ou futura. Os personagens tem, sim, a matéria prima do real. E isso os torna muito interessantes para uma análise como a deste estudo.

É importante entender que os personagens da ficção não têm, necessariamente, a sua gênese em uma única pessoa real nem jamais será dela copiado. Contudo, o *Homo Fictus* nasce de uma série de aspectos advindos da realidade. Pode sim ter sido criado a partir das representações a respeito de uma pessoa real ou de várias. O personagem pode até mesmo ser perfeitamente inventado, retendo apenas características ou hábitos advindos da memória do autor. O romancista é incapaz de reproduzir a vida, mas cria a partir dela.

Uma vez estabelecido o valor dos personagens para uma análise das representações presentes em obras literárias, poderemos nos dedicar aos pormenores aqui inscritos. Para compreender tais pormenores, é preciso compreender a representação da qual nascem tais personagens.

Aqui, torna-se necessário compreender como a representação é um dos mais importantes conceitos para o historiador que estuda a literatura. Como já vimos, a literatura por vezes permite aos seus estudiosos analisar as representações dos homens e mulheres do passado a partir de seu próprio mundo. Mas essas representações só

chegam até nós pelo intermédio do autor. O autor, por sua vez, é capaz de construir tais narrativas com o uso do imaginário que divide com a sua sociedade.

O objetivo aqui não é esmiuçar as possíveis identidades históricas de cada personagem de seus livros, ainda que por vezes seja possível fazer tal análise, mas perceber as representações. Não há uma busca por verdade ou autenticidade, mas, sim o seu valor representativo. Não estamos aqui brincando de detetive, tentando estabelecer em quem foi baseado o Coronel Aureliano Buendía, não precisamos, o próprio Márquez já esclareceu tal ponto.

O papel do autor também vem em grande medida no seu papel como narrador. Nas palavras de Cléria Botelho, “O escritor é aquele que nos conduz a uma outra época mas também que transmite sua experiência àqueles que o ouvem.”<sup>214</sup> Sendo assim, o estudo da realidade pelas representações, a realidade sob o prisma da verossimilhança, apresenta-se como nosso objeto de interesse.

O personagem do Coronel Aureliano Buendía é - talvez depois da família Buendía em si - o personagem central em *Cien años de soledad*. Mas, até por isso, antes de compreendê-lo, é necessário compreender a casa que lhe deu origem.

Como já tratamos anteriormente, *Cien años de soledad* é um espaço de expurgo narrativo dos fantasmas da infância de García Márquez:

“Eu só quis deixar um testemunho poético do mundo da minha infância, que, como você sabe (Apuleyo Mendonza), transcorreu numa casa grande, muito triste, com uma irmã que comia terra e uma avó que adivinhava o futuro, e numerosos parentes de nomes iguais que nunca fizeram muita distinção entre a felicidade e a demência.”<sup>215</sup>

Como García Márquez declara neste trecho de *El olor de la guayaba*, a casa dos Buendía seria um testemunho poético da casa de Aracataca e de todos que nela viviam. Muitos de seus personagens “são como quebra-cabeças armados com peças de muitas pessoas diferentes e, é claro, que com peças de mim.”<sup>216</sup>

O coronel Aureliano Buendía igualmente foi forjado a partir de pessoas de carne e osso. No entanto, apesar da impressão inicial, não é do avô de García Márquez que se

---

<sup>214</sup> COSTA, Cléria Botelho. **Literatura Escravista: uma Arte da Memória** in COSTA, Cléria Botelho(Orgs.).

**Um Passeio com Clio.** 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2002. p. 146

<sup>215</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) p. 79

<sup>216</sup> Ibid., p. 19

constitui sua “vértebra primária e essencial”<sup>217</sup>. O coronel Aureliano Buendía é, na verdade, principalmente baseado no general Rafael Uribe Uribe, líder dos exércitos Liberais durante a Guerra dos Mil Dias.<sup>218</sup>

Desta informação, podemos fazer uma análise da representação de Uribe que tinha Gabriel García Márquez. Para o autor, a representação vem intermediada por sua avó uma vez que esta o conheceu pessoalmente, quando recebeu a visita de Uribe em sua casa.<sup>219</sup> García Márquez nunca chegou a conhecê-lo, pois ainda não havia nascido em tal época. Para o autor, a representação que fica é a que sua avó lhe transmitiu: Uribe era um perfeito militar, tinha o bigode negro de pontas, o rosto cor de cobre e vestia botas altas.<sup>220</sup>

Márquez muito se interessa por personagens históricos, já havendo ressuscitado Bolívar em *El general en su laberinto* e agora a Uribe Uribe como o Coronel Aureliano Buendía em *Cien años de soledad*. Ao ler as histórias do Coronel Aureliano Buendía, podemos ver as representações de um líder dedicado aos seus ideais, temido por seus inimigos e por partidários, um homem radical e que conhecerá de perto a morte e também o fracasso. Mas isso é a superfície.

“La característica compartida por los personajes ficticio y real, que a nuestro juicio muestra mejor el conocimiento del personaje que tiene el escritor y su interés en recuperar el legado de Uribe a la construcción del país, es el hecho de que la carrera militar, por la cual los dos son célebres, es en realidad secundaria. García Márquez insiste en presentarnos un coronel para quien, son más importantes que la guerra, el trabajo representado en el arte de crear pescaditos de oro, la versificación y la educación. Aureliano es pues más artista que guerrero”<sup>221</sup>

São homens orgulhosos e reservados que dedicam suas vidas aos seus ideais – da maneira mais fulminante possível. Ambos nascidos no interior e acostumados ao trabalho ao qual dão valor – Uribe na fazenda e Buendía em sua oficina. São amantes do conhecimento e da modernidade.<sup>222</sup>

---

<sup>217</sup> Ibid., p. 19

<sup>218</sup> Ibid., p. 18

<sup>219</sup> MARQUEZ, Gabriel García. Op cit. (2009) p. 36

<sup>220</sup> MARQUEZ, Gabriel García. Op cit. (1985) p. 18

<sup>221</sup> Suárez Pinzón, Ivonne. **Rafael Uribe Uribe y Aureliano Buendía em Cien Años de Soledad**. HAOL, Núm. 18. 2009. P. 69

<sup>222</sup> Ibid., P. 68

As semelhanças entre os dois, inspiração para o personagem, é muito mais delicada e é guardada nos detalhes. Ambos são parecidos também na aparência física: compartilham o bigode negro e a voz retumbante<sup>223</sup>, o rosto anguloso, o olhar profundo e são ambos altos e delgados.<sup>224</sup> São parecidos nos trejeitos e na maneira orgulhosa de não desejarem nenhum tipo honras militares para si mesmos. São próximos no jeito de vestir, da mesma maneira como são próximos no jeito de viver. Nas palavras de Ivonne Suarez Pinzon:

“Los colombianos suelen identificarlo (ao General Uribe Uribe gracias a una fotografía traficada, en la cual se le viste con un traje militar que, según su hija y tal como lo demuestran las fotografías que le fueron tomadas durante la guerra, nunca usó. Ello, porque al igual que su arquetipo el coronel, que ‘nunca permitió que le tomaran una fotografía’, no gustaba de honores, ni de fotografías honoríficas. Como él, vestía siempre en traje de civil, y también como él, participó en infinidad de combates en los cuales ‘Vestía un uniforme de dril ordinario, sin insignias de ninguna clase, y unas botas altas embadurnadas de barro y sangre seca.’”<sup>225</sup>

Em Aureliano Buendia também podemos ver – principalmente na primeira fase da guerra – os aspectos cavalheirescos da elite política colombiana da qual falamos no item anterior. Enquanto o General Uribe Uribe trocava cartas e organizava tréguas com seus adversários, também o fez seu espelho fictício. O Coronel Aureliano Buendía se tornará muito amigo do Coronel José Raquel Moncada com quem jogava xadrez durante as tréguas que combinavam entre si, trocavam prisioneiros, cartas para as famílias, mesmo nos períodos mais terríveis do conflito.<sup>226</sup> Mas será também contra Moncada que o Coronel Aureliano mostrará seu lado mais sombrio na segunda fase da guerra.

As semelhanças entre Aureliano e Uribe se estendem, também, no campo intelectual. São ambos inteligentes, amantes da cultura e das letras, ambos escritores. Aureliano passou toda a sua vida escrevendo versos<sup>227</sup> e Uribe escrevia para jornais, folhetos do partido Liberal e também foi autor de livros como *La voz del héroe*. Nesse livro, o General das letras proclama o seu amor pela literatura e pelo verso, mas faz a ressalva: sem a ação, a literatura perde seu valor.

---

<sup>223</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 72

<sup>224</sup> Suárez Pinzón, Ivonne. **Op. Cit.** 2009. P. 66

<sup>225</sup> Ibid., P. 66

<sup>226</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 172

<sup>227</sup> Ibid., p. 82

“[...] que lo único propio son los hechos, y que para abrirles campo es menester dar primero muerte a las palabras que sólo sean palabras. Pueden ser perdonadas las palabras que sean hechos; pero la mera verbosidad, sobre todo la rimada, es el mayor flagelo para un pueblo”<sup>228</sup>

Também pensa assim Aureliano que, já quando desenganado da guerra, pede a sua mãe que queime seus versos sem ler.<sup>229</sup> Não acreditava na utilidade de seus versos, uma vez que seu ideal se encontrava abatido, uma vez que havia falhado em derrubar o governo Conservador. A literatura a mais nada lhe servia.

As semelhanças também se encontram, por fim, na morte. Aureliano é homenageado pelo presidente conservador em seu jubileu e no aniversário do tratado de Neerlândia ganha, inclusive, uma rua com seu nome. A sua morte logo se segue e é decretado luto nacional.<sup>230</sup> O mesmo se dá com Uribe Uribe. Será decretado para sua morte luto oficial, assim como para o personagem de ficção. Um luto decretado pelos Conservadores, mesmo quando sua morte foi provocada por disputas políticas contra estes. Do alto de sua hipocrisia, o governo Conservador o declara herói da pátria. “El gobierno lo declara pues grande hombre, lo vuelve héroe objetivado, para así adormecer su memoria.”<sup>231</sup>

Há ainda, talvez, o mais poético das similitudes: ambos morrem em outubro. Assassinado em circunstâncias jamais esclarecidas, o general Uribe Uribe fará de outubro um mês de mau agouro. Outubro, que em toda a obra de García Márquez terá o mesmo significado, será também o mês da morte de Aureliano, sozinho, sob a castanheira nascida junto com a fundação de Macondo, no labirinto de *Cien años de soledad*.

A representação a qual García Márquez tem de Uribe é mesmo a de um perfeito militar: diligente, trabalhador, justo, incansável. Constrói um personagem tão poderoso que rapidamente galga os degraus da hierarquia militar e chega a ser general, chega a ser o chefe das forças Liberais no Caribe Colombiano. Apresenta os Liberais como um partido de demandas justas e heroicas, em oposição aos Conservadores como corruptos, violentos e elitistas.

---

<sup>228</sup> Uribe Uribe, Rafael, **La voz del héroe**. Medellín, Imprenta Departamental, Colección Autores Antioqueños, vol. 5, 1959. P. 29

<sup>229</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 148

<sup>230</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 305

<sup>231</sup> Suárez Pinzón, Ivonne. **Op. Cit.** 2009. P. 71

Podemos, no entanto, ficar tranquilos. *Cien años de soledad* não é demagógica ou superficial em sua representação dos partidos Liberal e Conservador. Há desenvolvimento dos personagens e da narrativa de tal forma que ambos os partidos possam ser percebidos em seus atos de violência e recrudescimento, além de atos de benevolência e honradez. O Coronel Aureliano viverá o suficiente para se tornar também ele um homem violento e injusto, radical e cruel. A estas transformações aqui nos dedicaremos.

O personagem do Coronel Aureliano Buendía não é, em absoluto, estático – até porque a característica genealógica do romance não o permite. Buendía é descrito narrativamente desde seu nascer até a morte e, como leitores, acompanhamos as mudanças de sua sorte e seu caráter. Muitas dessas mudanças acompanham os reveses da guerra e isso aqui muito nos interessa. O personagem de Aureliano, antes de ser coronel, é representado sempre como taciturno e frágil. O estigma da introversão de Aureliano não lhe é única, como o próprio autor declara:

“Os José Arcádios prolongam a estirpe, mas não os Aurelianos. Com uma única exceção, a de José Arcadio Segundo e Aureliano Segundo, provavelmente porque sendo gêmeos exatamente iguais foram confundidos na infância.”<sup>232</sup>

Mesmo ao se casar, mesmo ao conhecer seus dezessete filhos naturais, a sorte tira de Aureliano seus herdeiros. O personagem se constrói assim como um ser solitário, principalmente antes e depois da guerra. Seu único vislumbre de felicidade inocente foi durante sua curta união com Remédios, cujo fim marca também seu despertar para as contrariedades políticas e a guerra.

Seu primeiro contato com as tensões políticas se dá com as eleições que acontecem em Macondo. Nas vésperas, seu sogro, Don Apolinar Moscote lhe apresenta a distinção entre os partidos Liberal e Conservador. Nesta primeira menção dos dois partidos na narrativa de *Cien años de soledad*, ambos são descritos a partir do prisma ideológico de um Conservador. Aqui, ambas as ideologias são apresentadas a Aureliano por um amigo íntimo – um sogro querido, com quem jogava dominó todas as noites<sup>233</sup> - e com quem viria a discordar muito severamente. Principalmente, pelo quesito humanitário: Aureliano acha injusta a separação entre filhos legítimos e ilegítimos.<sup>234</sup> Aqui se inaugura uma dicotomia de sobreposição que se perpetuará por toda a narrativa.

---

<sup>232</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) p. 95

<sup>233</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). p 117

<sup>234</sup> Ibid., p. 119

Apesar de o personagem principal ser do Partido Liberal, este não é em momento algum divinizado, nem muito menos tratado com ingenuidade. A violência e a corrupção de ambos os lados é largamente tratada ao longo da obra – mesmo dentro do próprio Coronel Aureliano Buendía.

Nesta análise de viés dialógico<sup>235</sup>, é possível ainda tratar dessa dicotomia de sobreposição dentro da própria família de García Márquez. Seu avô Coronel Nicolás Márquez, lutou ao lado dos Liberais durante a guerra e seu pai, Gabriel Elígio García era membro do Partido Conservador. Ambos lutaram em lados opostos da guerra. Esta realidade não era comum somente ao autor, mas a muitos moradores do Caribe Colombiano que também viram seus familiares e amigos se dividirem entre os partidos e se lançarem à guerra.

Essa dupla linhagem partidária permitiu que o embate político estivesse sempre não só presente, mas palpável, para o pequeno García Márquez, o que permitiu a este, desde cedo, construir uma percepção um pouco mais dialogada entre ambas as ideologias.

“As razões contra Gabriel Eligio se agravaram por ele ser um membro ativo do Partido Conservador, contra o qual o coronel Nicolás Márquez tinha lutado suas guerras. A paz tinha sido feita mas só em parte desde as assinaturas dos tratados de Neerlandia e Winsconsin, pois o centralismo de raiz continuava no poder e haveria de passar muito tempo antes que os conservadores e liberais deixassem de mostrar os dentes uns aos outros.”<sup>236</sup>

Aqui também não carregamos a ilusão de que Márquez seja imparcial em sua narrativa, por certo não é. Mas este claramente se empenha em tentar humanizar ambos os partidos, apresentando picos de violência e de heroísmo em ambos, como veremos mais a seguir. García Márquez trata inclusive de inserir na sua narrativa momentos de confusão entre ambas as ideologias como, por exemplo, quando o coronel Aureliano Buendía mandou consertar a torre da igreja em Macondo, o padre Nicanor definiu a situação política de então:

“Esto es un disparate: los defensores de la fe de Cristo destruyen el templo y los masones lo mandan a componer.”<sup>237</sup>

---

<sup>235</sup> HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. p. 154

<sup>236</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) p. 53

<sup>237</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). p. 159

Esse tipo de desenlace com a religião era comum durante o conflito. Os Liberais se opunham à influência da Igreja como instituição do estado, mas não à igreja em si. Tinham nos padres ardorosos inimigos e eram tachados de ateus, mas eram, em sua maioria católicos, assim como o próprio coronel Aureliano Buendía e Uribe Uribe.

Desde a conversa com seu sogro a respeito de ambos os partidos Liberal e Conservador, Aureliano demonstra uma certa preferência, pois seus sentimentos humanistas o levavam a simpatizar com a causa dos filhos naturais.<sup>238</sup> No episódio em que seu sogro lhe confia o logro de corrupção para garantir a vitória dos conservadores, Aureliano se afasta da visão política de Moscote e declara: “Si hay que ser algo, seria liberal (...) porque los conservadores son unos tramposos.”<sup>239</sup>

No entanto, sua verdadeira conversão à causa do partido liberal só se daria muito depois das eleições. Os assomos de violência que se seguiram à chegada de tropas em Macondo, despertaram no personagem o ímpeto de se juntar a guerra.

Já neste primeiro momento, García Márquez apresenta o viés violento de Aureliano Buendía – que, ao fim da passagem, se auto intitula coronel – no trecho em que ele e seus companheiros fuzilam os soldados conservadores.<sup>240</sup>

Durante todo o período da Guerra dos Mil Dias presente na narrativa – aqui ela conta cerca de vinte e três anos<sup>241</sup> – os episódios violentos vão se tornando cada vez mais frequentes e mais intensos. A diferença reside entre as tropas de ambos os partidos: enquanto o partido Conservador continua com uma prática violenta estável, os avanços liberais nesse sentido são retratados em um crescente. O general José Raquel Moncada, outrora mencionado, é oficial Conservador e amigo de Aureliano. Mais tarde, se tornará Alcaide de Macondo, período no qual é retratado como um homem justo e simpático. Nas palavras de Ursula:

“Es el mejor gobernante que hemos tenido en Macondo (...) Ni siquiera tengo nada que decirte de su buen corazón, del afecto que nos tiene, porque tu lo conoces mejor que nadie.”<sup>242</sup>

---

<sup>238</sup> Ibid., p. 117

<sup>239</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). p. 118

<sup>239</sup> Em tradução livre: “Se fosse preciso ser alguma coisa, eu seria liberal porque os conservadores são uns trapaceiros.”

<sup>240</sup> Ibid., p. 123

<sup>241</sup> Ibid., p. 125

<sup>242</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). Pag. 185

<sup>242</sup> Em tradução livre: “E o melhor governante que tivemos em Macondo’, disse ao Coronel Aureliano Buendía. ‘Não tenho mesmo nada a dizer do seu bom coração, do afeto que nos dedica, porque você o conhece melhor que ninguém.’

Como mencionado anteriormente, o General Moncada é Conservador e a forma como é representado na obra não poderia ser mais positiva. Já o Coronel Aureliano Buendía, após a cena de sua fuga do pelotão de fuzilamento, é retratado, crescentemente, como despótico, violento, vingativo e, por vezes, irracional. Após a constatação da morte do general Victório Medina, o Coronel Aureliano Buendía é proclamado general e chefe das forças revolucionárias do litoral do Caribe.<sup>243</sup> O coronel Aureliano havia declarado uma “guerra total” contra o regime Conservador.<sup>244</sup>

Torna-se, então, um homem paranoico, como expressa ao fim do atentado contra um de seus inimigos políticos: “El mejor amigo (...) es el que acaba de morir.”<sup>245</sup> que, depois de escapar a quatorze atentados e setenta e três emboscadas<sup>246</sup>, já não permite que nem sequer sua mãe se aproxime dele a menos de três metros.<sup>247</sup> Nesta mesma passagem, Úrsula revela sua inquietação com as transformações do filho: “Dios mio (...) Ahora parece un hombre capaz de todo.”<sup>248</sup>

O escalonamento da brutalidade do Coronel Aureliano Buendía se dá de tal forma que, ao retomar Macondo dos Conservadores, sentencia o seu amigo General Moncada à morte. Talvez seja a passagem mais emblemática desse recrudescimento do personagem, a conversa entre o General Moncada e o Coronel Aureliano Buendía, na véspera da execução do primeiro:

“Lo que me preocupa que de tanto odiar a los militares, de tanto combatirlos, de tanto pensar en ellos, has terminado por ser igual a ellos. Y no hay un ideal en la vida que merezca tanta abyección. (...) A este paso no solo serás el dictador más despótico y sanguinario de nuestra historia, sino que fusilarás a mi comadre Úrsula tratando de apaciguar tu conciencia.”<sup>249</sup>

O Coronel não volta atrás em sua ordem, não pestaneja. Moncada é fuzilado. E a única sombra de humanidade que havia mostrado – prometer ao amigo entregar seus

---

<sup>243</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). p. 154

<sup>244</sup> Ibid., p. 155

<sup>245</sup> Ibid., p. 195

<sup>245</sup> Em tradução livre: “O melhor amigo (...) é aquele que acaba de morrer”

<sup>246</sup> Ibid., p. 123

<sup>247</sup> Ibid., p. 183

<sup>248</sup> Idem

<sup>248</sup> Em tradução Livre: “Meu Deus (...) Agora parece um homem capaz de tudo”

<sup>249</sup> Ibid., p. 187

<sup>249</sup> Em tradução Livre: “ O que me preocupa é que de tanto odiar os militares, de tanto combatê-los, de tanto pensar neles, você acabou por ficar igual a eles. E não há deal na vida que mereça tanta baixaza. Nesse ritmo, você não só será o ditador mais despótico e sanguinário da nossa história como também acabará por fuzilar a minha comadre Úrsula, tentando apaziguar a sua consciência”

pertences a sua viúva em Manaurê – cumpre da pior maneira possível: no momento em que a viúva Moncada proíbe sua entrada na casa, manda queimá-la.<sup>250</sup>

O coronel se torna, então, responsável por atentados contra a vida de inimigos políticos seus dentro do próprio partido liberal<sup>251</sup>, ele chegou inclusive a acusar de alta traição o seu amigo, coronel Guerineldo Márquez, resistindo a retirar a sentença de morte até o último minuto.<sup>252</sup>

Em *El olor de la guayaba*, García Márquez trata da construção do personagem do Coronel Aureliano Buendía, do que teria acontecido caso este tivesse vencido a guerra:

“ – Num dado momento, escrevendo o romance, tive a tentação de fazer o coronel tomar o poder. Se tivesse sido assim, em vez de *Cien años de soledad* teria escrito o *El otoño del patriarca*.

- Devemos acreditar que, por uma fatalidade do nosso destino histórico, quem luta contra o despotismo corre grande risco de se transformar a si mesmo num déspota ao chegar ao poder?”<sup>253</sup>

Esta representação dos Liberais como violentos não é gratuita. No plano da realidade, a partir de outubro de 1900, a guerra chegou a um patamar de “até a morte”, nenhum dos dois lados fazia mais prisioneiros.<sup>254</sup> Se tornaram “Homens míopes para o bem e para o mal”, como em *Nostromo*, de Joseph Conrad.<sup>255</sup> A figura do General Martín *El Negro*, homem de extração humilde que chegou a ser uma das mais nobres figuras entre os Liberais, principal guerrilheiro de *Tolima*, entra aqui como uma feliz exceção:

“Conmueve la respuesta de Martín a alguien que le preguntó por qué él no fusilaba a sus presos como los estaban fusilando los conservadores: ‘No lo haré, porque entonces, ¿en qué está la diferencia?’”<sup>256</sup>

---

<sup>250</sup> Ibid., p. 193

<sup>251</sup> Ibid., p. 194

<sup>252</sup> Ibid., p. 199

<sup>253</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) p. 80

<sup>254</sup> MARTIN, Gerard. Op cit. p. 39

<sup>255</sup> JARAMILLO, Carlos Eduardo. Reflexiones sobre la guerra de los Mil Días. In: Biblioteca virtual Del Banco de la República. Disponível em:

<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/enero2000/121reflexiones.htm> >.

Acesso em 23 nov. 2011

<sup>256</sup> Idem

A violência crescente nos últimos anos da guerra não surtiu efeitos positivos para o Partido Liberal. Seus exércitos reduzidos e inferiormente armados, já não faziam uma frente realmente perigosa ao Partido Conservador.<sup>257</sup> Já no seu fim “o centro de gravidade moveu-se vagarosamente para o norte, em direção às regiões costeiras do Atlântico”.<sup>258</sup> Foi o início do fim. Os liberais já não venciam uma batalha desde *Palonegro*, quando liderados pelo General Uribe Uribe e as derrotas sucessivas os levaram para o acordo de paz de Neerlandia, após a derrota em *Cienága*.<sup>259</sup>

As representações deste período de derrota e incertezas se encontram em *Cien años de soledad*. Embora por vezes o Coronel Aureliano Buendía tenha algumas vitórias – como a tomada de *Riohacha* e a retomada de Macondo – em geral o seu quadro é de derrotas, derrotas e desilusão com os rumos do Partido Liberal.

As representações que se constroem a partir deste ponto da narrativa são de que a guerra acabou por perder seu sentido em meio à violência desmedida e à corrupção de ambos os partidos. Em uma conversa com o seu amigo, o coronel Gerineldo Márquez, o Coronel Aureliano Buendía chega à conclusão de que está agora lutando apenas por orgulho e critica seu companheiro de armas quando este afirma estar lutando pelo Partido Liberal: “Pelear como tu por algo que no significa nada para nadie.”<sup>260</sup>

O coronel Aureliano Buendía passa a demonstrar uma profunda descrença do sentido da guerra. Em agravo às suas dúvidas, em outro momento da narrativa, o coronel recebe emissários do Partido Liberal que vinham negociar um tratado de paz, no qual propunham esquecer os ideais liberais do início da guerra.

“Pedían, en primer término, renunciar a la revisión de los títulos de propiedad de la tierra para recuperar el apoyo de los terratenientes liberales. Pedían, en segundo termino, renunciar a la lucha contra la influencia clerical para obtener el respaldo del pueblo católico. Pedían, por último, renunciar a las aspiraciones de igualdad de derechos entre los hijos naturales y los legítimos para preservar la integridad de los hogares.

- Quiere decir (...) que solo estamos luchando por el poder.

- Son reformas tácticas. (...) Por ahora, lo esencial es ensâchar la base popular de la guerra. Después veremos.

---

<sup>257</sup> MARTIN, Gerard. Op cit. p. 383

<sup>258</sup> Ibid., p.39

<sup>259</sup> MARTIN, Gerard. Op cit. p. 40

<sup>260</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). p. 161

- (...) Quiere decir, em síntesis, que durante casí veinte años hemos estado luchando contra los sentimientos de la nación.”<sup>261</sup>

Aqui a representação do partido Liberal se choca com ideal de Uribe Uribe. Enquanto o Coronel Aureliano Buendía é extremamente revoltado com este tipo de pacto, Uribe Uribe foi um dos maiores responsáveis pela organização dos acordos de paz e ele mesmo se voltou novamente para política uma vez finda a guerra.

O desconcerto do Coronel é tão grande que depois do tratado de Neerlandia, este atenta contra sua própria vida, atirando contra o próprio peito. Situação da qual só sobreviveu por um daqueles recursos “de sublime ridículo”<sup>262</sup> tão característicos da obra de Gabriel García Márquez, recursos estes que nos acostumamos a chamar de “fantástico”. Sua sobrevivência é, como já tratamos anteriormente, triste e longa. Período no qual vai amargurar muitas outras dores e ilusões a ponto desejar, inclusive, lançar uma nova guerra contra o Partido Conservador.<sup>263</sup>

As representações contidas em *Cien años de soledad*, a respeito da Guerra dos Mil Dias e seus veteranos, em geral giram em torno de sentimentos negativos. Contamos, aqui neste capítulo, representações acerca de violência desmedida por parte dos Liberais, corrupção, confusões ideológicas, uma guerra vazia de sentido e do fracasso dos exércitos liberais e seus ideais.

O bolero triste contado aqui por Garcia Marquez tem seu fim muito adiante, numa tarde solitária de outubro em que morre o Coronel Aureliano Buendía. Uma lenda viva para todos, mas um velho triste, taciturno e ensimesmado exatamente como foi na juventude. O ciclo do Coronel Aureliano Buendía é o que dá o nome ao livro, um ciclo de solidão. Como havia reparado Úrsula, em *Cien años de soledad*, quando conheceu seus dezessete netos naturais que só tinham uma coisa em comum: “Todos con un aire de soledad que no permitia por em duda el parentesco.”<sup>264</sup>

---

<sup>261</sup> Ibid., p. 197

<sup>261</sup> Em tradução Livre: “Pediam, em primeiro lugar, renunciar à revisão dos títulos de propriedade da terra para recuperar o apoio dos proprietários liberais. Pediam, em segundo lugar, renunciar à luta contra a influência clerical para obter o suporte do povo católico. Pediam, por último, renunciar às aspirações de igualdade de direitos entre os filhos naturais e os legítimos para preservar a integridade dos lares.

<sup>261</sup> — Quer dizer (...) que só estamos lutando pelo poder.

<sup>261</sup> — São reformas táticas. No momento, o essencial é ampliar a base popular da guerra. Depois se vê.

<sup>261</sup> — (...) Quer dizer, em suma, que durante quase vinte anos estivemos lutando contra os sentimentos da nação.”

<sup>262</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) p. 78

<sup>263</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). p. 278

<sup>264</sup> Ibid., p. 177

Ainda tratando de boleros, é durante a firma do tratado de Neerlandia, em *Cien años de soledad*, que aparece a segunda personagem a que nos propomos analisar. O Coronel Inominado, de *El coronel no tiene quien le escriba*, aparece como o tesoureiro da revolução na circunscrição de Macondo que trazia, para a surpresa de todos, os fundos da revolução que todos acreditavam perdidos pela corrupção.<sup>265</sup> Das questões relativas às consequências políticas, econômicas e geográficas da guerra nos dedicaremos no próximo capítulo juntamente com a personagem do Coronel Inominado.

---

<sup>265</sup> Ibid., p. 206

## Capítulo Três:

### O Legado da Guerra dos Mil Dias

“- No te preocupes - la consoló el coronel  
-. Mañana viene el correo.”<sup>266</sup>

#### 3.1 Introdução

Neste capítulo nos dedicaremos aos acontecimentos posteriores ao fim da Guerra dos Mil Dias. Trataremos das consequências políticas, econômicas e territoriais sofridas pelo país após o conflito aqui estudado e a maneira como tais eventos ajudaram a moldar a Colômbia do século XX. Os acontecimentos históricos aqui tratados são três: a secessão do Panamá, as consequências econômicas e políticas para ambos os partidos, Liberais e Conservadores, e o estabelecimento das pensões vitalícias para os veteranos da guerra.

Primeiramente nos dedicaremos ao conflito político no qual se inseriu uma muito arrasada Colômbia pós-Guerra dos Mil Dias com os Estados Unidos. Vale destacar que o governo americano já há muitos anos vinha se dedicando ao controle político e territorial de todo o continente e que, nesse momento, se voltava para a região colombiana, onde o Canal do Panamá estava em vias de construção. As consequências do conflito político serão extremas para o país.

Numa segunda parte, nos dedicaremos à situação conflituosa que permanece entre ambos os partidos e a violência a que esta dá origem. Parte desta violência tem sua surge da tensão gerada pela espera pelas *Jubilacións*, ou pensões vitalícias. Tais pensões foram prometidas aos combatentes da Guerra dos Mil Dias, tanto do partido Liberal quanto do partido Conservador. Fizeram parte do acordo de rendição dos Liberais que pôs fim ao conflito. No entanto, tal proposta – e a legislação dela advinda – nunca será cumprida. A espera por tais pensões é tema central da novela *El coronel no tiene quien le escriba* e também faz parte de *Cien años de soledad*. As representações acerca da

---

<sup>266</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. *El Coronel no Tiene quien le Escriba*. Caracas, Venezuela: Biblioteca de Ayacucho, 1989 p. 16

<sup>266</sup> Em tradução livre: “Não se preocupe – consolou o coronel – o correio chega amanhã”

espera pela pensão serão analisadas a partir dos personagens do Coronel, inominado, e o Coronel Aureliano Buendía, respectivamente de *El coronel no tiene quien le escriba* e *Cien años de soledad*.

### **3.2 A Secessão do Panamá: Tragédia Política e Financeira**

A Guerra dos Mil Dias encontra seu fim em nome de uma causa comum. É bem verdade que ambos os partidos já não tinham condições de manter o conflito por muito tempo, estando reduzidos a poucos e espalhados exércitos, sanguinárias e incontroláveis guerrilhas e ambos já não tinham os recursos financeiros para dar continuidade ao massacre de seu próprio povo. Mais do que isso, o próprio povo já não desejava mais um novo ano de conflito. Iniciar 1903 dentro da mesma terrível guerra já não parecia ser mais uma possibilidade para ninguém. Todavia nenhum dos dois partidos desejava sair como derrotado. Ambos só entraram em acordo graças à iminente ameaça vinda do norte.

Com o fim da guerra, o governo Conservador declarou um perdão geral e se moveu em direção a ações pacíficas como a redução do exército de cinquenta mil homens para quinze mil, já em março de 1903.<sup>267</sup> Ambos os partidos se aproximaram graças ao árduo trabalho de suas alas mais moderadas e puderam então focar na questão do canal do Panamá e também na reconstrução do país.

Para grande desgosto dos colombianos como um todo, não só os norte-americanos tinham interesse na secessão do Panamá, mas também os próprios panamenhos. Há muito tempo a elite panamenha demonstrava a sua insatisfação para com o governo central. Este atrito data dos anos de 1850, no início dos planos para a construção do canal. As negociações entre o governo central e a região estiveram distantes e mal conduzidas durante as últimas décadas, com o advento da Guerra dos Mil Dias, o governo central deixou de lado as necessidades das elites regionais. Enquanto países como a França e os Estados Unidos não mediam esforços para agradar

---

<sup>267</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit.2006. Pág. 39

as ditas elites, o governo Conservador com frequência interrompia as negociações para a construção do canal, sem sequer consultar os políticos locais.<sup>268</sup>

Além dos conflitos atrelados ao canal, a elite panamenha se sentia distante politicamente dos partidos centrados em Bogotá. Olhava com horror para as práticas antiquadas de guerra, como as execuções, e já não se filiava a nenhum dos dois partidos. Sentiam-se afastados dos Conservadores, os quais consideravam demasiado ligados à Igreja, às tradições espanholas que datavam da colônia e demasiado absorvidos aos interesses de Bogotá e de nenhuma outra região. Enquanto isso, também não se davam com os Liberais, aos quais costumavam se filiar por conta de vendetas durante o conflito aqui estudado. Depois da Guerra dos Mil Dias, ambos os partidos começaram a se parecer demasiadamente um com o outro.<sup>269</sup> Uma vez que a elite panamenha não mais se considerava próxima a nenhuma das elites políticas do resto do País, começaram a se aproximar dos solícitos dignatários norte-americanos e das propostas que estes traziam.

A Colômbia como estado nunca tinha tido real força para assegurar seus territórios. Ao longo do século XIX – como discutido anteriormente no primeiro capítulo – o país havia passado por muitas outras conformações geográficas. Mudanças governamentais e guerras civis levavam certas regiões a clamar por independência. No entanto, já fazia muitas décadas desde que o país havia se estabilizado com esta específica conformação geográfica. A secessão do Panamá viria como uma grande humilhação para o Estado colombiano, um lembrete doloroso de que este ainda não conseguia assegurar o seu território. E mais, que havia ainda outras regiões que poderiam estar correndo o mesmo risco, como a região amazônica e a de *Orinoquia*.<sup>270</sup>

Além de não ter prestado real atenção às suas próprias províncias, o governo colombiano também falhou ao não prestar atenção à revolução diplomática que se deu em solo norte-americano. Como mencionado anteriormente, os Estados Unidos haviam se envolvido de maneira bastante autoritária – para não dizer belicosa – no conflito entre Cuba e sua metrópole. Além disso, em 1898, negociaram com a Grã-Bretanha – à revelia do governo colombiano – o direito de construir o Canal do Panamá.

---

<sup>268</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit.2006. p.. 43

<sup>269</sup> Ibid., p. 43

<sup>270</sup> Ibid., p. 42

A diplomacia americana começa, então, a enviar agressivas e consistentes mensagens ao governo colombiano.<sup>271</sup> O conteúdo destas mensagens consistia no aviso de que, caso houvesse algum impedimento às negociações para a construção do canal, a secessão do Panamá teria total apoio de Washington. O presidente Marroquín, tendo que lidar ao mesmo tempo com a finalização da Guerra dos Mil Dias, classificou o assuntos do tratado como prioritários.

A partir de então o congresso colombiano se esforça para criar um tratado que pudesse ser aceitável para ambas as partes, o que se dá em março de 1903. Infelizmente o governo americano insiste em posicionar tropas ao longo do canal e, ao chegar ao senado americano, o projeto é modificado. O governo colombiano reage a esta medida autoritária da maneira mais comedida possível: alegando que tal movimento seria uma ameaça à soberania nacional, pede simplesmente pela reforma do acordo.

Em contrapartida, as elites panamenhas reagem da pior forma possível. Interpretam os atos do congresso colombiano como uma tentativa de atrasar as negociações, e posterior construção do canal. O governo americano igualmente não recebeu bem a notícia e interpretou o ato como quebra de contrato. O presidente americano da época, Theodore Roosevelt, já era bem conhecido por ser um homem implacável, mas será mais conhecido ainda em solo colombiano por tê-los chamado de “*contemptible little creatures*” e “*inefficient bandits*”.<sup>272</sup> Para os americanos – e também para os panamenhos, franceses e ingleses – o governo colombiano estava atrapalhando o caminho do progresso.<sup>273</sup>

Poucas semanas depois do conflito acerca do tratado pela construção do canal, uma rebelião irrompeu na Cidade do Panamá. Os rebeldes tinham um acordo prévio com o exército colombiano – envolvendo corrupção – para que este não os molestasse. A marinha americana estacionou seus navios ao longo de toda a costa atlântica da Colômbia, impedindo, assim, que o governo central enviasse novas tropas. O rebeldes declararam sua independência com total apoio dos Estados Unidos, os quais reconheceram-na em apenas três dias.<sup>274</sup>

Assim se separaram a Colômbia e o Panamá e este último se torna um jovem país independente e cobiçado por todas as potências estrangeiras. Ao mesmo tempo,

---

<sup>271</sup> Ibid., p.. 43

<sup>272</sup> Em tradução livre: “criaturinhas desprezíveis "e" bandidos ineficientes”

<sup>273</sup> Idem.

<sup>274</sup> Idem.

também se torna um país sob forte controle americano, tanto político como financeiro. O povo colombiano e seu governo terão um longo caminho pela frente para se recuperar da tragédia financeira e moral que essa independência traria. Teriam, também, de lidar com as consequências da tão recente guerra da qual ainda não tinham nem começado a se recuperar. O País e a economia estavam destruídos. A população jovem masculina tinha sofrido um enorme baque, justo a população que, à época, era a mais economicamente ativa.

Neste período, o saldo de mortos da guerra se torna um número bastante delicado. Enquanto alguns trabalham com números entre sessenta e cem mil, há aqueles que chegam aos cento e cinquenta mil ou mesmo um a cada cinco homens com idades entre dezoito e trinta anos. No entanto, o que é unanimidade entre os pesquisadores é o fato de que muitas destas mortes se deveram a epidemias ou a acertos de contas que acabaram disfarçados entre as mortes do conflito.<sup>275</sup> O fato é que a reconstrução do país dali em diante se tornaria muito mais penosa.

A guerra havia deixado destruição por onde passara e além de inúmeras perdas humanas, também havia as perdas financeiras para lamentar. O café, a estrela em ascensão da economia colombiana, tinha tido grande queda em suas exportações. Havia grande inflação nos preços de alimentos e de imóveis nas grandes cidades. A população sofria como um todo por conta do aumento dos impostos causados pelo conflito. Santander, um dos estados que foi palco da guerra, teve boa parte de sua infraestrutura arrasada, especialmente as estradas de ferro.<sup>276</sup> A destruição era imensa e o tempo necessário para curar as feridas da guerra também seria.

No período imediato após a guerra, enquanto havia esperança pela manutenção do Panamá, também havia esperança pela harmonia ou, ao menos, pela união passageira em nome da causa comum entre os partidos. Passada essa esperança, tal harmonia se desfez. Obviamente, ainda havia políticos – como o próprio Uribe – que permaneceriam partidários da aliança entre os dois partidos. No entanto, mais de cinquenta anos de conflito, disputa e ressentimento entre os dois grupos não se vão de maneira tão simples, especialmente logo após uma guerra tão sangrenta.

“Por vías múltiples, la guerra se inserto en la memoria nacional. (...) Cada veterano, cada familia, cada aldea tuvo sus propias memorias – héroes, solidaridades y lealtades -; pero

---

<sup>275</sup> Ibid., p. 41

<sup>276</sup> Ibid., p. 40

también la outra cara de la moneda de la memoria -  
desconfianza, rancor, odio -.”<sup>277</sup>

A filiação partidária destes homens e mulheres há muito já fazia parte de suas identidades e a guerra serviu para aumentar ainda mais o saldo de mortos de ambos os lados e, assim, o ressentimento. A Guerra serviu para reforçar a filiação partidária e sustentar a mitologia acerca destes mesmos partidos por meio de batalhas icônicas como as *Peralonso* e *Palonegro*. Aumentam ainda mais os antagonismos e a suspeição entre Liberais e Conservadores. O período que se segue, de 1903 a 1930, é um longo período sem guerras civis oficiais e após o qual os Conservadores entregam o poder aos Liberais após sua vitória eleitoral.<sup>278</sup> Mas as diferenças entre os dois partidos permanecem e quando períodos ditatoriais como os da *Violencia* chegam, essas diferenças voltam a se convulsionar com toda a força.

Muitas foram as tentativas de apaziguar os ânimos da população; das mais autoritárias – como a proibição de manifestações partidárias – às de caráter mitigatórias – como a criação das pensões para veteranos de ambos os lados. Tais pensões foram bastante positivas para o moral daqueles que combateram na guerra. Foram estabelecidas ainda na rendição de *Neerlandia*, assinada por Uribe Uribe e, nos próximos anos, teriam mais de trinta mil veteranos inscritos para receber o benefício.<sup>279</sup> A maioria deles passaria a vida toda esperando, como o fez o Coronel inominado, de *El coronel no tiene quien le escriba*. A bem da verdade é que um século de guerras civis fizeram da Colômbia um país em sobressalto, seria difícil mudar esta realidade.

A incongruência, todavia, mora na realidade dos comuns. A Colômbia do século XIX era conhecida por todos como um país instável e de economia frágil, porém promissora. Para a elite do país, no entanto, Bogotá era tão formidável que recebia a alcunha de *Atenas Suramericana* – em referência ao seu apreço pela cultura e pela presença respeitável de intelectuais em suas altas rodas. Alguns periódicos à época

---

<sup>277</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

<sup>277</sup> Em tradução livre: “Por vias múltiplas, a guerra se inseriu na memória nacional. (...) Cada veterano, cada família, cada aldeia teve suas próprias memórias – heróis, solidariedades y lealdades -; mas também a outra cara da moeda da memória - desconfianza, rancor, odio”

<sup>278</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit.2006. Pág. 41

<sup>279</sup> DEAS, Malcolm. Cien Años de los Mil Dias em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>>  
Acessado em: 08 de janeiro de 2014

percebiam essa ideia como tola, faziam graça da alcunha e, trocando apenas uma letra, a transformavam em *Apenas Suramericana*.<sup>280</sup>

A realidade colombiana ainda não era a de uma metrópole como queriam crer – ou ao menos fazer crer – suas elites políticas. Bogotá, por exemplo, em 1900 tinha apenas cem mil habitantes, sendo muito mais uma simples cidade do que uma moderna metrópole capitalista. Animais que pertenceriam a fazendas – galinhas, porcos e cavalos – poderiam ser avistados por toda a cidade e recorrentes surtos de lepra e febre amarela mantinham afastados imigrantes e investidores.<sup>281</sup>

As práticas violentas tão comumente associadas ao valor e a honra – como o assassinato em nome da honra, guerras entre famílias, execuções oficiais – demoraram a morrer. Neste período, no entanto, começam a ser vistas como decadentes. A ironia, então, se dá quando a elite que tão serialmente a praticava, culpa a existência e permanência de tais práticas – esta “Patologia Nacional” – à Raça Colombiana. Uma raça que deveria ser aprimorada com sangue europeu, sangue que se recusava a vir.<sup>282</sup>

Liderados por uma elite política cega a sua própria realidade e imbuída de preconceitos raciais e de classe, os colombianos viveram longos anos à sombra do que poderiam ter sido. Passam do controle britânico ao controle norte-americano – ainda que ressentidos da perda do Panamá. Substituem os lendários navios a vapor e os telégrafos que ecoam em *El amor em los tempos del cólera*, por linhas de trem e fazendas da United Fruit Company (UFC). O progresso chega devagar, mas a desigualdade de classes e o poderio estrangeiro perduram.

Durante a nova era da *Regeneración*, Liberais passam a ser admitidos no congresso pelos Conservadores e estes primeiros retribuem o cavalheirismo com movimentos apaziguadores. No palanque, ambos os partidos se mostravam em harmonia e, assim como na guerra civil de 1854, as elites se uniam para evitar a sublevação das classes mais baixas.<sup>283</sup> O País perde uma considerável parte de seu território e de sua população, mas não os velhos hábitos e tradições. Ambos os partidos concordaram com o fim da guerra, e ambos os partidos decidiram que melhor seria manter o que restava do país sob suas rédeas do que arriscar a perder tudo por uma guerra que já não podiam vencer.

---

<sup>280</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit.2006. p.. 44

<sup>281</sup> Ibid., p. 44

<sup>282</sup> Ibid., p. 46

<sup>283</sup> Ibid., p. 47

Homens como o General Uribe Uribe se tornam partidários da paz e passam a empregar grandes esforços para criar uma nova imagem da guerra: um desejado fim para um século de barbárie. Essa nova imagem da guerra é propagada pelos jornais ainda sob forte censura, pela política oficial e também por discursos itinerantes que se tornariam lugar comum neste período. O mais famoso destes foi perpetrado – ou deveria ter sido – pelo próprio General Uribe Uribe.

O discurso deveria ter acontecido em uma quarta-feira de dezembro de 1902, no Centro Social de *Barranquilla*, em um Caribe Colombiano arrasado pela guerra civil. Era 31 de dezembro, pouco mais de dois meses depois da rendição de *Neerlandia*, rendição assinada pelo próprio General Liberal Rafael Uribe Uribe, quando muitos colombianos ainda viviam a guerra.

O tratado final, de *Winsconsin*, havia sido assinado há pouco mais de um mês, mas a notícia ainda não havia chegado a todos. Muitos atentados e insurreições locais continuaram acontecendo. Mesmo que sem o apoio oficial de nenhum dos partidos, vendetas pessoais continuavam sendo acertadas. Seria somente em julho do ano seguinte que os dirigentes do governo puderam declarar o reestabelecimento da ordem pública. Neste cenário de permanente violência, Uribe se apresentaria como testemunha de que a paz era possível.

Naquele dia, um grupo de veteranos ouvia discursos, saudava, aplaudia e também esperava. Esperava pelo discurso de Uribe Uribe, um discurso redigido na intenção de apaziguar alguns corações e renovar as esperanças daqueles que sobreviveram à mais sangrenta das guerras civis colombianas do século XIX. Um século no qual elas se tornaram tão certas e tão cíclicas como as estações. Esperavam pelas palavras de seu general, assim como esperavam pela lei que promulgaria as pensões vitalícias, as quais lhes haviam sido prometidas.

Os homens e mulheres ali presentes nunca o ouviriam, no entanto. O general, último a discursar, teve de ir embora. Ia perder o trem. Mais de cem anos depois as palavras nunca ditas ainda são talvez as mais famosas sobre a Guerra dos Mil Dias, um discurso nunca pronunciado.

Naquela quarta-feira, o ex-general liberal não fez um discurso. Mas as palavras premonitórias, ou, pelo menos, era isso que estas pretendiam, seriam publicadas no jornal *El Porvenir* em fevereiro de 1903. E a partir daí se tornaram símbolo. Jamais seriam esquecidas. Aqui reproduzimos o discurso do General Uribe Uribe:

“Creo firmemente, señores, que todos cuantos estamos aquí y cuantos pertenecemos a esta generación infortunada, podemos jactarnos de haber visto la última guerra civil de Colombia. A nuestros nietos, a los que vengan a la vida después de este ciclo de horrores, y a quienes costará trabajo comprender el género de insania que nos llevó tantas veces a la matanza entre hermanos, podremos contarles, cuando ya seamos viejos, cómo y porqué somos los últimos representantes del fanatismo político, intransigente y cruel, y cómo y por qué tenemos el triste privilegio de haber presenciado el postrer huracán-largo, asolador y terrible, como que duró más de mil días y nada dejó en pie, ni en lo material ni en lo moral, que nos arrastró a los colombianos los unos contra los otros en choque furibundo. Aunque es posible que talvez hallemos, ya que no absolución, excusa siquiera, ante nuestros descendientes, considerando que si hasta ellos no llegó la fatal herencia, fue porque el escarmiento recayó integro sobre nuestras cabezas, sobre las cabezas de sus progenitores”<sup>284</sup>

Em seu discurso nunca pronunciado, o General Uribe sentencia a Guerra dos Mil Dias a ser a última guerra civil colombiana. Sabemos hoje, depois de estudar a dita guerra e conhecer da situação política da Colômbia durante o século que se iniciava, que aquela não foi a última guerra civil. Longe disso. Este detalhe, no entanto, não desmerece o valor de tal discurso para o nosso estudo.

Aqui percebemos que tais palavras não foram esquecidas, não se perderam dentre todos os discursos ditos por todos os políticos de seu tempo. Tornaram-se simbólicas de seu período. É um discurso que marca o fim da guerra e a derrota dos liberais, mas seu tom não é tristeza nem de amargura, mas, sim, de certo brio. Ele adota um tom positivo que coaduna com o tom do próprio Uribe.

O general não assina o tratado de *Neerlandia* satisfeito ou contente, não. Os Liberais perderam, perderam de novo, como já perdem há pelo menos quatro décadas e

---

<sup>284</sup> Rafael Uribe Uribe – Líder das tropas liberais durante a Guerra dos Mil Dias – discurso publicado no *El Porvenir*, fevereiro de 1903.

<sup>284</sup> Em tradução Livre: “Acredito firmemente, senhores, que todos os que estão aqui e os que pertencem a esta infeliz geração, podem vangloriar-se de ter visto a última guerra civil colombiana. Para os nossos netos, que virão à vida após este ciclo de horrores, e aqueles aos quais dará trabalho entender o tipo de loucura que muitas vezes levou a matar nossos irmãos, podemos dizer, quando estivermos velhos, como e por que somos os últimos representantes do fanatismo político, intransigente e cruel, e como e por que temos o triste privilégio de ter testemunhado o último grande furacão, assolador e terrível, que durou mais de mil dias e nada deixou em pé, material ou moral e que arrastou os colombianos uns contra os outros em odioso confronto. Embora seja possível que possamos encontrar, não absolvição, perdão ao menos, diante de nossos descendentes considerando que, se a eles não chegou a herança fatal, foi porque esta caiu por inteiro sobre as nossas cabeças, sobre a cabeça de seus pais ”

<sup>284</sup> Em: DEAS, Malcolm. **Cien Años de los Mil Dias** in: *Boletín Cultural y Bibliográfico*, v. 37, n. 54, 2000, Bogotá. Disponível em: <<http://www.banrepultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>> Acesso 14 de abril de 2014.

quatro guerras civis. Centenas de milhares morreram. O país estava dividido, ferido de morte. A Guerra dos Mil Dias não teve um final feliz. Mas não é esse o tom de Uribe Uribe. O ex-general deseja transmitir a seus companheiros em armas outro sentimento, um sentimento de esperança.

Para Uribe, os Liberais derrotados, ou mesmo os vitoriosos Conservadores não devem olhar para trás com amargor ou se desesperar ao contemplar um desenlace tão sofrido. Devem, sim, sentir orgulho de si mesmos e olhar para o futuro com esperança. Todos aqueles homens que deram suas vidas não o fizeram em vão, todo o sangue derramado não o foi sem propósito. A Guerra civil mais sangrenta da história da Colômbia não marca simplesmente o fim de uma era. O fim de uma era de guerras entre os próprios colombianos, o fim de uma era de violência e insanidade. Tudo acabou ali. Aquela guerra foi tão terrível justamente porque foi a culminância de um século de terror. Haviam chegado ao cume. Acabou. E o futuro terá a estes homens e ao seu sacrifício para agradecer.

O discurso de Rafael Uribe Uribe e o profundo desejo por redenção nele arraigado não se provaram verdadeiros. Justamente o contrário. O discurso se torna imortal por sua falha. Mas também por refletir um desejo comum e uma predisposição política. Um discurso que ecoa fundo no coração ferido de uma nação e também cumpre a sua função apaziguadora.

A importância de Uribe perante os veteranos e a população colombiana daquela época era tão grande, que um discurso jamais pronunciado repercutiu profundamente. O povo colombiano só o conheceu meses depois, quando publicado em jornal, mas dele não se esqueceu. Não foi um homem qualquer seu autor.

Uribe dedicou toda a sua vida ao Partido Liberal e ao intuito da Guerra. Como muitos homens de seu tempo, o general acreditava que a única maneira de chegar ao poder, de desfazer as injustiças perpetradas pelo período da *Regeneración*, era pela guerra, pela tomada violenta do poder.<sup>285</sup>

Para os colombianos de seu tempo, Uribe foi não só um militar liberal testado em quatro guerras civis diferentes, mas também um político e pensador. Autor de diversos livros, editor de diversos jornais, foi também representante dos Liberais no congresso por vários mandatos, além também de se tornar diplomata. Uribe era

---

<sup>285</sup> BENITEZ, Otto Morales. **El Pensador Rafael Uribe Uribe** in: Revista Derecho del Estado, n. 10, p. 198, 2001. Disponível em: <[http://portal.uexternado.edu.co/pdf/5\\_revistaDerechoDelEstado/numero10/ottoMoralesBenitez.pdf](http://portal.uexternado.edu.co/pdf/5_revistaDerechoDelEstado/numero10/ottoMoralesBenitez.pdf)> Acessado em 21 de fevereiro de 2014.

respeitado por aliados e opositores, era um estadista e um homem de armas, era um homem que, com o uso somente de palavras, também podia desferir terríveis golpes ou solucionar grandes problemas. No entanto é como general na Guerra dos Mil Dias que Uribe Uribe ganha status de herói nacional. Nas palavras de Benitez, estudioso do pensamento Liberal colombiano:

“Rafael Uribe Uribe se le conoce, ampliamente, como militar y como político. Sú presencia en la Guerra de los Mil Días le dio una imagen mítica. La defensa del liberalismo en el parlamento – la realizaba é solo, pues era la representación que admitía para toda la nación la Regeneración Conservadora de Nuñez y de Caro – tuvo el brillo del valor moral, de la entera de carácter, la idoneidad intelectual, que ya nadie pudo desconocer.”<sup>286</sup>

Uribe foi um hábil político de seu tempo. O seu valor não é restrito somente ao período no qual foi general dos liberais na Guerra dos Mil Dias, mas também aos muitos anos anteriores ao conflito. Durante este período, foi o único senador Liberal no parlamento, o único admitido dentro do regime de Nuñez. Ali combateu a perseguição a outras religiões se não a católica, combateu a perseguição aos Liberais e também a censura, tão característica do período da *Regeneración*. Também realizou esforços na ajuda política à independência cubana e a guerra na qual tal país se encontrava. Ajudou destituir leis como a *Ley de los Caballos*, que dava poderes ditatoriais de censura e perseguição ao estado contra qualquer um que se opusesse a este.<sup>287</sup> Tudo isso como o único membro Liberal do congresso.

Uribe dedicou sua vida a causa dos Liberais e as guerras civis entre os dois partidos. Lutou pela primeira vez com ainda dezessete anos nos exércitos de *Cauca*, na guerra civil de 1876. Lutou ao lado dos Liberais durante toda a sua vida adulta e também assistiu às derrotas do Partido Liberal. Mesmo na Guerra dos Mil Dias, o conflito que o tornou um homem famoso nacionalmente, o general sentiu novamente o

---

<sup>286</sup> Ibid., p. 206

Em tradução livre: “Rafael Uribe Uribe é amplamente conhecido como um militar e político. A sua presença na Guerra dos Mil Dias deu-lhe uma imagem mítica. A Defesa do liberalismo no parlamento – e a realização de tal feito sozinho, como era a única representação liberal admitida a todo o país pelos conservadores Nuñez e Caro - tinha o brilho do valor moral, a força do caráter, idoneidade intelectual, que ninguém poderia desconhecer.”

<sup>287</sup> PALÁCIOS, Marcos. Op Cit. 2006. p. 37

<sup>287</sup> A *Ley de los Caballos* era uma série de artigos firmados pessoalmente por Rafael Nuñez em 1888, que estabelecia, sem qualquer limitação, poderes ao executivo para prevenir e reprimir qualquer delito contra o estado, enfrentar conspirações de forma rápida, destituir qualquer militar, inspecionar e vigiar qualquer associação científica e institutos docentes. Essa lei foi derrubada pelo congresso em 1898, à beira da Guerra dos Mil Dias, com a liderança de Uribe Uribe. BENITEZ, Otto Morales. Op Cit. p. 202

amargo gosto da derrota. E uma derrota especialmente terrível, uma vez que veio acompanhada da sedição do Panamá.

Depois da Guerra dos Mil Dias, a estratégia política de Uribe se distanciou do velho sectarismo partidário. O ex-general já havia esgotado tais possibilidades. Agora se dedicava à harmonização dos dois partidos, a tentar encontrar um balanço para as duas vertentes políticas. Uribe comemoraria feitos como o da criação da *Ley de Minorías* que estabelecia que um terço do parlamento fosse formado por Liberais.<sup>288</sup>

Apesar de uma vida de guerras, Uribe Uribe se torna, nos últimos anos de sua vida, um estadista partidário da Paz. Um homem que continua lutando pelo partido Liberal, apenas desta vez dentro do congresso. Foi congressista por seguidos mandatos, por vezes sendo, novamente, o único Liberal na casa. Uribe dedicou o restante de sua vida a causa da paz dentro da Colômbia.

É preciso perceber nele não só a esperança por dias melhores, mas também intenção política. Uribe e os Liberais haviam perdido a guerra, contudo não pretendiam se afastar do mundo político. Os Liberais estabeleceram sua continuidade no cenário político e pensão vitalícia para seus veteranos. Uribe, dentre eles, se adaptou a sua nova realidade. Mudou seu discurso para temas mais apaziguadores e aceitáveis aos olhos dos Conservadores. E não só isso, passou a se dedicar a aumentar o alcance da máquina eleitoral do partido Liberal. Nos anos que se seguiram, Uribe se dedica à causa das questões sociais, principalmente dos trabalhadores urbanos das classes mais baixas. O partido Liberal fará bom uso desses novos eleitores no século que começava.<sup>289</sup>

A mensagem de Uribe é aqui muito interessante por seu valor histórico. Aqui também nos dedicamos a outras formas de discurso concernentes à Guerra dos Mil Dias e à espera pelas pensões. Uma outra forma de discurso que trata também da guerra e de suas consequências e que tem como personagem principal dois coronéis da Guerra dos Mil Dias. Coronéis que pertencem ao âmbito da ficção, mas que serão muito úteis para poder compreender a relação ente a história e a literatura.

---

<sup>288</sup> Ibid., p. 42

<sup>289</sup> Ibid., p. 42

<sup>289</sup> Uribe passaria inclusive a ser uma bandeira para o jovem socialismo colombiano na primeira metade do século XX. Tais grupos fariam de seu nome o mesmo que Nuñez fez do nome de Bolívar, torná-lo uma bandeira, um herói mítico fundador.

### **3.2 Pensões Vitalícias para Veteranos da Guerra dos Mil Dias:**

#### **A Espera de uma Vida**

Nesta seção nos dedicaremos às representações acerca da espera pelas pensões vitalícias para veteranos da Guerra dos Mil Dias em dois livros de García Márquez: *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene quien le escriba*. A espera pela pensão dos veteranos faz parte das narrativas – em maior ou menor proporção – de ambos os livros. Ela se dará através da análise de dois personagens: o Coronel Aureliano Buendía – de *Cien años de soledad* – e o Coronel inominado – de *El coronel no tiene quien le escriba*.

A escolha de ambas as obras para tratar de um mesmo assunto se baseia em sua apresentação temporal. Enquanto *Cien años de soledad* trata principalmente do século XIX, *El coronel no tiene quien le escriba* acontece completamente no século XX, mais especificamente nos anos de 1950. Na primeira obra, a espera pelas pensões aparece de maneira mais pontual uma vez que é centrada muito mais na Guerra dos Mil Dias em si. Já na segunda, a narrativa focaliza quase que exclusivamente a espera pelas pensões e nos dá a oportunidade de perceber também os conflitos políticos e a violência ainda existente entre os partidos Liberal e Conservador. *El coronel no tiene quien le escriba* também apresenta representações acerca da situação em que viviam os veteranos do conflito durante uma ditadura conservadora chamada de *La Violencia*, da qual aqui trataremos.

É nosso objetivo compreender a situação política colombiana imediatamente pós – Guerra dos Mil Dias. A espera pelas pensões é um adendo a já muita tensa relação entre os partidos Liberal e Conservador. Como mencionado anteriormente, a situação de harmonia entre os partidos sempre foi muito mais um discurso político que uma realidade e esta se torna ainda mais tensa durante o período da *La Violencia*. É nosso interesse aqui compreender este período conflituoso para, então, poder compreender as representações de ambos os partidos (Liberal e Conservador) que analisaremos através de *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene quien le escriba*.

A novela, cujo personagem principal é o Coronel inominado, se passa durante os turbulentos anos de 1950, durante o período conhecido como *La Violencia*. Esta foi uma nova guerra civil – desta vez não oficializada – entre Liberais e Conservadores que se deu entre 1946 e 1958 e levou o país a um longo período de assassinatos, emboscadas,

perseguições políticas e violência institucional. Este que se tornou um dos mais relevantes conflitos colombianos do século XX, levando à destruição da capital e números que giram entre quinhentos e três mil mortos. O período se inicia com o assassinato do candidato Liberal à presidência da república, Jorge Eliécer Gaitán e com o imediatamente decorrente Bogotazo.

O Bogotazo foi uma reação popular extremamente violenta ao também extremamente violento assassinato de Gaitán, à época relevante concorrente à presidência. Morto com diversos disparos pelas costas em plena rua e à luz do dia, não foi a única vítima: um de seus assassinos foi linchado até a morte no mesmo local pelos populares. Tais atos de violência levaram ao conflito generalizado que toma a cidade em nove de abril de 1948. O conflito se torna assim tão vultuoso justamente pela enorme tensão proveniente dos conflitos da *La Violencia*, os quais já eram parte da realidade colombiana desde dois anos antes. A novela de García Márquez se dá neste período, mais especificamente durante a ditadura de Rojas Pinilla - 1953 a 1957 – no auge da *La Violencia*. Um período de severa violência institucional e ausência de eleições.

É neste torvelinho político que se passa *El coronel no tiene quien le escriba* e em sua narrativa nos são apresentadas representações acerca dos partidos Liberal e Conservador. É importante lembrar: esta novela trata de pobreza, da dor da perda de um filho e da angústia e humilhação da espera. Da mesma maneira, vemos aqui a pior faceta de ambos os partidos: quando não violentos e autoritários, são desonrados e traidores. Ao longo dos próximos parágrafos faremos uma análise das representações de ambos os partidos neste mesmo período histórico, no entanto o faremos em ambas as obras aqui mencionadas: *El coronel no tiene quien le escriba* e *Cien años de soledad*.

O Partido Liberal é representado em ambas as obras como decadente, um partido que traiu seus ideais. Os altos membros do partido Liberal são representados como corruptos e traidores dos ideais do partido e aqueles membros de patentes mais baixas são representados como homens velhos que esperam passivamente – não por escolha – na pobreza uma pensão que nunca viria.

O Partido Liberal, partido do personagem título de *El coronel no tiene quien le escriba*, não goza de alta conta com este ou sua esposa. Em todas as passagens as quais se referem ao partido, este parece algo muito distante e incompreensível. Poucas são as passagens que falam da glória antiga da guerra, agora já passados cinquenta e seis

anos,<sup>290</sup> a maioria se dedica a tratar de como o partido vendeu seus ideais por um posto no congresso. Esta perspectiva também é apresentada pelo Coronel Aureliano Buendia em *Cien años de soledad*.

A primeira referência ao partido feita pelo Coronel inominado é muito interessante para compreender o efeito do tempo na representação do partido. Em busca do antigo terno de seu casamento que pretendia usar no enterro – pela falta de opção que a pobreza impõe – o Coronel inominado abre um baú antigo e cheio de naftalinas no qual encontra um guarda-chuva. Tal Guarda-chuva, como o Coronel mesmo brinca: “Agora só serve para a gente contar as estrelas”. Um guarda-chuva velho e furado como as lembranças positivas em relação ao Partido Liberal. O próprio objeto havia sido adquirido por sua mulher em uma rifa para angariar fundos para o partido de seu marido,<sup>291</sup> num tempo em que estes ainda viam o partido com esperança, no tempo que Agustín ainda era vivo. Melhor. No tempo que Agustín ainda era criança.

“Ahora Agustín estaba muerto y el forro de raso brillante había sido destruído por las polillas.”<sup>292</sup>

Assim como o guarda-chuva, a confiança que o Coronel inominado tinha em seu partido estava velha e esburacada. Depois de tantas décadas após a guerra, depois tantas décadas após a lei das pensões vitalícias para os veteranos, cúpula do Partido Liberal se distanciou dos oficiais de menor importância como o Coronel inominado e se manteve a portas fechadas no senado, ou acumulando riquezas a olhos vistos.

Logo depois da Guerra dos Mil Dias, os dirigentes do Partido Liberal sofreram grande perseguição e a maioria destes se foi da cidade do Coronel. Alguns poucos tiveram maior sorte, ou foram corruptos o suficiente para permanecer. Um dos representantes desta última classe é justamente a personagem de Don Sabas. Definido pelo médico sorridente como o “El único animal que se alimenta de carne humana es don Sabas”<sup>293</sup>.

Ainda na mesma novela, Dom Sabas é o último dirigente do partido que restou na cidade, um homem que fez sua fortuna através de negociatas com correligionários do partido adversário. Comprando barato as terras dos homens de seu próprio partido

---

<sup>290</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op Cit. (1989). p. 3

<sup>291</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op Cit. (1989). p. 4

<sup>292</sup> Ibid., p. 5

<sup>292</sup> Em tradução Livre: “O Filho agora estava morto e a seda brilhante fora destruída pelas traças”

<sup>293</sup> Ibid., p. 38

expulsos da cidade ou fugidos antes que a guarda fosse bater em suas portas acompanhada da morte.<sup>294</sup> Nas palavras da esposa do coronel:

“Ahí tienes a mi compadre Sabas con una casa de dos pisos que no le alcanza para meter la plata”<sup>295</sup>

Outra classe que é citada em *El coronel no tiene quien le escriba* é a dos políticos Liberais. Para o Coronel e sua esposa esses são os grandes traidores da causa do partido liberal que entregaram as armas em nome de assentos no senado. O Coronel Aureliano Buendía, em *Cien años de soledad*, apresenta a mesma perspectiva em relação aos políticos Liberais. De modo interessante, ambos os personagens desprezam aquilo que foi o próprio General Uribe Uribe do plano da realidade, um veterano da Guerra dos Mil Dias que passou defender políticas de apaziguamento junto aos Conservadores em vez de lutar pelos veteranos mais pobres de seu partido. Ambos os personagens desprezam exatamente aquilo que Uribe se tornou.

A novela aqui analisada apresenta representações dos liberais como homens “escrupulosamente peitados, abanicándose en el patio de su casa al compás de la música.”<sup>296</sup>, enquanto o Coronel inominado e seus companheiros passam fome. Enquanto o Coronel inominado e seus companheiros cumpriram com o seu dever na guerra, os políticos Liberais cumprem como o dever de “ganarse mil pesos mensuales en el senado durante veinte años”<sup>297</sup> A representação do Partido Liberal pós-Guerra dos Mil Dias é, tanto aqui quanto em *Cien años de soledad*, o de traidores da própria causa e homens sem honra.

Já o Partido Conservador recebe uma representação ainda mais severa em ambos os livros: são representados como cruéis, violentos, corruptos e antidemocráticos. Passada a Guerra dos Mil Dias, estes se mantiveram no poder e o fizeram a través de violência, corrupção<sup>298</sup> e longos períodos sem eleições<sup>299</sup>. Essa violência também é retratada tanto em *Cien años de soledad* quanto em *El coronel no tiene quien le escriba*.

---

<sup>294</sup> Ibid., p. 39

<sup>295</sup> Ibid., p. 33

<sup>295</sup> Em tradução livre: “Aí está nosso compadre Don Sabas com uma casa de dois andares que não dá para guardar tanto dinheiro”

<sup>296</sup> Ibid., p. 43

<sup>296</sup> Em tradução livre: “escrupulosamente bem penteados se abanando no conforto de suas varandas ouvindo música”

<sup>297</sup> Ibid., p. 33

<sup>297</sup> Em tradução livre: “ganhar mil pesos por mês no senado durante vinte anos.”

<sup>298</sup> Ibid., p. 38

<sup>299</sup> Ibid., p. 11

Em ambas as obras a violência se abate de cima para baixo. Esta é institucional e não encontra quem possa detê-la.

Em *Cien años de soledad* podemos perceber as representações acima mencionadas. Veremos esta violência institucional (pós-Guerra dos Mil Dias) no corpo do Massacre das Bananeiras. Este é relevante por se tratar de uma ação governamental contra grevistas da companhia americana United Fruit Company (UFC), ou seja, uma companhia que representava interesses estrangeiros em detrimento do próprio povo colombiano. Tal passagem é representativa da violência institucional do governo Conservador.

No plano da ficção, eram homens e mulheres que trabalhavam nas plantações de banana e que exigiam melhores condições de trabalho e assistência médica. O governo federal se colocou a favor da Companhia Bananeira – como é chamada no romance – e exige o fim da greve com graves ameaças. Os grevistas desobedecem tal ordem e são massacrados. Mortos aos milhares, homens, mulheres e crianças são metralhados em praça pública e seus corpos são jogados ao mar, como era de praxe fazer com as bananas estragadas.

Enquanto em *Cien años de soledad* a violência institucional pós-Guerra dos Mil Dias se centra no Massacre das Bananeiras, em *El coronel no tiene quien le escriba* esta se torna mais ampla e igualmente letal. Aqui a representação do regime Conservador é igualmente a de um regime violento, mas também a de um regime corrupto e antidemocrático.

A novela começa com os sinos chamando para o enterro de um jovem músico morto na véspera. O personagem título se arma com toda a dignidade que pode produzir para a ocasião, afinal o morto era amigo de seu filho o falecido Augustín. Relevante é justamente o comentário do Coronel : “Este entierro es un acontecimiento. Es el primer muerto de muerte natural que tenemos en muchos años.”<sup>300</sup>

A história se passa no fim da década de 1950, quando o período da *La Violencia* vinha chegando ao fim. Seus estragos, no entanto, ainda permanecem muito vivos na memória. O povoado inominado – tal qual seu Coronel, representativo de todos os povoados – ainda vive em estado de sítio<sup>301</sup> no qual há toque de recolher às onze horas

---

<sup>300</sup> Ibid., p. 5

<sup>300</sup> Em tradução livre: “Este enterro é um grande acontecimento, sim. É o primeiro morto de morte natural em muitos anos”

<sup>301</sup> Ibid., p. 11

da noite<sup>302</sup> e o padre censura os filmes no cinema. O estado de sítio também não permite que o velório do músico passe em frente à delegacia, o Alcaide – de cuecas e fazendo a barba em sua varada – manda dar a volta. O Alcaide, a figura política maior na cidade, é representado como um homem rude, deselegante, sem pudores e autoritário, que enforça em sua cidade um estado de sítio. Um estado sítio tal em que na parede da alfaiataria se lia o letreiro: “Prohibido hablar de política”.<sup>303</sup>

Nesta realidade opressora, a população encontrou um meio de comunicar o que a censura não permitia, os panfletos clandestinos. Nestes pedaços de papel que passavam de mão em mão, havia notícias da resistência armada no interior do país. Nas palavras do médico sorridente: “Es lo que no decían los periódicos de ayer”<sup>304</sup>

Já fazia dez anos que os panfletos clandestinos circulavam de mão em mão e perigosamente faziam o seu caminho ao redor da cidade dentro de um envelope, no bolso de uma calça, na mão dos jovens e dos velhos e, às vezes, nas mãos da polícia. Qualquer um visto carregando um panfleto clandestino poderia ser executado no ato e este, infelizmente, foi o destino de Augustín, o filho do nosso Coronel.

Augustin morreu a menos de um ano – na linha temporal da narrativa – crivado de balas, na rinha de galos, onde estava distribuindo os panfletos subversivos. Não houve o que dizer ou fazer. O alcaide era a autoridade e ele mesmo autorizou a medida. O Coronel e sua esposa tiveram de enterrar o filho sem dizer uma palavra. A partir daí, criou-se o código que os amigos de Augustín usam para os panfletos subversivos: “Escribió Agustín.”<sup>305</sup> Como se os envelopes amassados contendo as notícias da resistência fossem cartas de seu velho amigo.

Finda a nossa análise da representação dos partidos Conservador e Liberal em *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene quien le escriba*, compreendemos que existe na verdade uma representação geral a respeito dos partidos após a Guerra dos Mil Dias: ambos os partidos são representados de forma negativa. Há representação de violência entre ambos, mas agora também há representação de hipocrisia política.

---

<sup>302</sup> Ibid., p. 32

<sup>303</sup> Ibid., p. 26

<sup>303</sup> Em tradução livre: “É proibido falar de política”

<sup>304</sup> Ibid., p. 13

<sup>304</sup> Em tradução livre: “É o que os jornais de ontem não disseram”

<sup>305</sup> Ibid., p. 25

<sup>305</sup> Em tradução livre: “Augustín escreveu”

Analisamos as representações em ambas as obras por meio dos personagens dos coronéis que não se tornaram políticos, mas simples veteranos. O Coronel inominado além de veterano é também um homem que espera pela sua *Jubilación*, pela sua pensão. E é dele e das representações acerca da espera pela pensão vitalícia para os veteranos que trataremos neste momento.

Aqui, muito nos interessa compreender a construção da personagem do Coronel inominado. Diferentemente do Coronel Aureliano Buendía, personagem do romance outrora mencionado, o Coronel inominado é um homem comum, sem grande prestígio ou importância durante a guerra. Terminada esta, ele volta a ser um homem simples cujo único grande afazer é esperar pela chegada do correio.

Enquanto o Coronel Aureliano Buendía é construído parcialmente a partir de representações acerca do General Rafael Uribe Uribe, a personagem do Coronel inominado de *El coronel no tiene quien le escriba*, é construída principalmente sobre as representações de García Márquez a respeito do veterano comum. Um dos veteranos com quem o autor mais conviveu é justamente o seu avô, o Coronel Nicolás Márquez Mejías. O avô de Gabriel García Márquez foi veterano da Guerra dos Mil Dias e esperou por décadas pela pensão vitalícia, como muitos de seus companheiros de armas. Assim como o personagem do Coronel inominado, o veterano comum era um homem simples, sem grandes patentes ou funções de liderança durante a guerra e que passou os anos seguintes ao conflito confiando no benefício prometido à época da assinatura do acordo de paz.

O livro guarda preciosas imagens a respeito dos veteranos da Guerra dos Mil Dias que esperaram desafortunadamente pela chegada de sua pensão de guerra, a chamada *Jubilación*. Trataremos então a partir de agora deste personagem tão rico em símbolos, o Coronel inominado, e da novela a que pertence, *El coronel no tiene quien le escriba*.

Uma das impressões mais fortes logo no início da narrativa – talvez apenas depois da extrema pobreza em que vivia o Coronel – é a constante e melancólica menção ao mês de outubro. Embora seja um dos símbolos máximos do livro aqui analisado, essa menção não lhe é exclusiva.

“Outubro seria sempre o mês mais desolador e mais triste, tempo de augúrio maléfico nos romances de Gabriel García Márquez.”<sup>306</sup>

---

<sup>306</sup> MARTIM, Gerard. Op cit. pag. 46

É preciso aqui entender que o mês de Outubro tem sua própria carga, independente das obras de García Márquez. É um mês marcado pela violência e é considerado de mau agouro na cultura da Colômbia. Outubro marca o início da Guerra dos Mil Dias – 1899 – o trágico assassinato de Rafael Uribe Uribe – 1914 – e, além de tudo, marca um tradicional período de calamidades públicas causadas pela chuva constante e estarrecedora, mencionada no primeiro capítulo.

Em *El coronel no tiene quien le escriba*, outubro é o mês de chuvas torrenciais e intermináveis, um mês de vísceras em convulsão. Em *Cien años de soledad*, outubro é também o mês da morte do Coronel Aureliano Buendía.<sup>307</sup> Esta representação negativa a respeito do mês de outubro pode ter sua origem numa série de fatos que se deram ao longo dos anos no seio da família do autor, além daqueles outrora mencionados. Foi em outubro que o Coronel Nicolás Márquez – avô do autor – matou um homem, Medardo Pacheco.<sup>308</sup> O assassinato em defesa da honra, levaria a família da província onde vivia e levaria o Coronel Nicolás Márquez a cumprir um ano de sentença na prisão de Santa Marta.<sup>309</sup> O avô de García Márquez lhe diria sempre, em tom de desconsolo: “Você não sabe o quanto pesa um morto”.<sup>310</sup>

Esses acontecimentos foram tão duramente marcados na memória de García Márquez que tomaram forma em *Cien años de soledad*, na figura de José Arcadio Buendía e Prudencio Aguilar.<sup>311</sup> Assim como a maioria dos temas em suas obras, essa passagem advém do seio familiar de Márquez, de suas experiências quando ainda criança, das ações protagonizadas por seus entes queridos ou ainda por personagens históricos. Márquez traz estas experiências e tradições para a sua obra e é isto que a torna tão interessante para um estudo das representações. As histórias de García Márquez estão sempre repletas de pequenos fragmentos de histórias reais, como ele mesmo disse: “A melhor fórmula literária é sempre a verdade”.<sup>312</sup>

Ao fim do tratado de Neerlandia, foi anunciada a criação de pensões vitalícias para veteranos de guerra. Essa lei, que abrangia veteranos tanto do Partido Conservador quando do Partido Liberal, nunca realmente chegou a beneficiar a maior parte dos mesmos. Muito depois do fim da Guerra dos Mil Dias, o congresso finalmente viria a

---

<sup>307</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). p. 305

<sup>308</sup> MARTIM, Gerard. Op cit. p. 42

<sup>309</sup> Ibid., p.45

<sup>310</sup> Ibid., p.46

<sup>311</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). p. 31

<sup>312</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) p 31

promulgar a lei, mas não sem criar uma burocracia projetada especificamente para garantir o seu fracasso. A burocracia estatal, tão diligentemente retratada em ambas as obras fará com que a chegada das ditas pensões para muitos não chegue nunca. Como retratado em *Cien años de soledad*:

“El presidente de la república se negó a asignar las pensiones de guerra a los antiguos combatientes, liberales o conservadores, mientras cada expediente no fuera revisado por una comisión especial, y la ley de asignaciones aprobada por el congreso. ‘Esto es un atropello -tronó el coronel Aureliano Buendía-. Se morirán de viejos esperando el correo.’”<sup>313</sup>

A descrição de tal burocracia também é patente em *El coronel no tiene quien le escriba*. Aqui, o personagem título trata longamente da terrível burocracia estatal com seu advogado e a frustração de um encontra a resignação do outro. Seu advogado lhe explica longamente os trâmites da dita burocracia e inclusive a possibilidade de que sua documentação já esteja há muito perdida.

“Pero en los últimos quince años han cambiado muchas veces los funcionarios. Piense usted que ha habido siete presidentes y que cada presidente cambió por lo menos diez veces su gabinete y que cada ministro cambió sus empleados por lo menos cien veces”<sup>314</sup>

Depois de oficializada a lei, cada um dos veteranos deveria construir seu caso. Este deveria conter não só uma carta explicativa da patente e ações de guerra, mas também testemunhos e provas, quanto mais extensa, melhor. Uma vez criada tal documentação, ela deveria ser enviada às autoridades a fim de que passassem por um processo de justificação. Durante cada um destes processos, a dita documentação deveria ser acompanhada por advogados e seus honorários pagos pelo requerente. Uma vez terminado tal processo, o veterano deveria simplesmente esperar.

Milhares deles esperaram por décadas que a burocracia colombiana lhes concedesse o benefício, a maioria deles morreu esperando. Esperaram os companheiros do Coronel Aureliano Buendía, o avô de García Márquez e seus irmãos em armas,

---

<sup>313</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 209

<sup>313</sup> Em tradução livre: “O pretexto se ofereceu, efetivamente, quando o Presidente da República se negou a conceder as pensões de guerra aos antigos combatentes, liberais ou conservadores, enquanto cada processo não fosse revisto por uma comissão especial e a lei das concessões aprovada pelo Congresso. ‘Isto é uma confusão’, trovejou o Coronel Aureliano Buendía. ‘Vão morrer de velhice esperando o correio.’”

<sup>314</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1989) p. 21

<sup>314</sup> Em tradução livre: “Nos último quinze anos mudaram muitas vezes de funcionários (o Ministério da Guerra). Lembre-se de que houve sete presidentes e cada um deles mudou pelo menos dez vezes de gabinete; e que cada ministro mudou de auxiliares pelo menos cem vezes”

milhares de veteranos por toda a Colômbia e também o Coronel Inominado e seus amigos.

“dijo el coronel, por primera vez dándose cuenta de su soledad-. Todos mis compañeros se murieron esperando el correo.”<sup>315</sup>

Esse quadro de abandono seria ainda mais intenso na região caribenha da Colômbia, onde a maior parte dos veteranos pertencia ao Partido Liberal – partido perdedor da guerra e com menos representantes políticos nos escalões do governo. Tais homens tinham não só amargado a derrota, mas esperavam por suas pensões sem qualquer resposta definitiva e vivendo sob a égide de um regime opressor. Como combatentes da guerra, arriscaram suas vidas pelo ideal partidário, tinham uma razão para ser e sentiam-se cheios de valor. Agora, veteranos, muitos doentes, mutilados, sem possibilidades para encontrar meio de sustentar a si mesmos e às suas famílias, encontram-se largados na pobreza, relegados ao esquecimento de suas lutas, de seus esforços na construção do que pensavam ser uma pátria melhor. Nada significavam para aqueles que estavam, então, no poder. Por isso, percebem-se esquecidos, tratados como “dispensáveis” e alijados da única compensação oferecida: a pensão. É uma situação humilhante que se torna palpável na pessoa do Coronel Inonimado.

Essa situação era tão flagrante e tão comum entre os veteranos que aparecerá também em outros livros de García Márquez. Em *Cien años de soledad*, e também fala-se da dura realidade dos veteranos de guerra. Estes criaram inclusive uma organização específica para ajudar com a documentação, repartir os dividendos dos advogados e se protegerem.

Em *Cien años de soledad*, enquanto o Coronel Aureliano Buendía se mostrou orgulhoso demais para aceitar a pensão vitalícia, seu amigo mais próximo, o Coronel Guerineldo Márquez, não só esperou por esta, mas também fez parte de organizações de veteranos. Esta personagem é muito interessante pela sua correlação com a grandeza política do amigo famoso, Buendía, mas também com outros veteranos mais simples, que precisam esperar pela pensão. Com o sobrenome Márquez – assumimos aqui em uma referência à experiência da família Márquez na guerra – este coronel é o outro lado

---

<sup>315</sup> Ibid., p. 19

<sup>315</sup> Em tradução livre: “Zangou-se o coronel, pela primeira vez dando-se conta de sua solidão – todos os meus companheiros morreram esperando o correio”

da moeda de seu amigo Buendía. O Coronel Guerineldo Márquez é um homem mais simples, menos heroico, porém um fiel amigo, um homem honrado. Um homem que, do alto de sua simplicidade não negou a *Jubilación*, e teve, junto com seus companheiros.

No trecho a seguir, o autor, descreve a sorte do Coronel Guerineldo Márquez e seus companheiros:

“Hizo con ellos la guerra triste de la humillación cotidiana, de las súplicas y los memoriales, del vuelva mañana, del ya casi, del estamos estudiando su caso con la debida atención; la guerra perdida sin remedio contra los muy atentos y seguros servidores que debían asignar y no asignaron nunca las pensiones vitalicias. La otra guerra, la sangrienta de veinte años, no les causó tantos estragos como la guerra corrosiva del eterno aplazamiento.”<sup>316</sup>

As organizações dos veteranos, contudo, não tiveram mais sorte. Em *El coronel no tiene quien le escriba*, o advogado do Coronel inominado menciona a “Associação Municipal de Veteranos” que, formada por veteranos de ambos os partidos existiu quinze anos antes e mesmo ela não obteve grandes efeitos.<sup>317</sup> Tanto na novela quanto na realidade poucas foram as pensões que realmente foram entregues. Durante um curto período, chegaram a ser anunciados no jornal listas com os novos pensionistas, listas que enchiam de esperança o Coronel inominado. No entanto, já havia cinco anos que as listas deixaram de ser publicadas, para desespero do personagem principal.

O livro que estamos aqui analisando é o epítome máximo dessa espera. Embora esta seja retratada em muitas das outras obras de Gabriel García Márquez, neste livro a espera toma toda a história. Os sentimentos de impotência, medo, abandono, a expectativa eternamente frustrada são somados à miséria opressora em que vive o Coronel inominado.

Estes mesmos sentimentos estavam presentes na casa de Aracataca, a casa onde cresceu Gabriel García Márquez e na qual o coronel Nicolás Márquez, avô do autor, como veterano de guerra, também esperava pela pensão.

“O avô em pessoa fez o expediente, até mesmo com excesso de testemunhas juramentadas e documentos de

---

<sup>316</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) p. 278

<sup>316</sup> Em tradução livre: “Fez com eles a guerra triste da humilhação cotidiana, das súplicas e dos memorandos, do volte amanhã, do está quase, do estamos estudando o seu caso com a devida atenção; a guerra perdida sem salvação contra os mui atenciosos e leais servidores que deviam assinar e não assinaram nunca as pensões vitalícias. A outra guerra, a sangrenta de vinte anos, não lhes causara tantos estragos quanto a guerra corrosiva do eterno adiamento.”

<sup>317</sup> Ibid., p.19

comprovação, e ele próprio os levou a Santa Marta para assinar o protocolo de entrega.”<sup>318</sup>

Também assim procedeu o Coronel inominado. Cerca de oito anos após a promulgação da lei, foi terminado o processo de justificação dentro da ficção. Depois disso, o coronel esperou mais seis anos para ser incluído no quadro.<sup>319</sup> Entrou oficialmente para a lista de pensionistas em 1949<sup>320</sup> e seu número de inscrição era o 1823.

Uma das marcas mais fortes presentes em *El coronel no tiene quien le escriba*, é a da espera pela lancha do correio. Todas as sextas-feiras o coronel se dirigia ao posto do correio, às vezes até o porto da cidade, onde esperava pela chegada das cartas que vinham de além do rio.

“Cada vez que lo hacía, el coronel experimentaba una ansiedad muy distinta pero tan apremiante como el terror.”<sup>321</sup>

Ali, o Coronel não enfrentava somente a angústia da antecipação ou desilusão em ver que não havia cartas para ele. Também sentia a humilhação de precisar das cartas e o brio ferido em precisar esconder sua decepção. A necessidade de ocultar esta dorida espera e a pobreza que ela gera dá nome ao título da obra: *El coronel no tiene quien le escriba*. A frase é dita justamente pelo oficial do correio que, quando interpelado se haveria correspondência para o nosso herói. E o adjetivo que García Márquez escolhe para a sensação vivida pelo Coronel neste instante é “terror”.<sup>322</sup>

Os aspectos do medo, humilhação e angústia se tornam ainda mais poderosos quando compreendemos que tal espera é construída a partir das memórias da vivência de Gabriel García Márquez quando ainda criança. Seu avô, o coronel Nicolás Márquez, o levava com ele para esperar o correio e ali este entra em contato pela primeira vez com a espera.

“Uma de suas caminhadas favoritas (de García Márquez) era ir ao posto de correio numa quinta-feira, para ver se havia alguma notícia sobre a pensão do coronel, referente à

---

<sup>318</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) p. 78

<sup>319</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1989) p. 18

<sup>320</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1989) p. 22

<sup>321</sup> Ibid., p. 10

<sup>321</sup> Em tradução livre: “(O Coronel) Toda vez que fazia esse roteiro experimentava uma ansiedade bem diferente, mas tão opressiva quanto o próprio terror”

<sup>322</sup> Ibid., p.10

guerra civil de vinte e cinco anos atrás. Nunca havia notícias, fato que deixou uma forte impressão no menino.”<sup>323</sup>

As memórias que García Márquez gravou a respeito desta espera foram de muita intensidade. Não só por questões concernentes ao despropósito do governo, mas também em razão das dificuldades financeiras ocasionadas pela espera indefinida da aposentadoria do avô. Este tema é uma das partes centrais de *El coronel no tiene quien le escriba*, e as representações a ele ligadas são tão fortes, que aparecem também em *Cien años de soledad*. Detalhes como este só enriquecem a percepção de que a literatura é construída a partir da realidade vivida pelo autor.

“Los otros (veteranos), los más dignos, todavía esperaban una carta en la penumbra de la caridad pública, muriéndose de hambre, sobreviviendo de rabia, pudriéndose de viejos en la exquisita merda de la gloria.”<sup>324</sup>

A pobreza é um dos temas centrais da obra e retrata uma situação que foi comum aos veteranos da Guerra dos Mil Dias. A *Jubilación*, a pensão vitalícia para os veteranos, era, muitas vezes, a única promessa de fonte de renda para homens já mais velhos ou mesmo mutilados pela guerra, sem mencionar viúvas e órfãos que dela dependiam.

Em *El coronel no tiene quien le escriba*, a espera pela carta é elemento de tensão da narrativa e é agravada pela dificuldade financeira vivida pelo casal protagonista que, desde a morte de seu filho, vítima da violência institucional, já não tem mais como se sustentar. Já muito mais velhos, não têm qualquer fonte de renda e sua luta pela sobrevivência cria uma crescente sensação de angústia e de impotência. Nas palavras do próprio autor:

“La momentánea frustración de sus proyectos le produjo una confusa sensación de vergüenza y resentimiento”<sup>325</sup>

Ao longo da narrativa, ambos – com orgulho ferido – compraram fiado, deixam de fazer refeições por longos períodos, contemplam a possibilidade de comer o galo e também a de vender qualquer coisa de valor da casa. O coronel e a sua esposa vivem os dois meses em que se passa a história do pouco dinheiro que sobrara da venda da

---

<sup>323</sup> MARTIM, Gerard. Op cit. pp 81

<sup>324</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007). p. 279

<sup>325</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1989) p. 36

<sup>325</sup> Em tradução livre: “A frustração momentânea dos seus projetos produziu-lhe uma sensação confusa de ressentimento e vergonha”

máquina de costura de seu filho, quando este morreu.<sup>326</sup> A única peça que efetivamente conseguem vender ao longo da narrativa, embora tenham tentado se desfazer não só dela, mas também de uma pintura e um relógio de parede.

Esse fato é ainda mais duro para o Coronel. Ele passa boa parte da narrativa tentando discretamente vender o relógio ou mesmo o galo de modo a não alardear a sua pobreza e, assim, preservar seu orgulho. O Coronel não consegue fazer nenhuma das duas vendas. A sua esposa toma outro caminho. Tenta vender o relógio e a pintura da ninfa com menos discricção e a muitas pessoas. Acaba não tendo sucesso e ferindo o orgulho de seu marido.<sup>327</sup>

As semelhanças entre a família do personagem de *El coronel no tiene quien le escriba* e da família de Gabriel García Márquez são muitas. O autor, como já tratamos anteriormente, cria as suas obras a partir da realidade. Um exemplo é administração das casas e a pobreza em ambos os paralelos. A esposa do Coronel inominado é uma senhora de muito mais idade que dona Tranquilina Márquez – a avó de Gabriel García Márquez – e, em adendo, sofre de uma terrível asma que por vezes a deixa prostrada por dias.<sup>328</sup> A família de García Márquez não só era mais jovem e saudável como mais numerosa e o trabalho e sustento da casa se dava de maneira um pouco mais fácil, mas não simples.

Na casa de Aracataca, onde cresceu o autor, o sustento era provido pelas mulheres. O coronel se ocupava em receber visitas e talhar os tão significativos peixinhos de ouro, assim como o coronel Aureliano Buendía.<sup>329</sup>

“Dava trabalho acreditar que a avó Mina, com suas mulheres despistadas fosse o pilar econômico da casa quando os recursos começaram a escassear. (...) Quando já não dava mais, Mina continuou sustentando a família com sua doceria, os animaizinhos e caramelo que eram vendidos no povoado inteiro, as galinhas d’angola, os ovos de pato, hortaliças do pátio dos fundos.”<sup>330</sup>

O mesmo ofício de dona Tranquilina Márquez, avó do autor, aparece em *Cien años de soledad*, como o de Úrsula Iguarán, a matriarca dos Buendía. Tal qual a avó da realidade, Úrsula sustenta a casa por meio de sua empresa de animaizinhos de caramelo desde a juventude até que perde a visão. Enquanto os ofícios dos homens da casa nunca

---

<sup>326</sup> Ibid., p. 14

<sup>327</sup> Ibid., p.32

<sup>328</sup> Ibid., p. 23

<sup>329</sup> Ibid., p. 263

<sup>330</sup> Ibid., p.77

são descritos ou especificados e, em geral, giram em torno da alquimia ou a fabricação de peixinhos – ambas as ocupações sem retorno financeiro.

A avó de García Márquez enfrentava os percalços financeiros de seu marido e a espera pelo correio com uma obstinada paciência, mas não cansava de repetir aos netos: “Morro tranquila porque sei que vocês receberão a pensão de Nicolasito.”<sup>331</sup>

Aqui o importante é compreender a posição social como agente de pobreza. O Coronel inominado, embora sequer tivesse como comprar comida, gozava de certa importância dentro da cidade onde vivia. Seus amigos próximos eram o médico e Don Sabas, companheiro de armas do Coronel, o homem mais rico da região. O prestígio de que gozava o Coronel inominado adivinha de sua importância na Guerra dos Mil Dias. Esta passagem aparece tanto em *Cien años de soledad* como em *El coronel no tiene quien le escriba* – o Coronel inominado tinha o posto de tesoureiro da revolução na circunscrição de Macondo e guardava um recibo de próprio punho do coronel Aureliano Buendía, pela entrega dos fundos da revolução.<sup>332</sup> E é esta a faceta que ele quer manter. É esta versão de si mesmo que ele não quer deixar morrer.

O mesmo aconteceu com o avô de García Márquez. O coronel Nicolas Márquez gozava de muito prestígio em Aracataca tendo, mesmo nos tempos mais difíceis, um escritório para receber as visitas que chegavam todos os dias. Recebia, inclusive, homens de alta importância no país como os generais Liberais Rafael Uribe Uribe e Benjamín Herrera.<sup>333</sup>

“A casta do avô era uma das mais respeitáveis, mas também a menos poderosa. Mesmo assim, se diferenciava das demais por uma respeitabilidade reconhecida até mesmo pela alta hierarquia da Companhia Bananeira. Era a dos veteranos liberais das guerras civis, que ficaram por lá depois dos últimos tratados (...).”<sup>334</sup>

No entanto, seria um equívoco aqui dar a entender que o coronel não trabalhava. O avô de Gabriel García Márquez era Tesoureiro de Aracataca e foi administrador de várias fazendas,<sup>335</sup> isso enquanto a saúde lhe permitiu. Apesar dos cargos de nomes pomposos e do prestígio que tinha, sua posição de derrotado na guerra não lhe permitia obter os dividendos necessários para sustentar a casa.

---

<sup>331</sup> Ibid., p.78

<sup>332</sup> Ibid., p. 20

<sup>333</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2009) p. 36

<sup>334</sup> Ibid., p. 46

<sup>335</sup> Ibid., p. 82

Muito embora gozasse de tamanho prestígio, o coronel Nicolás Márquez nunca deixou de esperar o correio. “O correio, que nunca foi uma coisa urgente na família, converteu-se então num enviado da Divina Providência.”<sup>336</sup>

Enquanto o tom de *Cien años de soledad* seria a própria solidão – os personagens acabavam todos se tornando ensimesmados e incapazes de amar – em *El coronel no tiene quien le escriba* a palavra chave seria angústia, a angústia da espera. A angústia provocada por esta espera e elevada ao seu grau máximo pela opressão do período da *La Violencia*.

Talvez não haja ninguém melhor para expressar esta angústia que o próprio narrador de *El coronel no tiene quien le escriba*: “Necesitó medio siglo para darse cuenta de que no había tenido un minuto de sosiego después de la rendición de Neerlandia”.<sup>337</sup>

Dentro dessa complexa mistura entre pobreza e orgulho, surge um dos mais importantes símbolos da novela aqui trabalhada: o galo de briga. Herdado de Agustín, o filho do Coronel inominado, o galo é uma estranha mistura de tristeza, angústia e esperança. Será a motivação do Coronel durante toda a história e o levará a conflitos entre seus amigos, dentro de sua casa e dentro de si mesmo.

É importante entender: o galo de briga pertencia a Agustín. Essa é a única razão pela qual ele não vira sopa logo nas primeiras páginas. É um galo que demanda trabalho e dinheiro quando rinhas de galo sequer fazem parte dos hábitos do Coronel ou sua esposa. Ele só é adotado pelo casal por ser herança de seu filho morto de maneira tão trágica.

Essa relação é muito difícil para a esposa do Coronel. Ela abomina o galo desde o princípio. Não acredita honestamente que seja assim tão importante mantê-lo. A memória que tinha do filho é, na verdade, manchada pelo bicho, uma vez que Agustín foi assassinado em uma rinha de galos. Ela se ressentia muito das economias que faziam na casa para alimentar o galo, achava pecado:

“Es una ilusión que cuesta caro. Cuando se acabe el maíz tendremos que alimentarlo con nuestros hígados.”<sup>338</sup>

---

<sup>336</sup> Ibid., p.78

<sup>337</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1989) p. 33

<sup>337</sup> Em tradução livre: “Precisou de meio século para se dar conta de que não havia gozado de um minuto de sossego desde a rendição de Neerlandia”

<sup>338</sup> Ibid., p. 9

O Coronel, no entanto, decide manter o bicho e, com ele, todos os desafios de criar um animal “Atleta”. Não é fácil. O casal vivia em uma situação de pobreza muito difícil e o galo demandava cuidados financeiros não só com comida, mas também precisava de injeções. Enquanto o Coronel fazia a barba pelo tato na falta de um espelho há anos e pulava refeições regularmente, o galo precisava comer.

Aqui entra em cena a intervenção de personagens externos à casa: os amigos de Agustín. Os rapazes que trabalhavam com ele na alfaiataria eram fãs de rinhas de galo de briga e se ofereciam para ajudar o coronel com o custeio do galo; o que já aliviava muito as tensões em casa e também a qualidade da comida. A esposa do Coronel chega a “pegar emprestado” com o galo um pouco de milho para uma canjica.<sup>339</sup>

As condições financeiras da família continuam a se agravar, no entanto. O dinheiro do qual estavam vivendo desde que venderam a máquina de costura de Agustín estava acabando e o Coronel começa a vislumbrar a ideia de vender o galo. Quem apresenta a ideia é ninguém mais ninguém menos que Don Sabas, que toca na cifra de novecentos pesos. O Coronel fica sem ação:

“Era la cifra más alta que el coronel había tenido en su cabeza después de que restituyó los fondos de la revolución”<sup>340</sup>

Os percalços que se seguem a partir de tais propostas são muitos: A indecisão de vender o galo, o sentimento de estar traindo o filho, a nova – e menor – cifra que propôs Don Sabas e o dinheiro por ele emprestado – sessenta pesos – que farão o Coronel se sentir preso a tal promessa. Pior, a decepção que sentiu sua esposa quando este finalmente decidiu não vender o galo. Ela já havia criado listas de coisas que pretendia fazer pela casa e pelo marido, comprando fiado com a promessa de pagar na manhã seguinte, mais do que isso, tinha se enchido de esperanças.

Porém, é justamente a esperança que muda a decisão do Coronel. O galo, como mencionamos anteriormente, é este grande símbolo de esperança, não só para o Coronel, mas para toda a cidade. A longo da narrativa, nós nos deparamos com os vários personagens que enchem os olhos quando veem o galo, quando lhe fazem visitas, promessas ou até quando o sequestram.

---

<sup>338</sup> Em tradução livre: “É uma ilusão que custa caro! Quando o milho acabar teremos de alimentá-lo com nossos fígados”

<sup>339</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1989) p. 31

<sup>340</sup> Ibid., p. 30

<sup>340</sup> Em tradução livre: “Era a cifra mais alta que tivera na cabeça desde que restituíra os fundos da revolução”

Logo nas primeiras páginas, um grupo de crianças está sempre visitando o bicho, levam milho e até uma galinha para cruzar – tal qual faziam com o Coronel aureliano Buendía durante a Guerra dos Mil Dias.<sup>341</sup> As crianças passam horas admirando o galo até o ponto de terem de ser enchotadas da casa pelo Coronel:

“No miren más a ese animal. Los gallos se gastan de tanto mirarlos”<sup>342</sup>

O médico sorridente que desmerece a oferta de Don Sabas e incentiva o Coronel a manter o galo.<sup>343</sup> Os amigos de Agustín que economizaram para apostar no bicho nas rinhas e, ao saberem das dificuldades do Coronel, se oferecem para pagar as despesas do galo.<sup>344</sup> Mais ainda, são os amigos de Agustín que sequestram o bicho para que ele não perdesse o treino.

Este é um episódio de grande significação. O Coronel vai até a rinha e lá vê seu galo ter sucesso, vê seu galo conseguir lutar contra outro e se sair bem. O Coronel tem suas esperanças renovadas. Tudo o que passou com Don Sabas, a humilhação de pedir que comprasse o galo, o dinheiro emprestado, até mesmo a espera pela pensão, todas as amarguras e desilusões se desfazem. Pegou o galo vitorioso nas mãos e sentiu nele toda a força que não acreditava ter mais dentro de si:

“Estremeció la caliente y profunda palpitação del animal. Pensó que nunca había tenido una cosa tan viva entre las manos.”<sup>345</sup>

Naquele instante sentiu o que todos já sentiam. A real importância do galo era justamente a maneira como este trazia esperança para todos. Dentro do regime opressor onde viviam, a escolha do Coronel de não vender o galo a Don Sabas é uma vitória para todos. Afinal, os amigos de Agustín sentenciaram: o galo não era mais seu e, sim, de toda a cidade.<sup>346</sup>

A espera do coronel se revela, então, ser também a espera de todo o povoado amordaçado e danificado pela opressão. E a vitória do galo é uma necessária oposição ao governo opressor. Um governo que não só tentara lhe tomar o galo, mas também

---

<sup>341</sup> Ibid., p.31

<sup>342</sup> Ibid., p.. 4

<sup>342</sup> Em tradução livre: “Prem de olhar! Os galos se gastam quando a gente olha muito para eles”

<sup>343</sup> Ibid., p.. 38

<sup>344</sup> Ibid., p.. 27

<sup>345</sup> Ibid., p.. 43

<sup>345</sup> Em tradução livre: “Ficou estremecido com a quente e profunda palpitação do animal. Pensou em que nunca tivera uma coisa tão viva entre as mãos.”

<sup>346</sup> Ibid., p.. 44

tinha matado seu filho na rinha. Filho que também não era só seu. Era amigo, vizinho, afilhado, aluno, funcionário, colega. Agustín era de toda a cidade assim como seu galo agora o era.

*El coronel no tiene quien le escriba* é uma obra formada por um povoado sem nome e um coronel sem nome. São sem nome a cidade e o coronel porque estes representam todas as pequenas cidades colombianas e todos os veteranos da Guerra dos Mil Dias. É uma obra que conta a história de uma população empobrecida, de um governo opressivo e da angústia da espera. Aqui, Gabriel García Márquez conta a história de todos os veteranos da Guerra dos Mil Dias que esperaram pelo correio, de todos os pais que perderam seus filhos para o opressor governo Conservador, de todos os jovens liberais que contrabandeavam panfletos subversivos, temendo por suas próprias vidas e, ainda assim, resistindo à situação tão adversa, de todos os povoados que não podiam fazer passar em frente à delegacia o cortejo de um pobre músico morto. *El coronel no tiene quien le escriba* é, sem dúvida nenhuma, o mais multitudinário de todos os livros de García Márquez.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Cuando los escritores mueren, se transforman en libros; no es esa después de todo, una reencarnación demasiado mala”

Jorge Luis Borges

Em uma triste coincidência, este trabalho termina no mesmo ano em que termina a vida de Gabriel García Márquez. O grande autor morre aos oitenta e sete anos e deixa órfãos milhares de leitores em todo o mundo. A nós também.

Jorge Luís Borges sentencia: quando os escritores morrem, se transformam em livros. Os escritores deixam de existir na matéria humana, mas permanecem em suas obras, em seu legado. Permanecem seus gênios criativos e também em seus gênios transpositores. Os dois escritores – Borges e García Márquez – foram capazes de transpor a sua própria realidade para suas obras, a representação que tinham do passado de seu país, da realidade de seu povo e do mundo. De si mesmos e de sua comunidade.

Esta transposição de realidade, a maneira como Gabriel García Márquez escreve não só sobre seus personagens, mas também sobre todos os colombianos, em especial aqueles da região mais ao norte, o Caribe Colombiano, foi um dos mais importantes temas desta pesquisa.

García Márquez escreve *Cien años de soledad* à máquina e descalço. Mas também escreve a sua obra com a história de seu povo e dos costumes que são comuns a ele e a sua comunidade. É importante entender, há realidade dentro da ficção de García Márquez. Aquela realidade mimetizada pela representação de que tanto tratamos neste trabalho e da qual o próprio autor afirma fazer uso. Em suas entrevistas à Apuleyo Mendonza, afirma ser sua obra feita da matéria do real:

“Acho que a imaginação é apenas um instrumento de elaboração da realidade. Mas a fonte de criação, afinal de contas, é sempre a realidade. E a fantasia, ou seja a invenção pura, e simples, à Walt

Disney, sem nenhum pé na realidade, é a coisa mais detestável que pode haver.<sup>347</sup>

Como tratamos anteriormente, o estudo aqui empreendido é o das representações. O convívio do autor com seus familiares e sua comunidade o levaram a criar percepções da realidade, representações do mundo que habitava. Estas representações que são, então, naturalmente transmitidas à sua obra, são divididas com os colombianos e, por isso, muito nos interessam.

A percepção de que mesmo o lirismo mais absurdo de seus livros tem por raiz a mais pura experiência deve ser entendida com minúcia, pois é a única maneira de compreender o funcionamento da representação como matéria prima da literatura. O próprio autor postula: “Não há nos meus romances uma linha que não seja realidade”.<sup>348</sup>

García Márquez, ainda em o *El olor de la guayaba*, quando explica a Apuleyo Mendonça como se dá a construção de seu texto, afirma não acreditar que haja real diferença entre Macondo e o resto da América Latina :

“Percebi de repente que não estava inventando nada, mas simplesmente captando e me referindo a um mundo de presságios, de terapias, de premonições, de superstições, se você quiser, que era muito nosso, muito latino-americano. Lembre-se, por exemplo, daqueles homens que no nosso país conseguem tirar pela orelha, rezando orações, os vermes de uma vaca. Toda a nossa vida diária, na América Latina, está cheia de casos como esse.”<sup>349</sup>

García Márquez apresenta uma narrativa na qual é possível identificar a América Latina e se identificar com ela. Esses contos caribenhos evocam contos da ancestralidade comum entre os latino-americanos, contos de ruralidade, pobreza, isolamento e também contos sobre o insólito. Seus livros falam dos costumes e das histórias de seu povo, da hierarquia familiar e da hierarquia da guerra, de economia doméstica e da economia de um país inteiro.

Em *Cien años de soledad*, o autor volta a contar a história da cidade de Macondo. Tal cidade já havia figurado em várias de suas obras anteriores, mas é aqui

---

<sup>347</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) p. 34

<sup>348</sup> Ibid., p.40

<sup>349</sup> Ibid., p. 66

que se torna mítica. A cidade surge e é destruída durante a narrativa e também ela é representativa da Colômbia e do isolamento de suas províncias.

Macondo começa a existir quando é fundada pelos Buendía e o grupo de famílias que com eles se lançam a tal empreitada. Seu objetivo inicial era chegar ao mar, mas se perdem no caminho e acabam por escolher a região onde fundam a cidade por sua proximidade ao rio. Macondo é, desde o seu princípio, encravada no desconhecido. Seus fundadores ignoram a sua real localização e durante as primeiras décadas, somente ciganos conseguem encontrá-los. São isolados tal qual as regiões da própria Colômbia, a Colômbia da realidade.

Ao longo desta pesquisa tratamos longamente da maneira pela qual o isolamento das regiões colombianas irá contribuir para o seu lento desenvolvimento e para as sangrentas guerras civis que marcarão o século XIX. Macondo é a mais pura representação deste isolamento. Meio século se passará antes que a primeira linha de trem chegue à cidade, décadas se passarão até que a primeira figura da autoridade federal se estabeleça. E quando esta o faz tem de enfrentar o patriarca Buendía que não compreende e não deseja autoridade política em seu povoado. Um povoado tão esquecido pelo mundo de fora e tão jovem que nem sequer tinha ainda um cemitério: “Somos tan pacíficos que ni siquiera nos hemos muerto de muerte natural”.<sup>350</sup>

*Cien años de soledad* leva consigo várias preciosas representações. Aqui nos deparamos com a Guerra dos Mil Dias pela primeira vez nas obras de Gabriel García Márquez. Uma guerra civil, que no plano da realidade durou pouco mais de três anos, no plano da ficção se prolonga por vinte e três longos anos e é marcada por fracassos e derrotas do lado dos Liberais.

“El coronel Aureliano Buendía promovió treinta y dos levantamientos armados y los perdió todos.”<sup>351</sup>

No plano da ficção, a guerra foi longa e sangrenta, se estendeu por mais de duas décadas de encarniçada guerrilha. A representação aqui é a de uma guerra longa e sem esperanças. Uma guerra que se estendeu por vinte e três anos e levou o Coronel

---

<sup>350</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) Pag 70

<sup>350</sup> Em tradução livre: “Somos um povo tão pacífico que nem sequer morreremos de morte natural”

<sup>351</sup> MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (2007) Pag 125

<sup>351</sup> Em tradução livre: “O coronel Aureliano Buendía promoveu trinta e duas revoluções armadas e perdeu todas.”

Aureliano Buendía a extremos de crueldade e autoritarismo. A guerra o mudou e lhe permitiu ver toda a sorte de negociações entre os partidos que o levaram a não mais acreditar em seus representantes.

A Guerra dos Mil Dias em *Cien años de soledad* é representada como uma guerra de infanda violência e uma violência sem propósito, sem final feliz. A duração fictícia da guerra, não é aleatória. Ela representa um sentimento de desgaste e descrédito de todo um povo. García Márquez se dedica a mostrar tal guerra sem nenhuma glória, sem nenhum heroísmo. Esta é apresentada como crua, longa, árdua e sem propósito. Uma representação dividida entre o autor e sua comunidade, entre sua família.

A espera pela pensão é igualmente um dos principais temas deste trabalho. Esta espera é representada como longa, árdua, humilhante e infrutífera. Há representações em *Cien años de soledad* e também em *El coronel no tiene quien le escriba*. Em ambos os livros é representada da mesma maneira, como o ponto máximo da humilhação dos veteranos, homens que sobreviveram a uma guerra que não lhes trouxe sucesso ou mudanças, homens que envelheceram esperando por um benefício que garantiria a segurança financeira de suas famílias. Homens que morreram esperando.

Gabriel García Márquez testemunhou a espera por tais pensões no seio de sua família e também entre seus pares. Na sua comunidade viviam muitos veteranos liberais e ele assistiu ao drama de cada um. García Márquez divide com sua comunidade esta representação, essa percepção da espera pelas pensões como algo degradante, injusto e infrutífero. Seus personagens que por ela esperaram, tanto o Coronel inominado - *El coronel no tiene quien le escriba* - quanto o coronel Guerineldo Márquez - *Cien años de soledad* -, são vítimas de um acordo nunca cumprido. São representativos de uma sociedade em espera, ainda marcada pela violência partidária passada e presente.

Durante este trabalho nos dedicamos a estudar as representações do caribe Colombiano em García Márquez. Representações de sua guerra mais terrível e das consequências desta em dois dos livros mais importantes do autor. O Caribe Colombiano foi nossa personagem principal e assim, não há como terminar este trabalho sem nos reportarmos a ele.

García Márquez em suas conversas com Apuleyo Mendonça declarou certa vez que as conspirações dos Mares das Antilhas, a maneira como foi forjado o próprio

Caribe Colombiano, estavam repletas de “infinitos segredos ao grito”.<sup>352</sup> Pois também é a sua obra. Os livros do autor são repletos, desta matéria comum do Caribe Colombiano e também da América Latina. Repletos das representações de horror e violência da guerra civil, da incongruência da eterna disputa partidária até os sentimentos mais íntimos de solidão e angústia. Estas representações vêm até nós por meio do próprio autor, mas também das representações de todos os colombianos.

Através das obras de García Márquez podemos nos aproximar da realidade e do cotidiano histórico da Caribe Colombiano. Embora a realidade não seja a mesma da ficção, ela está permeada de representações. Está repleta de experiências e da imaginação do autor a tornando próxima do real. Esta percepção nos foi muito cara durante todo o estudo aqui empenhado: A literatura e a história são muito próximas. Ambas trabalham a partir da realidade, mas nenhuma das duas é capaz de apresentá-la perfeitamente. Em ambas somos capazes de nos aproximarmos do real, ou ao menos da nossa percepção do real, sem jamais alcançá-lo. Tanto esta pesquisadora quanto o próprio Gabriel García Márquez trabalharam com pistas do real, versões possíveis do real. A literatura e a história se dedicam não à realidade, mas sim ao verossímil, ao que poderia ter ocorrido, passível de credibilidade.

Aqui, sob a égide da História Cultural, estudamos duas das obras de García Márquez as quais partem do real e neste se baseiam, são fantástica fonte para compreender representações a cerca da Guerra dos Mil Dias. No entanto, não são puramente o real, são misto de intensão, sentimento, memória, ideologia e o lirismo tão próprio deste grande autor. Não muito diferente da própria história, é verdade. Uma vez que ambas a literatura e a história são narrativas, um plural misto de realidade e ficção.

---

<sup>352</sup>MARQUEZ, Gabriel Garcia. Op cit. (1985) Pag 104

## Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. **História das Mentalidades** In: Jacques Le Goff (org.). **História nova**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1990

BENITEZ, Otto Morales. **El Pensador Rafael Uribe Uribe** in: Revista Derecho del Estado, n. 10, p. 198, 2001. Disponível em:  
<[http://portal.uexternado.edu.co/pdf/5\\_revistaDerechoDelEstado/numero10/ottoMoralesBenitez.pdf](http://portal.uexternado.edu.co/pdf/5_revistaDerechoDelEstado/numero10/ottoMoralesBenitez.pdf)> Acessado em 21 de fevereiro de 2014

BENJAMIN, Walter. **A Imagem de Proust**. Obras Escolhidas. Volume I. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985

CANDIDO, Antonio. **O Personagem do Romance** in CANDIDO, Antonio (Org.). **A Personagem de Ficção** 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011

CATROGA, Fernando. **Memória e História** In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil, 1992

COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História e Literatura: Identidades e Fronteiras**. 1 ed. Uberlândia, MG: Edufu, 2006

\_\_\_\_\_. **Literatura Escravista: uma Arte da Memória** in COSTA, Cléria Botelho(Orgs.). **Um Passeio com Clio**. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2002

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre dos Gatos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987

DEAS, Malcolm. **Cien Años de los Míl Dias** em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-5.pdf>> Acessado em: 08 de janeiro de 2014

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. 2 ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989

GONZÁLES, Jorge Orlando Melo. **Caciques y Gamonales: Perfil Político** Disponível em: <[www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/agosto1998/10401.htm](http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/agosto1998/10401.htm)> Consultado em 22 de março de 2014

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2 ed. São Paulo, SP: Centauro, 2011

HENAO, Rafael Gómez. **La Plobación y Calidad de Vida en el Siglo XX: Los Cambios en los Indicadores de Población**. p. 1. Em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/lms/moodle/mod/resource/view.php?id=72995>> Acessado em: 13 de março de 2014

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001

INÊS, Mena Lucila. **História Fantasia y Mito en Cien Años de Soledad**. George Tonw : George Tonw university Press, 1971

JARAMILLO, Carlos Eduardo. Guerra de los Mil Días: Reclutamientos, ascensos y desertiones. in: Biblioteca Virtual del Banco de la República. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/enero2000/121guerra.htm>>. Acesso em 23 nov. 2011

JARAMILLO, Carlos Eduardo. Reflexiones sobre la guerra de los Mil Días. In: Biblioteca virtual Del Banco de la República. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/enero2000/121reflexiones.htm>>. Acesso em 23 nov. 2011

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cien Años de Soledad**. Bogotá: Alfaguara, 2007

\_\_\_\_\_. **Cheiro de Goiaba**. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1985

\_\_\_\_\_. **Crônica de uma Morte Anunciada**. Rio de Janeiro: Record, 2010

- \_\_\_\_\_. **El Coronel no Tiene quien le Escriba.** Caracas.  
Venezuela: Biblioteca de Ayacucho, 1989
- \_\_\_\_\_. **O Amor nos Tempos do Colera.** Rio de Janeiro: Record,  
1985
- \_\_\_\_\_. **Ojos de Perro Azul.** Barcelona: Editora Plaza e Janés,  
1997
- \_\_\_\_\_. **Os Funerais da Mamã Grande.** Rio de Janeiro: Record,  
2007
- \_\_\_\_\_. **Viver Para Contar.** Rio de Janeiro: Record, 2008
- MARTIN, Gerald. **Gabriel García Márquez.** Uma Vida. Rio de Janeiro: Ediouro,  
2010
- MEDÍNA, Elizabeth Ramos. **La Muerte en las Obras de Gabriel García Márquez .**  
Colorado: University of Colorado Press, 1975
- MEJÍA, Alvaro Tirado. Colombia: **Siglo y Medio de Bipartidismo** em <  
<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo6.htm>> Acessado em: 23  
de janeiro de 2013
- MELO, Jorge Orlando. **Orígenes de los partidos políticos en Colombia:** Los Partidos  
en Colombia III <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/politica/origcol/part3.htm>>  
Acessado em 15 de janeiro de 2013
- MENDONZA, Hugo Andrés Arenas. **¿Estado irresponsable o responsable?:** la  
responsabilidad patrimonial del estado colombiano, luego de la guerra civil de 1876-  
1877. Santa Fe de Bogotá: Editora Universidad del Rosario. 2009
- MOLANO, Henrique Santos. **La Guerra de los Mil Días** em:  
<<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/mayo2004/guerra.htm>>  
Acessado em: 23 de janeiro de 2014
- PALACIOS, Marco. **Between Legitimacy and Violence.** A History of Colombia 1875-  
2002. 2 ed. North Carolina: Duke University Press, 2006

PEARCE, Jenny. **Colômbia dentro del Laberinto**. Bogotá: Altamir Ediciones, 1992

PESAVENTO, Sandra Jathay . **Este Mundo Verdadeiro das Coisas de Mentira: entre a Arte e a História**. v. 1. Brasília: O Herege, 2006

\_\_\_\_\_. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2004

PINZÓN, Ivonne Suárez. **Rafael Uribe Uribe y Aureliano Buendía em Cien Años de Soledad**. HAOL, Núm. 18. 2009

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV, vol. 5, n. 10, 1992

PRIETO, Fabián. **Una anatomía de la población colombiana: la técnica estadística en Colombia y el levantamiento del censo de población en 1912**. *Memoria & Sociedad* - Vol. 9 No. 19. 2005 em: <  
[http://www.javeriana.edu.co/Facultades/C\\_Sociales/memoria/MEMORIA19/PRIETO.pdf](http://www.javeriana.edu.co/Facultades/C_Sociales/memoria/MEMORIA19/PRIETO.pdf)> Acessado em 13 de março de 2014

RAMOS JUNIOR, Dornival Venâncio. **Narrativa e Geografia no Caribe Colombiano**. 1962 -1984. 2009. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História – UnB, Universidade de Brasília, Brasília.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. Campinas: Unicamp , 2007

ROSENFELD, Anatol. **Literatura e Personagem** in CANDIDO, Antonio (Org.). *A Personagem de Ficção* 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011

SÁNCHEZ, Gonzalo. **Passado y Presente de la Violencia in Colombia**. Bogotá: CEREC, 1986

WESLEYS, Ferguson Jhon . **Gabriel Garcia Marquez**. A Study of Cien Años de Soledad . Ann arbor, 1986

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**. Ensaios Sobre a Crítica da Cultura (trad.: Alípio de Franca Neto). São Paulo: Edusp. 2001

## **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, Marina Procópio Rodrigues da Cunha, declaro para todos os efeitos que a Dissertação de Mestrado “Representações da Guerra dos Mil Dias em Cem Anos de Solidão e Ninguém Escreve ao Coronel” foi integralmente por mim redigida, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, idéias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

---

Quatorze de Agosto de 2014